UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Faculdade de Ciências

ENSINO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ENTRE TEORIAS PEDAGÓGICAS E A PEDAGOGIA DO ESPORTE

VITOR CRAVEIRO DE LIMA

Bauru
2024

VITOR CRAVEIRO DE LIMA

ENSINO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ENTRE TEORIAS PEDAGÓGICAS E A PEDAGOGIA DO ESPORTE

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - campus de Bauru, como um dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Educação Física, no período Integral.

Bauru

2024

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradecer a Deus, por me dar a oportunidade dessa formação, na Universidade da qual eu sempre sonhei.

A minha família e amigos, por sempre terem me incentivado, apoiado e dado o suporte necessário para que isso fosse possível.

A minha orientadora, que sempre esteve ao meu lado, me auxiliando e me dando todo suporte necessário nesse momento tão importante, sem ela nada disso seria possível.

Aos meus amigos de curso, que estiveram comigo ao longo desses anos, e que sempre me apoiaram e ajudaram quando necessário.

E por fim, ao Handebol Masculino Unesp Bauru, pela força compartilhada nos momentos de dificuldades, frustrações e desafios, e por proporcionar experiências inesquecíveis e extraordinárias.

RESUMO

O presente estudo parte do ensino do esporte na Educação Física Escolar envolvendo a articulação entre teorias pedagógicas e a pedagogia do esporte, buscando promover a formação integral dos alunos. Assim, o objetivo deste estudo foi analisar a relação que os professores de Educação Física estabelecem ou não entre as teorias pedagógicas da Educação Física Escolar e a pedagogia do esporte quando ensinam esporte em suas aulas. O estudo se pautou pela abordagem qualitativa da pesquisa, circunscrita à orientação descritiva, envolvendo como participantes 10 professores da rede pública de ensino, dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, em uma cidade do interior do Estado de São Paulo. Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas estruturadas. Os resultados revelaram categorias que foram organizadas em: 1) Estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física; 2) Desafios e enfrentamentos identificados no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física; 3) Desenvolvimento da criticidade entre os alunos nas aulas de Educação Física ao se ensinar esportes; 4) Suportes para o aprimoramento docente e a melhora da qualidade do ensino dos esportes nas aulas de Educação Física. É importante ressaltar que o confronto entre as teorias pedagógicas da Educação Física Escolar e a pedagogia do esporte aponta para a necessidade de estratégias pedagógicas que integrem a aprendizagem do esporte com uma formação crítica, superando desafios como a padronização e a falta de flexibilidade no ensino dos esportes. Esse alinhamento pode favorecer o desenvolvimento da criticidade entre os alunos, ampliando sua compreensão sobre o papel social do esporte. Além disso, reforça a importância do compromisso político com a formação docente e o suporte pedagógico, essenciais para melhor qualificar as práticas de ensino e torná-las mais inclusivas e transformadoras.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Ensino, Esporte, Teoria, Pedagogia.

ABSTRACT

This study is based on the teaching of sports in Physical Education at School, involving the articulation between pedagogical theories and sports pedagogy, seeking to promote the integral education of students. Thus, the objective of this study was to analyze the relationship that Physical Education teachers establish or not between the pedagogical theories of Physical Education at School and sports pedagogy when teaching sports in their classes. The study was based on the qualitative approach of research, limited to the descriptive orientation, involving as participants 10 teachers from the public school system, from the 8th and 9th grades of Elementary School and High School, in a city in the interior of the State of São Paulo. Semi-structured interviews were conducted for data collection. The results revealed categories that were organized into: 1) Pedagogical strategies used by teachers in teaching sports in Physical Education classes; 2) Challenges and confrontations identified in teaching sports in Physical Education classes; 3) Development of critical thinking among students in Physical Education classes when teaching sports; 4) Support for teacher development and improving the quality of sports teaching in Physical Education classes. It is important to emphasize that the confrontation between the pedagogical theories of School Physical Education and sports pedagogy points to the need for pedagogical strategies that integrate sports learning with critical training, overcoming challenges such as standardization and lack of flexibility in sports teaching. This alignment can favor the development of critical thinking among students, expanding their understanding of the social role of sports. In addition, it reinforces the importance of political commitment to teacher training and pedagogical support, which are essential to better qualify teaching practices and make them more inclusive and transformative.

Keywords: School Physical Education, Teaching, Sport, Theory, Pedagogy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....07
CAPÍTULO 1.....10
O ENSINO DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O QUE DIZEM AS TEORIAS PEDAGÓGICAS DA ÁREA**.....10**
CAPÍTULO 2.....19
O ENSINO DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O QUE DIZ A PEDAGOGIA DO ESPORTE**.....19**
CAPÍTULO 3.....30
TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**.....30**
3.1 Abordagem de investigação.....30
3.2 Participantes do estudo, técnica e procedimento de coleta de dados.....31
3.3 Análises de dados.....33
CAPÍTULO 4.....36
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....36
4.1 Estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física.....36
4.2 Desafios e enfrentamentos identificados no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física.....42
4.3 O desenvolvimento da criticidade entre os alunos nas aulas de Educação Física ao se ensinar esportes.....46
4.4 Suportes para o aprimoramento docente e a melhora da qualidade do ensino dos esportes nas aulas de Educação Física.....51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....57
REFERÊNCIAS.....59
APÊNDICES.....63
APÊNDICE 1 - TCLE.....63
APÊNDICE 2 - ENTREVISTAS COM OS DOCENTES.....65

INTRODUÇÃO

Antes de entrar na Universidade, eu sempre fui apaixonado por esportes nas aulas de Educação Física e fora dela. Eu fui atleta de Handebol pela cidade de Bauru por muitos anos, e quando entrei na faculdade de Educação Física, sempre busquei me aprimorar além das disciplinas ofertadas. Infelizmente, eu ingressei no ano da pandemia, e isso acabou dificultando um pouco as coisas, mas eu sempre tive vontade de buscar e aprender.

No final de 2022, surgiu a oportunidade de fazer parte de um Projeto de Residência Pedagógica, fomentado pela Capes, que tinha por finalidade fomentar projetos institucionais que deveriam ser implementados por Instituições de Ensino Superior em escolas públicas, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores para a educação básica nos cursos de licenciatura.

Permaneci nesse programa por 18 meses, passei por três escolas e pelos três níveis diferentes de ensino, e foi a partir daí que eu pude ver, vivenciar e experienciar a realidade profissional docente de uma forma e por um contexto bem particular. Isso me chamou muito a atenção, especialmente alguns aspectos e algumas maneiras do ensino dos esportes nas aulas de Educação Física, o que resultou na proposta desse Trabalho de Conclusão de Curso.

O ensino do esporte nas aulas de Educação Física tem sido um campo de intensas discussões e reflexões, especialmente no que diz respeito à articulação entre as teorias pedagógicas que orientam o currículo escolar e a pedagogia do esporte. A relação entre essas perspectivas nem sempre é convergente, gerando desafios e tensões que impactam as práticas pedagógicas, os processos de ensino e de aprendizagem e o desenvolvimento integral dos alunos. Conforme apontam Bracht (2011) e Darido e Rangel (2005), a Educação Física na escola deve superar o reducionismo técnico e instrumental do esporte, adotando perspectivas que valorizem tanto o aprendizado motor quanto a formação crítica e cidadã.

O ensino do esporte na Educação Física Escolar configura-se como um campo fértil de debates acadêmicos e pedagógicos, envolvendo diferentes concepções teóricas que visam equilibrar o desenvolvimento técnico-esportivo e a formação integral dos alunos. Nesse contexto, as teorias pedagógicas dialogam com a pedagogia do esporte, oferecendo subsídios para a construção de práticas que

transcendam a mera reprodução de habilidades técnicas e regras, promovendo aprendizagens significativas e inclusivas. A relação entre essas abordagens implica em refletir sobre o papel da escola como espaço de democratização do acesso ao esporte, respeitando as singularidades dos alunos e as dinâmicas socioculturais. Este trabalho busca explorar as interfaces entre esses campos, analisando como a prática docente pode ser fundamentada para atender tanto às demandas formativas quanto aos princípios educacionais mais amplos, analisando a relação que os professores de Educação Física estabelecem ou não entre as teorias pedagógicas da Educação Física Escolar e a pedagogia do esporte quando ensinam esporte em suas aulas.

O texto aqui apresentado, está organizado em formato capitular. Sendo assim, no capítulo 1 o foco se concentra em abordar o ensino do esporte nas aulas de Educação Física a partir da perspectiva da Pedagogia do Esporte. Ele apresenta essa área como um campo que busca alinhar o ensino dos esportes a objetivos educacionais, priorizando o aprendizado significativo e a formação integral dos alunos. São discutidas abordagens pedagógicas, destacando a necessidade de adaptar os conteúdos esportivos à realidade escolar, promovendo inclusão e desenvolvimento físico, social e moral. Assim, o esporte é tratado não apenas como prática, mas como ferramenta pedagógica.

O capítulo 2 apresenta o ensino do esporte nas aulas de Educação Física a partir das teorias pedagógicas da área. Ele analisa como essas teorias fundamentam a prática docente, discutindo como cada abordagem entende o papel do esporte na formação dos alunos, seja como prática de habilidades motoras, meio de construção do conhecimento ou ferramentas de transformação social. A partir dessas bases, reforça a importância de uma Educação Física que contextualiza o esporte e promova aprendizagens significativas para todos os alunos.

A metodologia do estudo é explicitada no capítulo 3 que enfoca a metodologia adotada, detalhando a abordagem de investigação, os participantes envolvidos, as técnicas e os procedimentos utilizados nas coletas de dados. Inclui também informações sobre os professores participantes da pesquisa, o roteiro utilizado para as entrevistas e a descrição do processo de análise dos dados, garantindo a clareza e a coerência do método empregado no desenvolvimento do trabalho.

No capítulo 4 são analisadas as categorias de análise que foram organizadas com base no entrecruzamento entre a coleta de dados e o referencial teórico do estudo, a saber: 1) Estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores no ensino

dos esportes; 2) Desafios e enfrentamentos enfrentados nesse contexto; 3) Desenvolvimento da criticidade entre os alunos nas aulas de Educação Física ao se ensinar esportes; 4) Suportes necessários para aprimorar a formação docente e a qualidade do ensino dos esportes.

Para finalizar, as considerações finais vão apontar que a relação entre as teorias pedagógicas da Educação Física Escolar e a pedagogia do esporte é essencial para promover um ensino mais reflexivo e inclusivo. O estudo revela que estratégias pedagógicas que integram o desenvolvimento técnico à formação crítica e cidadã ajudam a superar práticas tradicionais, conectando o esporte aos contextos socioculturais dos alunos. No entanto, desafios como a falta de recursos e o predomínio de modelos tradicionais exigem suporte docente por meio de formação inicial e continuada, além de melhorias estruturais. Assim, a pesquisa reforça a necessidade de alinhar teoria e prática, contribuindo para uma Educação Física Escolar crítica, transformadora e capaz de atender às demandas educacionais contemporâneas.

CAPÍTULO 1
O ENSINO DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O QUE DIZEM AS TEORIAS PEDAGÓGICAS DA ÁREA

Este capítulo abordará o ensino do esporte nas aulas de Educação Física, focando nas teorias pedagógicas que sustentam essa prática. A partir das diferentes abordagens teóricas, será discutido como o esporte pode ser uma ferramenta educativa, contribuindo para o desenvolvimento físico, social e pessoal dos alunos. O objetivo é entender as bases pedagógicas que orientam o ensino dos esportes e como elas influenciam a prática nas escolas, promovendo uma aprendizagem integral e inclusiva.

Desde o século passado, os objetivos e propostas educacionais da Educação Física passaram por diversas transformações, impactando até hoje a formação dos profissionais e as práticas pedagógicas dos professores dessa área. A inclusão oficial da Educação Física nas escolas brasileiras ocorreu em 1851, com a primeira regulamentação voltada para sua prática. Inicialmente, essa disciplina era orientada por uma perspectiva higienista, focada na promoção de hábitos de saúde e bem-estar (Bento, 2006). No início do século XX, os métodos ginásticos começaram a ganhar destaque, influenciados pelas necessidades políticas e sociais da época. Como destaca Gaya (2006), esses métodos, juntamente com o modelo militarista, tiveram grande impacto no sistema educacional brasileiro, promovendo a prática física de forma rígida e disciplinada. Durante esse período, a teoria foi pouco explorada, com ênfase nas atividades físicas como forma de treinamento militar e não como um campo de conhecimento com bases pedagógicas. Essas influências históricas ainda são visíveis nas práticas pedagógicas da Educação Física escolar.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Educação Física no Brasil continuou a ser influenciada por correntes pedagógicas estrangeiras, como o Método Natural Austríaco e o Método da Educação Física Desportiva Generalizada, ambos com ênfase no esporte. Nesse contexto, as aulas de Educação Física passaram a adotar as práticas e os códigos das instituições esportivas, como a competição e as regras rígidas, privilegiando o esporte como conteúdo central (Paes, 2006). Segundo Gaya (2006), esse movimento fez com que o esporte fosse visto como o objetivo principal da Educação Física escolar, resultando na visão da disciplina mais como um

componente do esporte do que o esporte um aspecto da Educação Física. Esse processo de "esportivização" da disciplina contribuiu para a concepção de que a prática esportiva era a forma ideal de ensinar Educação Física, negligenciando aspectos como a formação integral dos alunos e a reflexão crítica sobre os valores sociais e culturais do esporte.

Na década de 1980, o modelo esportivista foi amplamente criticado no meio acadêmico, o que levou a uma reavaliação do papel da Educação Física escolar e à valorização dos conhecimentos produzidos pela ciência. Esse movimento resultou em uma ruptura com a priorização do desempenho como objetivo único, ao menos em termos discursivos. Como destaca Paes (2006), a crítica ao modelo mecanicista impulsionou o surgimento de novas abordagens pedagógicas, com o intuito de renovar tanto a teoria quanto a prática da Educação Física, estruturando um campo de conhecimento específico e mais abrangente. Inicialmente, surgiram abordagens como a desenvolvimentista, construtivista-interacionista, crítico-superadora e sistêmica, as quais foram complementadas por outras propostas nos anos seguintes, incluindo as abordagens da psicomotricidade e crítico-emancipatória, que ampliaram ainda mais as perspectivas sobre o ensino da Educação Física escolar (Gaya, 2006; Capitanio, 2001).

O objetivo das Abordagens Pedagógicas para a Educação Física é promover uma mudança no enfoque das aulas, que tradicionalmente se limitavam ao "aprender a fazer". Pensando nisso, Guedes e Guedes (2003), discutem como a Educação Física escolar deve ir além da simples aprendizagem de técnicas e gestos motores. O foco precisa ser na formação integral dos alunos, incluindo o desenvolvimento de suas capacidades cognitivas, afetivas e sociais, dentro de um processo educacional mais amplo, que considere também valores culturais e sociais na prática educativa.

Essas abordagens pedagógicas visam, essencialmente, integrar uma intervenção planejada do professor, que não se limita a explicar o que está por trás das práticas físicas, mas também a discutir os valores e atitudes envolvidos na cultura corporal do movimento. Segundo autores como Almeida e Júnior (2009), e Silva (2014), o papel do educador é fundamental para estimular nos alunos uma reflexão crítica sobre os conteúdos praticados, favorecendo a construção de significados que ultrapassem a técnica, incorporando aspectos sociais, culturais e éticos na prática do esporte e da Educação Física escolar. Dessa forma, a Educação Física se configura como um espaço de aprendizagem holística, onde o movimento

é contextualizado dentro de uma perspectiva que considera o aluno como um sujeito ativo, que reflete sobre seu corpo e sua interação com os outros na sociedade. Na sequência, falaremos um pouco sobre algumas dessas abordagens e suas contribuições acerca da Educação Física Escolar.

Abordagem Desenvolvimentista: A Abordagem Desenvolvimentista na Educação Física Escolar, conforme apresentado por Go Tani et al. (2007), propõe um ensino que respeite as diferentes fases do desenvolvimento dos alunos, com ênfase na formação integral. Essa abordagem defende que o ensino da Educação Física deve integrar as dimensões motoras, cognitivas e afetivas, respeitando o ritmo de aprendizado e as características de maturidade de cada estudante. Tani et al. (2007) argumentam que a Educação Física deve ir além do ensino de habilidades técnicas, promovendo a construção de valores, atitudes e o desenvolvimento de uma cidadania ativa. Ao focar na participação ativa dos alunos, a abordagem desenvolvimentista visa fomentar o desenvolvimento pessoal, social e cultural, valorizando o corpo e suas potencialidades.

Abordagem Construtivista-Interacionista: A Abordagem Construtivista-Interacionista na Educação Física Escolar, conforme exposta por João Batista Freire (2001) em Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física, enfatiza a aprendizagem ativa, a interação entre o aluno, o professor e o ambiente, considerando o processo educativo como dinâmico e mediado pela troca de experiências. Freire (2001) defende que o conhecimento é construído por meio da interação social e da resolução de problemas, com a linguagem e o feedback do professor desempenhando um papel fundamental nesse processo. Nesse contexto, o ensino do movimento e do esporte deve ser visto como um processo contínuo de construção de conhecimento, no qual o aluno se desenvolve a partir das suas próprias experiências e das interações com seus colegas e professores. Além disso, a abordagem valoriza o contexto social e cultural, sugerindo que o ensino deve ser contextualizado, promovendo a participação ativa e a reflexão crítica sobre as práticas corporais. Assim, a proposta vai além da mera transmissão de técnicas esportivas, promovendo uma visão do movimento como um fenômeno social, cultural e emocional, que contribui para o desenvolvimento integral dos alunos.

Abordagem Crítico-Superadora: A Abordagem Crítico-Superadora na Educação Física Escolar, defendida por Soares et al. (2002), propõe uma prática pedagógica que transcende o ensino de habilidades técnicas, buscando superar os limites de um modelo tradicional. Essa abordagem visa levar os alunos a refletirem

criticamente sobre suas práticas corporais e os contextos socioculturais nos quais estão inseridos. Fundamentada nas ideias de Saviani e em abordagens críticas da educação, a proposta defende que a Educação Física escolar deve ser um espaço de superação das condições da exploração social do trabalhador e de classe social subalterna, no qual os alunos não apenas aprendem as técnicas esportivas, mas também questionam e transformam as práticas sociais relacionadas ao corpo e ao movimento. Soares et al. (2002) destacam que essa abordagem valoriza a construção e apropriação do conhecimento pelos alunos, promovendo uma educação que se conecte com as questões sociais, culturais e políticas do contexto escolar em prol de sua transformação. Assim, o acesso/permanência dos estudantes à/na escola é buscado para que a classe social trabalhadora possa dominar os conhecimentos clássicos e tenha melhores condições para lutar por seus direitos e transformar a sociedade.

Abordagem Sistêmica: A Abordagem Sistêmica na Educação Física Escolar, conforme proposta por Betti (2007), defende uma visão holística do ensino de atividades físicas e esportivas, levando em consideração a inter-relação entre diversos elementos, como o indivíduo, o ambiente, a cultura e as práticas sociais. Nesse modelo, o foco vai além do ensino de habilidades motoras ou da prática de esportes, abrangendo também a análise do contexto e dos processos que envolvem a Educação Física como um fenômeno dinâmico e integrado. Betti (2007) enfatiza que a Abordagem Sistêmica valoriza o movimento como parte de um processo mais amplo de desenvolvimento físico, emocional e social dos alunos. Para ele, é essencial entender a Educação Física como uma prática que envolve aspectos não apenas físicos, mas também psicológicos, sociais e culturais. Assim, a prática pedagógica deve ser compreendida como parte de um sistema complexo que integra diferentes saberes e contextos, visando sempre a formação integral do aluno.

Abordagem Crítico-Emancipatória: A Abordagem Crítico-Emancipatória na Educação Física Escolar, conforme apresentada por Kunz (2005), busca transformar a prática pedagógica ao compreender o esporte e o movimento não apenas como ferramentas de desenvolvimento motor, mas como meios de reflexão e conscientização crítica sobre a realidade social e política dos alunos. Essa abordagem valoriza o envolvimento ativo dos alunos no processo de aprendizagem, tornando-os protagonistas de suas experiências e incentivando-os a questionar os valores dominantes, enquanto desenvolvem uma postura crítica frente às questões

sociais e culturais. Para Kunz (2005), a Abordagem Crítico-Emancipatória não se limita ao aprimoramento físico, mas visa à formação integral dos alunos, promovendo a cidadania, a inclusão social e a valorização das diversidades. Ela propõe uma ruptura com o modelo tradicional da Educação Física, saindo do desempenho técnico e na competição, em favor de uma prática pedagógica que promova a reflexão crítica, a solidariedade e a ação coletiva. Dessa forma, o objetivo é a emancipação dos indivíduos por meio de uma Educação Física que favoreça o empoderamento individual e coletivo dos sujeitos.

Essas abordagens pedagógicas na Educação Física Escolar são fundamentais para compreender as múltiplas possibilidades do ensino do esporte nas aulas de Educação Física. Cada uma delas oferece perspectivas singulares sobre o processo de ensino e aprendizagem, destacando diferentes dimensões que podem ser exploradas no contexto escolar, como o desenvolvimento motor, o engajamento crítico-reflexivo e a interação social. Essas abordagens permitem analisar o esporte como um fenômeno multifacetado, que transcende a prática técnica para abarcar valores educacionais e socioculturais. Bracht (1999) e Betti (1991) enfatizam a necessidade de contextualizar o ensino do esporte de forma que ele dialogue com as vivências dos alunos, enquanto Kunz (1994), a partir de sua concepção Crítico-Emancipatória, propõe uma Educação Física que promova autonomia e criticidade, contribuindo para a formação integral dos alunos. Sendo assim, ao articular essas teorias com a prática pedagógica, este capítulo busca fundamentar propostas que tornem as aulas de Educação Física mais significativas e inclusivas.

Autores como Rangel (2002) e Caparroz (2006) enfatizam que essas abordagens são necessárias para promover uma compreensão mais profunda do esporte, não apenas como uma prática física, mas também como um fenômeno cultural, social e educacional. Essas abordagens podem contribuir para uma reflexão que vai além da execução técnica, envolvendo valores como a cooperação, a autonomia e a cidadania, aspectos essenciais no ensino do esporte.

Segundo Rangel (2002), essas abordagens possibilitam que a Educação Física escolar seja percebida como um campo de construção de conhecimentos, em que o esporte, em suas diversas manifestações, é usado para a formação de sujeitos críticos, capazes de analisar e transformar sua realidade. Além disso, esse olhar para o ensino do esporte fortalece a ideia de que a prática esportiva na escola deve ser mais do que uma simples reprodução de gestos técnicos, promovendo uma vivência que englobe os aspectos sociais, culturais e éticos, e a formação do

cidadão. Sendo assim, ao integrar essas teorias pedagógicas ao ensino do esporte, a Educação Física escolar se potencializa para o desenvolvimento do aluno como um ser humano completo e um cidadão consciente.

Nos últimos anos, muitos autores têm explorado a Educação Física através das teorias críticas, o que abriu novas possibilidades para a prática pedagógica dessa disciplina. Isso tem ajudado a construir uma sociedade mais justa e igualitária e a destacar o papel da escola e da Educação Física na formação cultural. Kunz (1994) e Betti (1992) defendem a importância de se utilizar uma abordagem crítica na Educação Física, enfatizando que a cultura esportiva e corporal desempenha papel fundamental na formação de valores, identidade e consciência social dos alunos. No entanto, promover esse tipo de pedagogia crítica apresenta desafios, pois ela não se torna automaticamente crítica ao ser aplicada, mas através das práticas reflexivas e das escolhas pedagógicas dos professores. Autores como Darido (2003) e Oliveira (2012), apontam que essas práticas precisam ir além da simples execução das práticas corporais para se evitar o risco de reproduzir formas de opressão ou estereótipos, o que reforça a necessidade de uma análise constante e criteriosa das intervenções pedagógicas na Educação Física escolar. Ao fomentar uma compreensão aprofundada e crítica do esporte e do movimento, a Educação Física pode auxiliar na formação de cidadãos conscientes e engajados com sua realidade social, trazendo o esporte como um fenômeno cultural e social de grande importância.

Betti (1992) e Kunz (1994) salientam que em uma abordagem crítica da Educação Física, o corpo não é apenas um objeto de desempenho atlético, mas um sujeito que vivencia e é influenciado pelo contexto social e pelas estruturas políticas ao seu redor. Ao conectar essas dimensões, a Educação Física crítica não desconsidera a biologia do sujeito-corpo, pelo contrário, reconhece que as práticas pedagógicas devem respeitar suas necessidades físicas fundamentais, como alimentação, repouso e movimento. Segundo Oliveira e Darido (2011), esse sujeito-corpo que sente fome, sede e frio, também interage com o mundo, experimenta afeto, emoções e que se expressa de forma única na cultura. Essa perspectiva enriquece o ensino, promovendo uma visão ampliada da Educação Física, que não só potencializa o desenvolvimento físico dos alunos, mas também possibilita um olhar crítico sobre as condições sociais que influenciam a maneira como vivenciam o próprio corpo.

> O corpo, enquanto objeto de intervenção pedagógica, deve ser compreendido de forma integrada, sendo não apenas um sistema biológico que executa movimentos, mas um organismo que expressa intencionalidades, significados e relações sociais, [...] pois o corpo está imerso em contextos culturais e históricos que influenciam diretamente como é visto, compreendido e educado. (Betti, 1991).

Para que a Educação Física atinja seu verdadeiro potencial educativo, ela precisa transcender uma abordagem meramente técnica e motora, integrando o corpo e o movimento às práticas pedagógicas que transformem o ambiente escolar em um espaço mais dinâmico e significativo para os alunos.

De acordo com Darido (2005), a Educação Física desempenha um papel crucial ao possibilitar uma educação que considera o sujeito-corpo como meio de expressão e construção de conhecimentos, contribuindo para a formação integral dos estudantes. Nesse contexto, Kunz (1994) também ressalta que é essencial integrar a experiência corporal à prática pedagógica, enfatizando que o lúdico e a interação social devem ser valorizados para tornar o aprendizado mais prazeroso e acessível. Além disso, Guedes (2003) defende que, ao reconhecer as desigualdades sociais e culturais, a Educação Física precisa fomentar práticas inclusivas e democráticas que promovam valores de cooperação e respeito, auxiliando na superação de barreiras sociais e no desenvolvimento de uma consciência cidadã. A prática lúdica e corporal, quando bem orientada, amplia as possibilidades de interação e formação, ajudando a construir uma educação que ultrapassa o ensino de técnicas motoras e proporciona experiências que fortalecem o vínculo entre alunos, escola e sociedade.

As teorias pedagógicas críticas, como a Crítico-Superadora e a Crítico-Emancipatória, não apenas questionam as práticas tradicionais da Educação Física, mas promovem uma reavaliação do papel do componente curricular na formação integral dos estudantes. Conforme destaca Darido (2003), essas abordagens buscam transformar a Educação Física em um conhecimento que vai além da mera reprodução de habilidades motoras, enfatizando o desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva. Para que as mudanças propostas se efetivem, é fundamental que educadores e instituições estejam dispostos a revisar e adaptar seus currículos e métodos de ensino. Segundo Bracht (1992), essa adaptação envolve considerar a Educação Física como um espaço de expressão e compreensão cultural, onde aspectos sociais e emocionais são igualmente valorizados. A implementação dessas abordagens requer um compromisso

pedagógico que assegure que a Educação Física contribua de forma significativa para a formação ética e social dos alunos, rompendo com uma visão puramente técnica e esportivista (Kunz, 1994).

Para adotar uma abordagem crítica na Educação Física Escolar, é essencial reconhecer os alunos em sua totalidade. Esse reconhecimento é mais do que uma formalidade, é um aspecto crucial de qualquer comunicação genuína entre pessoas. Significa ver os alunos como seres humanos completos, não apenas em termos de seu desempenho ou conformidade com normas específicas. Libâneo (2011) fala sobre a importância de entender o outro e suas diferenças, destacando que a educação deve ser inclusiva, promovendo uma prática que transcenda as normas pré-estabelecidas e respeite a individualidade e a experiência do outro, sem reduzi-lo a estereótipos ou expectativas normativas.

A prática educativa dos professores para ser crítica pode realmente ganhar vida através do diálogo e do compromisso com as transformações sociais. Isso significa integrar a experimentação e a discussão das atividades corporais com o objetivo de formar grupos que possam analisar sua própria realidade e ir além de um entendimento superficial, buscando uma visão mais crítica e aprofundada. Essa perspectiva é tão crucial quanto ensinar conteúdos específicos (Freire, 1997). Portanto, a prática educativa crítica foca no desenvolvimento da autonomia tanto dos professores quanto dos alunos (Freire, 1996). Uma das principais características dos professores críticos é a capacidade de conectar os contextos menores e maiores da sociedade. Isso é feito através da reflexão crítica, que ajuda a identificar não só os desafios e limitações existentes, mas também novas possibilidades e soluções viáveis. Nessa linha, o professor de Educação Física precisa assumir um papel ativo como sujeito ético e transformador. Freire (1996, p. 16) ressalta que "a ética é uma parte inseparável da prática educativa, seja no trabalho com crianças, jovens ou adultos." O educador deve lutar por essa ética em sua prática diária, o que envolve não apenas o ensino de habilidades físicas, mas também a promoção de uma consciência crítica e reflexiva entre os alunos.

Para Santos (2012), a Educação Física deve ser um espaço de reconhecimento e valorização da diversidade, onde os alunos se sintam reconhecidos em sua totalidade, não apenas como corpos que executam movimentos, mas como sujeitos com suas individualidades e necessidades. Para Farias (2007), o papel do professor é construir, nas aulas, momentos de interação e diálogo, nos quais os alunos possam compartilhar suas experiências e refletir sobre

sua própria realidade, desenvolvendo uma consciência crítica em relação aos aspectos sociais e culturais que os envolvem. E para Martins (2014), a prática pedagógica deve ser inclusiva e emancipatória, buscando uma educação que valorize a experiência do aluno e ofereça uma visão crítica do mundo, permitindo que a Educação Física se torne um campo de transformação social e construção de cidadania.

De acordo com Maldonado e Nogueira (2021), a prática político-pedagógica dos professores de Educação Física está sempre cheia de contradições, resistências e aspectos invisíveis. A abordagem libertadora de Freire, de acordo com Maldonado e Nogueira (2021), nos ajuda a entender que os projetos educativos nas escolas estão profundamente ligados à vida real. No entanto, os professores, como intelectuais, enfrentam desafios diários para compreender a política educativa, lutar pelos direitos dos educadores, superar as limitações do sistema neoliberal, explorar as manifestações da cultura corporal, questionar os fatores socioculturais que influenciam essas práticas e trabalhar com toda a comunidade escolar para construir uma sociedade mais justa e culturalmente diversa.

O ensino dos esportes nas aulas de Educação Física Escolar, ao ser analisado tanto sob a ótica das teorias pedagógicas da área, revela diferentes implicações para a prática pedagógica, com foco nas formas de construção do conhecimento e nas experiências formativas dos alunos. As implicações para o ensino do esporte, portanto, exigem dos professores uma reflexão constante sobre suas práticas pedagógicas, buscando alinhá-las às necessidades e realidades dos alunos, ao mesmo tempo em que se comprometem com uma educação que não apenas ensine esportes, mas que também eduque para a vida social e cultural dos alunos.

O próximo capítulo, tem como objetivo discutir as contribuições da pedagogia do esporte para o contexto escolar, analisando como suas proposições podem ser incorporadas às aulas de Educação Física de modo a promover experiências esportivas significativas, reflexivas e mais inclusivas para os alunos.

CAPÍTULO 2
O ENSINO DO ESPORTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: O QUE DIZ A PEDAGOGIA DO ESPORTE

Neste capítulo, serão abordadas as diferentes perspectivas da pedagogia do esporte por meio de um estudo de revisão bibliográfica, explorando seus diversos significados e objetivos. Também serão analisadas as mudanças ocorridas ao longo do tempo e as variáveis que influenciam essa pedagogia.

A partir da década de 1960, o esporte passa a ocupar um lugar de destaque nas políticas públicas e nos estudos acadêmicos, ganhando o reconhecimento como um fenômeno social de grande relevância. Tal processo se deu, principalmente, pela busca de um entendimento mais aprofundado sobre seus impactos na formação cultural e social dos indivíduos e na promoção da saúde, além do desenvolvimento de habilidades motoras e valores éticos. (Betti, 2001, p. 45). Betti (2001) oferece uma contribuição significativa ao discutir a valorização social do esporte e sua inserção no contexto escolar brasileiro. O mesmo autor enfatiza que a Educação Física deve ultrapassar o ensino de técnicas ou habilidades motoras, promovendo uma abordagem crítica e reflexiva sobre a cultura corporal e o movimento. Betti (2001) defende que o esporte escolar constitui uma oportunidade para desenvolver uma compreensão aprofundada, que integra tanto as habilidades técnicas quanto os valores e os significados culturais, incentivando a autonomia dos alunos em relação aos contextos sociais e culturais nos quais o esporte está inserido.

No contexto acadêmico, Tavares (2002) afirma que "[...] o esporte transcende o domínio da prática física para ser compreendido também como objeto de relevância acadêmica e interdisciplinar, abrangendo áreas como sociologia, antropologia, medicina e psicologia" (p. 34). Tavares (2002) observa que o aumento dos estudos esportivos, visível tanto em periódicos especializados quanto em eventos acadêmicos, demonstra o reconhecimento do esporte como componente central na cultura atual. Esse desenvolvimento sublinha a necessidade de uma abordagem mais ampla e complexa na academia, visando uma compreensão multifacetada que contemple as dimensões sociais, culturais e fisiológicas do esporte.

Para Saviani (2008), a escola deve adotar um papel formador, considerando o indivíduo em sua totalidade e promovendo um processo educacional que valorize a

construção do conhecimento e a autonomia do aluno. Ele argumenta que a educação deve estar "a serviço da emancipação humana, promovendo uma compreensão crítica da realidade" (Saviani, 2008, p. 47).

Freire (1996) também enfatiza essa dimensão formadora da educação, colocando a autonomia do aluno como elemento central. Ele afirma que "[...] ensinar exige a convicção de que a mudança é possível" (Freire, 1996, p. 95), o que implica uma prática educativa que não apenas transmite saberes, mas também incentiva o estudante a se posicionar criticamente no mundo e a agir de forma autônoma. Para Freire (1996), o papel da escola é fomentar o desenvolvimento integral do aluno, de modo que ele possa se tornar um sujeito que questiona, interpreta e transforma sua própria realidade.

> A educação não é apenas um ato de transmissão de conhecimento, mas, acima de tudo, um processo de conscientização, no qual o educador e o educando se tornam protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. O educador, ao ensinar, deve acreditar na capacidade dos educandos de construir seu próprio saber, tornando-se sujeitos da sua própria história e da transformação da realidade que os cerca. Somente assim, por meio de um processo de reflexão crítica, o indivíduo poderá alcançar a sua autonomia e agir como agente de mudança. (Freire, 1996, p. 96).

Bracht (2000) destaca que a escola não apenas seleciona os conhecimentos, mas também os formaliza, submetendo-os a um processo que engloba aspectos didáticos e pedagógicos para uma transmissão mais eficaz de seus conteúdos.

Um professor de Educação Física que aborda o conteúdo esportivo deve proporcionar aos alunos uma experiência completa e abrangente, que vai além da mera prática das habilidades motoras específicas das modalidades esportivas. É essencial que os alunos não apenas aprendam a executar os movimentos técnicos do esporte, mas também compreendam o fenômeno esportivo em sua totalidade. Isso inclui conhecer a origem, evolução e variações do esporte ao longo do tempo, bem como sua importância cultural, social e histórica. Além disso, o aspecto atitudinal do esporte, como o respeito às regras, à diversidade e à cooperação, não deve ser negligenciado. Essa visão amplia o papel da Educação Física ao trabalhar o esporte como um conteúdo pedagógico que contribui para a formação integral dos alunos (DARIDO, 2012).

O esporte, quando utilizado no contexto educacional, oferece uma oportunidade única para o desenvolvimento de valores fundamentais como a

cooperação, respeito, responsabilidade e solidariedade. Segundo Capitanio (2003), o esporte pode ser uma poderosa ferramenta para a formação integral do ser humano, indo além da técnica e da tática, e promovendo uma reflexão crítica sobre esses aspectos sociais e comportamentais. A autora destaca que, ao adotar uma abordagem educativa do esporte, os alunos devem ser vistos como sujeitos ativos no processo, em vez de meros executores de atividades esportivas (Capitanio, 2003).

Um dos aspectos primordiais que caracterizam a dimensão fenomenal alcançada pelo esporte é sua condição como fenômeno sociocultural, desenvolvido no contexto das relações humanas. O esporte se configura como um dos fenômenos culturais mais significativos do mundo contemporâneo, e, como tal, precisa ser entendido não apenas como uma prática corporal, mas também como uma construção simbólica que reflete e molda as interações sociais e os valores de uma determinada sociedade (Paes, 2006, p. 43).

> O esporte, em sua constante evolução, tem se tornado cada vez mais multifacetado, abrangendo uma variedade de significados e práticas que se expandem e se adaptam a diferentes contextos sociais e culturais, o que o torna um fenômeno dinâmico e fascinante, capaz de atender a uma diversidade de interesses e necessidades. (Paes, 2006, p. 43).

A pedagogia é o campo do conhecimento que se dedica ao estudo da teoria e da prática da educação, bem como da prática educativa concreta que se realiza. Podemos, analogamente, compreender a pedagogia como o homem descrito por Freire (1991, p. 39), que vive simultaneamente três vidas: “O homem cria o passado e o futuro. Vive três vidas ao mesmo tempo. Transforma o passado em presente, projetando-o no futuro”. A pedagogia, como campo de estudo e prática, dedica-se à análise e compreensão do conhecimento acumulado pela humanidade ao longo da história. Considerando que o ser humano, que criou o passado, vive no presente, a pedagogia examina, interpreta e entende os desafios educativos contemporâneos. Este exame tem o objetivo de identificar diretrizes presentes no presente que possam guiar a ação educativa de maneira eficaz. Assim, projeta-se para o futuro elementos que moldam a atividade humana por meio de práticas educacionais concretas. (Scaglia, 1999; Reverdito; Scaglia, 2009).

O objetivo final é alcançar uma proposta pedagógica que promova a formação integral dos indivíduos. Essa formação é alcançada através do ensino e da

organização sistemática dos saberes e modos de ação culturais. Portanto, a pedagogia não é apenas um processo de ensino, mas também de reflexão, conduzindo os indivíduos ao conhecimento de maneira crítica e contextualizada. Assim, a educação se torna um processo dinâmico e contínuo de desenvolvimento humano e cultural. A pedagogia, ao se interessar pelo conhecimento historicamente produzido pelo sujeito ao longo de sua existência, também se volta para as práticas esportivas corporais. O esporte é considerado um fenômeno social complexo, sendo uma criação humana que surgiu e evoluiu em paralelo à civilização. Ao estudar o esporte dentro do contexto pedagógico, os pedagogos analisam não apenas os aspectos físicos e técnicos das atividades esportivas, mas também suas dimensões sociais, culturais e psicológicas. João Batista Freire (1996) reforça a ideia de que o esporte pode ser um meio potente de desenvolvimento, tanto individual quanto coletivo, afirmando que "ao praticar esporte, o indivíduo não apenas se desenvolve fisicamente, mas também constrói uma relação mais profunda consigo mesmo e com a sociedade".

O esporte, além de promover a saúde física, é também uma ferramenta pedagógica que contribui para o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais, como destaca Silva (2007). Através do esporte, os indivíduos não apenas aprimoram sua condição física, mas também aprendem lições valiosas sobre trabalho em equipe, ética, respeito e superação de desafios, promovendo valores fundamentais para a convivência social.

De acordo com Neiva (2001), "[...] o esporte é uma importante prática educativa, pois contribui para o desenvolvimento de valores sociais fundamentais, como a cooperação e o respeito à diversidade, que são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa" (p. 48). Ao permitir que indivíduos de diferentes origens sociais, econômicas e culturais interajam em um ambiente de igualdade e respeito mútuo, o esporte tem o potencial de promover a inclusão e fortalecer os laços de solidariedade dentro da comunidade. Esses valores adquiridos durante a prática esportiva são essenciais para a construção de uma sociedade mais equitativa e harmoniosa.

No entanto, embora a expressão seja amplamente utilizada (Matos, 2006) e tenha havido um progresso considerável na concepção inicial da Pedagogia do Esporte (Balbino, 2005), o panorama no início do século XXI revela a presença de alguns obstáculos que não refletem completamente o avanço proposto. Paes (1996), enfatiza a necessidade de abordar o esporte de forma crítica, refletindo sobre seu

potencial educativo que vai além da simples execução de habilidades físicas. Essa visão crítica do esporte contribui para a formação de sujeitos ativos e autônomos, considerando o esporte como um meio para o desenvolvimento de valores, habilidades sociais e uma educação cidadã. De acordo com a Pedagogia do Esporte, a educação pelo esporte deve ser voltada para o desenvolvimento de uma visão crítica e não apenas técnica da prática esportiva. Isso implica que o esporte deve ser compreendido não só como uma atividade de lazer ou desempenho físico, mas também como um processo educativo que tem o poder de transformar os alunos por meio da reflexão e da vivência de seus valores e significados. Portanto, superar uma visão puramente instrumental do esporte significa integrá-lo a um processo mais amplo de educação e formação humana (Paes, 1996).

A visão instrumentalista e a perspectiva inatista, ao limitarem o entendimento do esporte, podem de fato excluir muitos indivíduos de seu pleno potencial. De acordo com Darido (2012), a Educação Física escolar deve buscar uma abordagem inclusiva e formativa, em que o esporte seja visto como um meio de desenvolvimento integral, e não apenas como uma ferramenta para aprimoramento físico ou para aqueles considerados "talentosos". Essa visão é essencial para garantir que todos os alunos, independentemente de suas habilidades naturais, possam se beneficiar dos aspectos pedagógicos e transformadores do esporte.

Uma abordagem pedagógica progressista, como afirma Barbosa (2013), reconhece que o esporte deve ser ensinado de maneira inclusiva, valorizando o esforço e a aprendizagem contínua, e não apenas o desempenho físico ou o talento natural. Ao adotar uma postura crítica e reflexiva, os professores podem auxiliar os alunos a desenvolverem competências não só físicas, mas também sociais, emocionais e cognitivas, através da prática esportiva, promovendo a formação integral do aluno.

O segundo obstáculo refere-se à disparidade significativa entre a percepção dos professores de Educação Física sobre o conteúdo que estão ensinando e a maneira como efetivamente ministram suas aulas, o que pode resultar em uma desconexão entre o que é ensinado e o que é aprendido pelos alunos. Muitas vezes, os professores de Educação Física baseiam sua prática apenas em sua experiência pessoal como ex-jogadores ou atletas, sem uma fundamentação teórica sólida. Segundo Silva (2013), essa abordagem empírica e intuitiva do ensino é uma prática comum entre professores que não refletem adequadamente sobre os aspectos teóricos da educação física. Eles frequentemente tomam decisões baseadas no que

"funcionou" para eles no passado, em vez de considerar as melhores práticas pedagógicas e os objetivos educacionais mais amplos. De acordo com Soares (2005), essa falta de alinhamento entre teoria e prática pode prejudicar a eficácia do ensino, já que o professor pode não estar utilizando os métodos mais adequados para alcançar os objetivos desejados. Além disso, de acordo com Gaya (2006), isso pode afetar negativamente a compreensão do docente sobre as implicações éticas e estéticas do ensino, dificultando a reflexão crítica e o contínuo aprimoramento da prática pedagógica.

Para transpor este obstáculo, é imprescindível que os professores de Educação Física recebam uma formação robusta, que os habilite não apenas em termos de conhecimento técnico e prático, mas também quanto aos princípios teóricos da pedagogia e da didática específicas para o ensino de esportes. Além disso, é fundamental fomentar um ambiente de aprendizagem em constante evolução, no qual os professores possam analisar criticamente sua prática, compartilhar experiências e buscar atualização contínua em relação às abordagens educacionais mais eficazes. (Scaglia, 1999).

Em relação aos desafios decorrentes do distanciamento destacado por Scaglia (1999) entre a teoria e a prática, conforme observado por Matos (2006, p. 160), "[...] a teoria é essencial para a prática da pedagogia do esporte, pois uma verdadeira prática pedagógica desprovida de fundamentação teórica pode facilmente resultar em arbitrariedade, caos e mera repetição de rotinas". Essa relação deve ser entendida em termos de complementaridade, em que a ação direcionada para a investigação (teoria) se harmonize com a ação prática (práxis educativa). Conforme observado por Matos (2006, p. 160), "[...] a teoria desvinculada da práxis é vazia, e a práxis desprovida de teoria é cega".

Santana (2005) e Balbino (2005) endossam a necessidade de transcender abordagens reducionistas na pedagogia do esporte. O paradigma reducionista, caracterizado pela simplicidade, estabilidade e objetividade, deve ser substituído pelo paradigma da complexidade, que abraça a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade. Nesse novo paradigma, tanto o pensamento quanto a ação devem estar enraizados na condição humana do sujeito.

É crucial reconhecer a importância da pedagogia do esporte na (re)construção das potencialidades de formação e emancipação presentes no fenômeno cultural do esporte. Como destacado por Paes; Balbino (2005) e Paes (2006), essa abordagem

visa transformar essas potencialidades em oportunidades claras com uma intenção educativa explícita.

Os professores, ao adotarem princípios e práticas pedagógicas sólidas, têm um papel essencial na promoção de valores educacionais e formativos dentro do contexto esportivo. De acordo com Pimentel (2014), uma abordagem pedagógica consciente do papel do educador no esporte vai além do ensino de habilidades técnicas, sendo fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos. O esporte, visto como uma ferramenta educativa, deve ser usado para promover valores como respeito, cooperação, inclusão e responsabilidade, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e ativos na sociedade.

A Pedagogia do Esporte, focalizando o ensino, vivência e aprendizado no contexto esportivo (Reverdito; Scaglia; Paes, 2009; Galatti *et al*., 2014), desempenha um papel significativo ao abordar a prática educativa envolvida na participação esportiva. Considerando o esporte como um fenômeno sociocultural permeado por saberes, conhecimentos e valores moldados e compartilhados pela humanidade, adotamos uma abordagem educativa concreta - histórica, política, social, crítica e reflexiva - que visa, em última instância, promover a humanização do ser humano.

Kunz (1994) reitera a crítica quanto à utilização do esporte com ênfase no desempenho competitivo no ambiente escolar. Segundo o autor, tal abordagem resulta em um cenário no qual apenas um pequeno grupo de alunos experimenta o sucesso, enquanto a maioria enfrenta o fracasso, o que representa um equívoco pedagógico significativo por parte do professor. Kunz (1994) defende a inclusão do esporte no currículo da Educação Física escolar, considerando-o uma das manifestações culturais mais difundidas em diferentes sociedades. No entanto, ele destaca a necessidade de uma transformação didático-pedagógica do esporte, como indicado pelo título de seu livro.

Scaglia (1999) ressalta aspectos pertinentes ao processo educacional através do esporte, destacando suas potencialidades para o desenvolvimento da criticidade, autonomia, liberdade de expressão e capacidade reflexiva, contribuindo para a formação da cidadania do indivíduo. Com base nisso, é possível reconhecer a importância de o professor considerar o aluno em três dimensões: como praticante de uma modalidade esportiva; como indivíduo merecedor de oportunidades para um desenvolvimento integral; e como cidadão inserido na sociedade. Essa abordagem pode instigar no aluno o respeito às normas sociais e incentivá-lo a, por meio de sua

criticidade e autonomia, promover mudanças em sua realidade e contribuir ativamente para a edificação de uma sociedade mais justa. É possível compreender que o processo de iniciação esportiva nas aulas de Educação Física vai além do simples ensino de modalidades específicas. Esse processo pode ser muito mais enriquecedor quando se estabelece uma conexão entre o conteúdo abordado nas aulas e as vivências cotidianas dos alunos. Como defendem Balbino e Paes (2007), a Educação Física na escola deve ir além do treinamento técnico de esportes e se integrar ao contexto cultural e social dos alunos. Ao vincular os ensinamentos acadêmicos às experiências diárias, as aulas de Educação Física têm um papel fundamental no desenvolvimento integral dos alunos, como destaca Nascimento (2011). O ensino do esporte deve ser visto como uma ferramenta para promover, além das habilidades físicas, uma compreensão mais ampla de valores, atitudes e comportamentos, estimulando a reflexão sobre o corpo, o movimento e as relações interpessoais. Dessa forma, o esporte na escola contribui para a formação social e pessoal dos alunos.

As considerações de Scaglia (1999) nos conduzem a refletir sobre a abordagem educacional possível por meio do esporte, de maneira ampla e considerável. Freire (2003) propõe uma série de diretrizes: 1. Fornecer educação esportiva a todos, garantindo que todas as pessoas tenham acesso à prática esportiva; 2. Oferecer uma educação esportiva de qualidade, permitindo que os alunos tenham acesso aos métodos de ensino mais eficazes - com uma abordagem educativa diversificada (Paes; Montagner; Ferreira, 2009); 3. Abordar mais do que apenas as habilidades esportivas em si - indicando, assim, o desenvolvimento integral do indivíduo; e 4. Cultivar o gosto pelo esporte dos alunos, incentivando-os a se envolverem em determinadas modalidades esportivas como parte de suas opções de lazer, mesmo que não persigam uma carreira profissional no esporte, promovendo assim, um estilo de vida mais saudável.

Paes (2005) ressalta a importância de uma abordagem abrangente e holística do esporte no contexto educacional. Limitar o ensino esportivo a meras sequências pedagógicas centradas nos gestos técnicos pode ser insuficiente e até mesmo contraproducente para o desenvolvimento dos alunos. O esporte vai além da simples repetição de movimentos técnicos; ele envolve uma variedade de habilidades cognitivas, emocionais e sociais. Portanto, uma prática pedagógica eficaz no ensino do esporte deve priorizar não apenas os métodos de ensino, mas também os procedimentos que colocam o aluno no centro do processo de

aprendizagem. A ênfase no desenvolvimento do pensamento crítico, criatividade e tomada de decisões nas aulas de Educação Física, ao incentivar os alunos a resolverem problemas durante a prática esportiva, é um aspecto fundamental para o aprendizado integral. Segundo Cunha (2010), essa abordagem centrada no aluno permite que ele explore diferentes formas de movimento e estratégias para enfrentar desafios esportivos, promovendo não apenas maior engajamento nas aulas, mas também o desenvolvimento de habilidades transferíveis que serão úteis em diversas áreas da vida. A capacidade de resolver problemas e tomar decisões é essencial para a formação de indivíduos mais preparados para os desafios cotidianos.

Machado, Galatti e Paes (2014; 2015) propõem que todo processo pedagógico no contexto esportivo seja embasado e orientado por três referenciais fundamentais: o técnico-tático, o socioeducativo e o histórico-cultural. O referencial técnico-tático aborda os aspectos práticos e estratégicos das modalidades esportivas, fornecendo aos alunos os fundamentos técnicos e táticos necessários para a prática esportiva. Isso inclui o desenvolvimento das habilidades motoras específicas de cada modalidade, bem como a compreensão das estratégias e táticas envolvidas no jogo. O referencial socioeducativo enfatiza a formação do indivíduo como um todo, baseando-se em princípios e valores como respeito, cooperação, responsabilidade e ética. Além de desenvolver habilidades esportivas, o objetivo é promover o desenvolvimento pessoal e social dos alunos, preparando-os para serem cidadãos ativos e responsáveis na sociedade. Por fim, o referencial histórico-cultural considera o contexto histórico e cultural das modalidades esportivas, reconhecendo sua diversidade e evolução ao longo do tempo. Isso permite que os alunos compreendam o esporte como uma manifestação cultural e social, enriquecendo sua experiência e compreensão do fenômeno esportivo.

Dessa forma, busca-se uma abordagem integral do aluno, que contribua para o desenvolvimento de sua capacidade motora, cognitiva e afetiva (Leonardi *et al.*, 2014), permitindo seu crescimento tanto como praticante quanto como não praticante desportivo (Munsch *et al*., 2002), promovendo sua formação como indivíduo inserido e atuante na sociedade (Scaglia, 1999).

O esporte, como fenômeno sociocultural, abrange uma vasta gama de atividades que se estendem desde jogos informais até competições profissionais, incluindo contextos como academias, escolas e espaços públicos como parques e praças. Ele atrai um público diverso, representando diferentes etnias, estratos sociais e faixas etárias, com objetivos variados que vão da promoção da saúde e do

lazer à busca por ascensão social e sucesso profissional (Bento, 2006; Paes, 2006; Gaya, 2001). Essa abrangência e diversidade conferem ao esporte um papel fundamental na transmissão de valores sociais e culturais, tornando-o não apenas um objeto de educação, mas também um poderoso veículo de ensino e transformação social. De acordo com Barbosa (2013), o esporte, ao ser praticado em diferentes contextos, oferece não apenas a possibilidade de desenvolvimento físico, mas também uma oportunidade de reflexão sobre normas, comportamentos e ética. Essa prática contribui para a formação de um indivíduo mais consciente de seu papel na sociedade, desenvolvendo habilidades sociais e morais importantes para a convivência em grupo.

Conforme destacado por Paes (1998), "[...] quando se pensa no esporte como meio de educação, é preciso ter convicção de que o importante não é o jogo, mas sim quem joga" (p.111). Nessa ótica, torna-se fundamental uma abordagem que considere a diversidade, inclusão, cooperação e autonomia (Paes; Balbino, 2005), em contraposição àquelas que priorizam apenas a especialização precoce de habilidades motoras, negligenciando tais elementos cruciais para a formação humana e essenciais para uma prática esportiva.

Nesse sentido, é fundamental que, nas aulas de Educação Física, não se limite o ensino ao desenvolvimento de habilidades técnicas e táticas. De acordo com Lima (2009), é necessário criar condições que favoreçam a participação ativa de todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou características individuais, para que possam se engajar de maneira significativa no processo de aprendizagem. Priorizar o trabalho em grupo, a divisão de tarefas e a conscientização sobre as diferenças de gênero, raça, religião e outras características é essencial para promover a cooperação, a inclusão e o respeito mútuo entre os alunos. Isso não só contribui para o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais importantes, mas também para a formação de cidadãos autônomos e conscientes de suas responsabilidades na sociedade. Ao compreender o esporte como um fenômeno social e pluralizado, os professores podem criar experiências de aprendizagem significativas que vão além da simples prática esportiva. Eles podem usar o esporte como uma ferramenta para promover valores como respeito, tolerância, igualdade e justiça social, preparando os alunos para serem membros ativos e contribuintes de uma sociedade mais inclusiva e democrática. Desconsiderar esses aspectos, juntamente com outros intrínsecos à prática e ao processo de ensino e

aprendizagem esportiva, equivale a negligenciar a complexidade inerente ao esporte (Santana, 2005).

O tratamento pedagógico do esporte, quando analisado a partir de uma perspectiva crítica e educativa, tem o potencial de influenciar positivamente o aprendizado e o desenvolvimento de valores sociais e morais. De acordo com Graça (2001), o esporte na escola pode ser uma ferramenta poderosa para a promoção da saúde, qualidade de vida, e o desenvolvimento das capacidades físicas e cognitivas dos alunos, além de estimular a autoestima, a cooperação, a autonomia e a inclusão. Além disso, Gaya (2006) destaca que, ao ser vivido de maneira crítica e consciente, o esporte permite uma compreensão mais profunda da realidade social e do papel que o fenômeno esportivo exerce dentro dessa realidade. Dessa forma, o esporte, enquanto prática educativa, pode se tornar um meio eficaz para a formação da cidadania, principalmente quando abordado de maneira reflexiva e inclusiva, como um agente de transformação social.

Reconhecer o caráter educativo do esporte é fundamental para os professores de Educação Física. A pedagogia do esporte, como enfatiza João Batista Freire (2004), oferece um conjunto de princípios e práticas que orientam a atuação dos educadores, ajudando a maximizar o potencial educativo do esporte e contribuindo para o desenvolvimento integral dos alunos. Essa abordagem destaca o esporte não apenas como uma atividade física, mas como um instrumento pedagógico para a formação de cidadãos mais conscientes e preparados para a convivência social.

No próximo capítulo, serão apresentados os processos metodológicos que constituíram os caminhos da pesquisa, envolvendo o tipo de investigação, os participantes do estudo, as técnicas de coletas e as análises dos dados para se chegar às categorias de análise.

CAPÍTULO 3
TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Neste capítulo, será explicado como foi o caminho percorrido nesta pesquisa, que envolveu a pedagogia do esporte e as teorias pedagógicas no ensino dos esportes na Educação Física escolar. Especificamente, serão apresentados a abordagem da investigação, os participantes do estudo, as técnicas e procedimentos utilizados nas coletas dos dados, e por fim, o modo como foi realizada a análise dos dados.

3.1 Abordagem de investigação

A investigação, de caráter qualitativo, do tipo descritiva-interpretativa, na qual realizou-se um procedimento metodológico que envolveu uma revisão de literatura e uma pesquisa de campo. Os participantes do presente estudo foram professores de Educação Física que atuam junto aos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Os dados foram coletados por meio de entrevistas estruturadas.

A abordagem qualitativa de pesquisa, conforme indicada por autores como Minayo (2014) e Silva e Menezes (2001), caracteriza-se pela investigação aprofundada de fenômenos sociais e culturais, com o objetivo de entender os significados, contextos e as interações dos indivíduos dentro desses contextos. Em vez de quantificar dados, ela busca compreender as experiências subjetivas e as percepções dos participantes, frequentemente utilizando técnicas como entrevistas, grupos focais e observações participantes. Já o estudo descritivo-interpretativo, como caracterizado por autores como Gil (2002) e Lakatos e Marconi (2017), concentra-se em descrever o fenômeno de maneira detalhada e, em seguida, interpretar o significado desses dados, considerando suas relações e implicações no contexto específico, focando em oferecer uma visão abrangente do fenômeno, sem necessariamente buscar generalizações.

A combinação dessas abordagens facilita uma análise mais rica e detalhada, proporcionando uma compreensão mais ampla sobre a aplicação das teorias pedagógicas da Educação Física Escolar e suas implicações para o ensino do esporte, ao evidenciar os alinhamentos e as divergências entre as abordagens teóricas e a prática pedagógica.

3.2 Participantes do estudo, técnica e procedimento de coleta de dados

Este estudo contou com a participação de 10 professores que atuavam em escolas públicas (municipais e estaduais), nos anos finais do Ensino Fundamental - 8º e 9º anos e Ensino Médio de uma cidade do interior de São Paulo.

Os critérios de inclusão abrangeram a atuação docente em qualquer um dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental ou os três anos do Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos), bem como, aceitar participar do estudo ao assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1).

O Quadro 1 apresenta informações dos professores participantes da pesquisa.

Quadro 1: Características dos professores participantes, com nomes fictícios, do estudo.

	Idade	**Ano de formado**	**Instituição na qual cursaram a formação inicial**	**Tempo de atuação como professor(a) de Educação Física**	**Tempo de atuação junto ao Ensino Fundamental e/ou Médio**
Professora Sophia	45 anos	2003	pública	15 anos	15 anos
Professor Miguel	51 anos	1991	privada	+ de 25 anos	20 anos
Professora Alice	30 anos	2018	pública	6 anos	2 anos
Professor Bernardo	35 anos	2013	pública	10 anos	10 anos
Professora Maria Clara	43 anos	2004	privada	21 anos	21 anos
Professor João	25 anos	2023	privada	9 meses	9 meses
Professora Laura	41 anos	2008	pública	16 anos	12 anos
Professor Theo	44 anos	2002	pública	17 anos	6 anos

Professora Ana Beatriz	43 anos	2003	pública	20 anos	18 anos
Professor Francisco	33 anos	2012	pública	9 anos	7 anos

Fonte: Elaborado pelo autor.

Esses professores responderam presencialmente a uma entrevista estruturada. Conforme Valles (2000 apud Rosa; Arnoldi, 2006): “[...] constituem entrevista e investigação as entrevistas apresentadas na forma de: conversação social ordinária e as entrevistas profissionais correntes” (p. 190). As entrevistas, em formato de uma comunicação natural, fornecem informações relevantes de acordo com os objetivos da pesquisa, o tempo e os recursos disponíveis para a sua realização (Rosa; Arnoldi, 2006).

Segundo Gil (1999), a entrevista estruturada se desenvolve a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados. Por possibilitar o tratamento quantitativo dos dados, este tipo de entrevista torna-se o mais adequado para o desenvolvimento de levantamentos sociais. Algumas das principais vantagens em se utilizar a entrevista estruturada, estão na sua rapidez e no fato de não exigirem exaustiva preparação dos pesquisadores, o que implica em custos relativamente baixos. Outra vantagem é possibilitar a análise estatística dos dados, já que as respostas obtidas são padronizadas. Ribeiro (2008) aponta como vantagens da utilização da técnica da entrevista, a flexibilidade na aplicação, a facilidade de adaptação de protocolo, viabilizar a comprovação e esclarecimento de respostas, a taxa de resposta elevada e o fato de poder ser aplicada a pessoas não aptas à leitura.

Durante as entrevistas estruturadas, os professores responderam a um conjunto de questões previamente definidas, com o intuito de investigar suas perspectivas, práticas e experiências relacionadas ao ensino do esporte nas aulas de Educação Física nas escolas e a relação que estabeleciam com as teorias pedagógicas da área.

As entrevistas foram realizadas individualmente, algumas na universidade envolvida no estudo e outras nas escolas dos próprios professores, com a duração média de 30 minutos cada entrevista. Para a captação dos dados foi utilizado um gravador de áudio, garantindo o registro integral de toda a fala de cada professor participante do estudo, sendo fiel às palavras, expressões e gírias utilizadas.

Roteiro de perguntas da entrevista:

1. Como você seleciona os esportes a serem ensinados em suas aulas? Quais são seus critérios?
2. Qual é a abordagem principal que orienta o seu modo de ensinar o esporte nas aulas? Por quê? Qual seu objetivo, que estratégias utiliza, qual avaliação realiza?
3. Para ensinar desse jeito que você ensina o esporte, você recorre a alguma pedagogia específica ou faz algo com base em sua própria intuição? Por quê?
4. Você conhece alguma teoria correspondente à Pedagogia do Esporte? Se sim, cite as que conhece e as explique.
5. Para você, o que é ser um professor de Educação Física que ensina os alunos a serem críticos?
6. Você se acha um professor crítico? Por quê?
7. Atualmente, qual seria o suporte mais significativo que te ajuda a ensinar esporte em suas aulas de Educação Física? Por quê?
8. Em sua opinião, qual deveria ser a principal preocupação do professor de Educação Física ao ensinar esporte aos seus alunos? Por quê?
9. Você enfrenta desafios específicos ao ensinar esporte em suas aulas? Quais são e como você lida com eles?
10. De que maneira você busca se atualizar e se aprimorar para o ensino do esporte na Educação Física?

3.3 Análises de dados

Minayo (2014) sugere que a transcrição integral das entrevistas permite a apreensão das informações de forma precisa e rica, enquanto Bardin (2016) destaca a importância da categorização e da codificação das respostas como uma maneira de organizar dados qualitativos, facilitando a identificação de padrões e relações entre os temas abordados. Gaskell (2002) e Kvale (1996) reforçam a ideia de que a transcrição é uma fase crucial para a interpretação do discurso dos entrevistados, permitindo uma análise detalhada das narrativas.

Strauss e Corbin (2008), em sua abordagem de análise qualitativa, discute a importância de identificar e comparar padrões nas narrativas dos professores participantes, destacando a relevância de contrastar diferentes pontos de vista para

entender as variações nas abordagens adotadas. Segundo Gillham (2000), a análise qualitativa pode ser particularmente útil para entender as percepções e tendências dos entrevistados, proporcionando uma visão mais rica e detalhada dos temas abordados, como o ensino do esporte, e das diferentes formas de abordagens pedagógicas utilizadas pelos professores.

Após a transcrição integral das entrevistas, o próximo passo no processo de análise envolveu a organização dos dados em uma planilha do Excel. Esse procedimento visou criar uma estrutura que permitisse uma visão clara e acessível das respostas dos entrevistados. Conforme afirmam Minayo (2014) e Cresswell (2010), a organização e sistematização dos dados são etapas essenciais em qualquer pesquisa qualitativa, pois facilitam a identificação de padrões e temas recorrentes. A partir da planilha, realizei uma leitura intensa e aprofundada das transcrições, buscando identificar os elementos que se mostram convergentes e contribuem para uma compreensão mais clara dos pontos discutidos nas entrevistas. Essa etapa de leitura é descrita por Bardin (2016) como uma fase crucial na análise de conteúdo, onde o pesquisador começa a compreender os significados subjacentes nos discursos dos participantes.

Para estruturar esse processo, utilizamos a técnica de colorir os textos, atribuindo cores diferentes aos segmentos de respostas que estavam relacionados com temas semelhantes. Esse procedimento, conhecido como "análise por categorias" (Gomes, 2017), permitiu organizar o material de forma visual e intuitiva, o que é especialmente importante quando se trabalha com grandes volumes de dados qualitativos. Cada cor representava uma ideia comum, que, ao ser agrupada, formou uma categoria de análise. Como enfatiza Saldanha (2016), esse processo de categorização permite não apenas identificar padrões, mas também fornece uma base sólida para a interpretação e a análise das relações entre os temas emergentes.

Após esse trabalho de categorização e organização, foram identificadas quatro categorias, que serão aprofundadas e discutidas no próximo capítulo. Esse processo de construção das categorias é fundamental para que possamos realizar uma análise mais forte e reflexiva. Como destacam Silva e Menezes (2018), a criação de categorias bem definidas permite uma compreensão mais rica e detalhada das questões abordadas na pesquisa. Essas categorias, portanto, não são apenas um reflexo do conteúdo das entrevistas, mas também o ponto de partida

para uma reflexão mais profunda sobre as teorias pedagógicas e a pedagogia do esporte no ensino do esporte na Educação Física Escolar.

CAPÍTULO 4
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentadas as categorias que foram identificadas a partir dos procedimentos de análise e entrecruzamento com o referencial teórico sobre o assunto, a saber:

a) Estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física;

b) Desafios e enfrentamentos identificados no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física;

c) Desenvolvimento da criticidade entre os alunos nas aulas de Educação Física ao se ensinar esportes;

d) Suportes para o aprimoramento docente e a melhora da qualidade do ensino dos esportes nas aulas de Educação Física.

4.1 Estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física

Essa categoria aborda as metodologias de ensino e as abordagens que os docentes adotam no ensino dos esportes dentro do contexto escolar. As estratégias pedagógicas, neste caso, referem-se ao conjunto de práticas e métodos utilizados pelos professores para ensinar, orientar e promover a aprendizagem dos alunos, levando em consideração suas características, necessidades e o ambiente escolar.

No campo da Educação Física, as estratégias pedagógicas envolvem desde a seleção das atividades físicas até a forma como estas são apresentadas, com o intuito de estimular o aprendizado motor, o desenvolvimento cognitivo e a integração social dos alunos (Betti, 2004; Nunes, 2010). Isso inclui, por exemplo, a escolha de jogos e esportes que promovam não apenas o domínio técnico, mas também habilidades de cooperação, respeito e trabalho em equipe (Vasconcelos, 2006).

Em relação ao ensino dos esportes, uma estratégia pedagógica eficiente busca equilibrar a teoria e a prática, criando um ambiente de aprendizado que permita aos alunos compreenderem as regras e valores dos esportes, ao mesmo tempo em que desenvolvem habilidades motoras e cognitivas necessárias para sua prática (Maluf, 2007).

As práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física escolar têm passado por mudanças importantes, refletindo as novas necessidades educacionais e sociais. A Educação Física, que antes enfatizava a técnica esportiva e o desempenho, agora está mais voltada para a inclusão, a promoção do desenvolvimento social e o incentivo a estilos de vida saudáveis (Bracht, 1999; Darido; Rangel, 2005).

Esse avanço é apoiado por teorias pedagógicas que valorizam a formação completa dos alunos, preparando-os não só para desenvolver habilidades físicas, mas também para adquirir competências pessoais e sociais fundamentais para a vida em sociedade (Kunz, 2001).

Essa perspectiva de Educação Física busca criar um ambiente de aprendizado em que o respeito, a cooperação e a percepção corporal sejam valorizados. Desse modo, o professor precisa atuar como mediador e facilitador, elaborando estratégias que incentivam o envolvimento dos alunos e destacando a importância da diversidade e da interdisciplinaridade.

Um dos pontos centrais nas estratégias pedagógicas da Educação Física escolar é a busca por práticas que incluam todos os alunos, promovendo um ambiente acolhedor e motivador. A literatura educacional tem apontado que o enfoque exclusivo no desempenho técnico pode alienar estudantes com diferentes habilidades e experiências. Por isso, muitos professores passaram a desenvolver atividades que incentivam a participação ativa e valorizam a singularidade de cada estudante (Darido; Rangel, 2005). A seguir, destacamos trechos das entrevistas, na qual as falas das professoras, corroboram com essa afirmação.

> Eu não trabalho com esportes de alto rendimento, eu não faço parte de turmas de treinamentos, a gente trabalha com os conteúdos na sala de aula, e o objetivo principal é que os alunos conheçam as principais regras dos esportes, a origem, o básico daquele esporte coletivo ou individual, e tenham a vivência prática com o objetivo principal de interação, socialização, nesse sentido, e não no sentido do esporte de alto rendimento. E a gente trabalha começando com a história do esporte, depois com os fundamentos básicos, depois com as técnicas e táticas, com o jogo propriamente dito, tudo fragmentado, de acordo com a faixa etária de cada turma. (Profa. Maria Clara)

> Do meu ponto de vista, quando eu vou trabalhar determinado esporte, eu espero que o aluno tenha o acesso a essa dimensão da cultura corporal de movimento que é o esporte, que ele vivencie, que ele perceba os sentidos que aquela prática pode trazer para ele, que ele socialize, interaja com os colegas, que compartilhe experiências prévias, a própria experiência do momento, então o objetivo seria nesse sentido. (Profa. Laura)

Essa abordagem inclusiva contribui para o desenvolvimento de uma autoestima positiva, ajudando os alunos a entenderem que seu valor não depende apenas do desempenho físico, mas do seu comprometimento e aprendizado. Bracht (1999) aponta que essa perspectiva ampliada da Educação Física pode incentivar o cuidado responsável com o próprio corpo e promover o respeito às diferenças.

Para estimular um ambiente colaborativo, muitos professores têm introduzido atividades que promovem o trabalho em equipe e a empatia entre os alunos. A prática de atividades cooperativas, nas quais os estudantes trabalham juntos para alcançar um objetivo comum, é destacada por autores brasileiros como uma estratégia eficaz para fortalecer as habilidades de relacionamento e o respeito mútuo. De acordo com Tani (2009), a cooperação nas aulas de Educação Física contribui significativamente para o desenvolvimento de valores como solidariedade e respeito entre os alunos, criando uma atmosfera positiva e colaborativa.

Bastos e Cury (2011) reforçam que o esporte e as atividades físicas, quando conduzidas de maneira cooperativa, podem ser fundamentais para a construção de uma convivência harmônica e para a superação de diferenças, o que favorece o aprendizado social e emocional dos alunos. Essas estratégias são essenciais para promover uma cultura de colaboração, essencial tanto para o desenvolvimento individual quanto para o coletivo dentro do contexto escolar.

Outro elemento central nas teorias pedagógicas em Educação Física é o incentivo a um estilo de vida saudável. As aulas de Educação Física representam uma oportunidade para os professores conscientizarem os alunos sobre a importância do cuidado com o corpo, da alimentação equilibrada e da saúde mental (Nahas, 2006). Ao incorporar esses temas nas atividades, os professores auxiliam os estudantes a desenvolverem uma visão integrada de saúde, que abrange muito mais do que a prática de exercícios físicos. Esse foco é crucial, pois oferece uma base de conhecimentos que pode impactar positivamente as escolhas de vida dos alunos, incentivando a adoção de hábitos saudáveis desde a infância e adolescência.

> [...] porque na escola que a gente consegue despertar alguma coisa pra saúde lá na frente, lazer também, mas usar o que se aprende na escola no seu cotidiano, pois sabemos dos benefícios, entrando um pouco na parte biológica, os benefícios que a prática esportiva trás, mesmo que seja pouca, o hormônio do bem-estar, a saúde psicológica que hoje na escola tem alunos com bastante dificuldade nessa questão e a Educação Física ajuda a aliviar um pouco. (Profa. Alice)

Além disso, o uso de mini jogos e jogos reduzidos como estratégia pedagógica é enfatizado por Tani (2005), que destaca a importância de adaptar os jogos para promover uma participação mais igualitária, onde todos os alunos, independentemente de suas habilidades motoras ou gênero, possam se engajar e aprender coletivamente. A reflexão sobre as questões de gênero e a tentativa de desconstruir estereótipos relacionados ao esporte também encontram apoio na obra de Lima (2010), que aponta para a necessidade de uma abordagem pedagógica que desafie a exclusão e promova a inclusão de todos os alunos, independentemente de suas características pessoais. Essas estratégias, portanto, não apenas buscam melhorar a compreensão dos esportes, mas também transformá-los em uma ferramenta de desenvolvimento social e de igualdade. Em seguida, destaca-se um trecho no qual a professora argumenta e explicita essas questões.

> A gente sabe que o esporte é culturalmente/historicamente machista, seletivo, classificatório, excludente, então eu procuro trazer muito essas questões para as aulas, questões de gênero, de inclusão, etc. As outras estratégias é fazer minijogos, jogos reduzidos, para que fique mais acessível a compreensão, para que todos participem, pois em um jogo na quadra inteira por exemplo, geralmente são os meninos mais habilidosos que participam, então a gente trabalha com isso para quebrar esses estereótipos. (Profa. Laura)

A fala da Profa. Laura reflete uma compreensão crítica sobre o esporte enquanto fenômeno sociocultural e pedagógico, apontando para questões estruturais como o machismo, a exclusão e a seletividade historicamente associados à prática esportiva. Essa perspectiva encontra respaldo em autores como Darido (2005), que destaca a importância de estratégias pedagógicas inclusivas que problematizam desigualdades e promovam a participação de todos os alunos nas aulas de Educação Física. Além disso, Bracht (1999) reforça que o esporte, ao ser tratado apenas como uma prática técnica e competitiva, reproduz padrões excludentes. Por isso, é fundamental ressignificá-lo no ambiente escolar, considerando valores como a inclusão e a equidade. Estratégias como mini jogos e jogos reduzidos, citadas pela professora, estão alinhadas às propostas de Betti (1991), que enfatizam a adequação das práticas pedagógicas às capacidades e vivências dos alunos, visando desconstruir estereótipos e tornar o esporte acessível e significativo para todos. Assim, a abordagem crítica e reflexiva adotada pela professora destaca a relevância de práticas que dialoguem com os contextos sociais dos alunos e promovam uma formação integral, como preconizado por Kunz (1994).

Outra fala de um professor, que levanta outras estratégias pedagógicas que podem ser utilizadas nas aulas nos dias de hoje, reflete a adoção de metodologias ativas no ensino de Educação Física, em consonância com teorias pedagógicas e defendendo a centralidade da participação ativa do aluno no processo de aprendizagem.

> A gente tem que realizar um plano de aula, uma semana antes, então a gente sempre pensa como fica mais agradável para os alunos, porque a gente tem um problema de participação, portanto quanto mais atrativa a aula, melhor para eles. Então a gente busca utilizar o máximo possível de metodologia ativa, então quando é uma aula teórica, colocar um jogo, por exemplo o Kahoot, ou fazer agrupamentos produtivos, onde os alunos vão pesquisar alguma coisa, ou sala de aula invertida onde eles estudam o conteúdo e eles próprios dão a aula, e até mesmo eles sugerirem alguma atividade que tenha haver com o conteúdo trabalhado. E a aula expositiva também tem bastante, por conta de não ficar só no tradicional, que o professor explica sem a interação dos alunos, e sempre instigar eles com perguntas para que eles participem cada vez mais das aulas. (Prof. Francisco)

De acordo com Nóvoa (1995), a prática pedagógica deve ser baseada na interação entre alunos e professores, com o objetivo de promover uma aprendizagem significativa, que não se limite à simples transmissão de conteúdo. A utilização de ferramentas como o Kahoot, agrupamentos produtivos e a sala de aula invertida, mencionadas pelo professor, busca aumentar o engajamento dos alunos, proporcionando um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e colaborativo. Segundo Tardif (2014), a aplicação dessas metodologias ativas contribui para o desenvolvimento de uma pedagogia mais envolvente, onde eles assumem papéis ativos, tornando-se protagonistas do próprio aprendizado.

Além disso, a ênfase em metodologias que busquem atratividade, como jogos e atividades que incentivem a participação, é apoiada por Paro (2016), que destaca a importância de uma abordagem que desperte o interesse dos alunos, principalmente em um contexto em que a participação pode ser um desafio. Essas estratégias visam transformar a aula de Educação Física em um espaço de engajamento e construção coletiva, alinhando-se a práticas que buscam superar a passividade da tradicional aula expositiva.

Um outro ponto importante é sobre a avaliação, que também deve ser considerada uma estratégia pedagógica no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física.

A avaliação tradicional, muitas vezes focada apenas em resultados de desempenho, pode desestimular os alunos e não refletir suas verdadeiras capacidades e aprendizagens (Kunz, 2001).

A adoção de práticas avaliativas mais formativas, que considerem o processo de aprendizagem e a participação dos alunos, pode contribuir para um ambiente mais inclusivo e motivador. Segundo Santos e Lopes (2018), a avaliação deve ser entendida como um instrumento de diálogo e feedback, que possibilite ao aluno compreender suas conquistas e desafios, promovendo a autoconfiança e a autonomia, como é citado pelo professor a seguir.

> [...] avaliação, eu tento realizar observando o aluno no decorrer das aulas, ver a evolução dele, se ele não conseguia arremessar a bola, ou passar a bola de uma forma correta, se ele já conseguiu então eu considero como sendo uma avaliação positiva daquilo que ele não sabia e agora está conseguindo fazer. (Prof. Théo).

As estratégias pedagógicas conhecidas e utilizadas nas aulas de Educação Física são essenciais para promover uma educação integral que valorize a inclusão, a cooperação, a conscientização sobre saúde e uma visão interdisciplinar. A Educação Física tem um papel importante na formação de cidadãos críticos e responsáveis, pois oferecem um ambiente em que os alunos podem desenvolver habilidades pessoais e sociais relevantes para suas vidas.

Bracht (1999) e Kunz (2001) ressaltam que a Educação Física, ao incorporar essas práticas pedagógicas, proporcionam um aprendizado significativo, alinhado às necessidades dos alunos, ajudando-os a reconhecer a importância do movimento e das práticas corporais no seu cotidiano. As estratégias pedagógicas adotadas pelos professores nas aulas de Educação Física, como o uso de metodologias ativas, a reflexão crítica sobre as práticas esportivas, a utilização de minijogos e a promoção de um ambiente inclusivo, têm se mostrado essenciais para o engajamento dos alunos e para a desconstrução de estereótipos e barreiras, como a exclusão de gênero e a competição exacerbada.

Tardif (2014) e Nóvoa (1995) valorizam a importância de um ensino participativo, que estimule a interação e o protagonismo dos alunos no processo de aprendizagem. Assim, as metodologias empregadas nas aulas de Educação Física Escolar não só visam o ensino das habilidades motoras e esportivas, mas também a formação de indivíduos críticos e conscientes, comprometidos com a construção de um ambiente escolar mais igualitário e inclusivo.

4.2 Desafios e enfrentamentos identificados no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física

A Educação Física escolar desempenha um papel crucial na formação integral dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento físico, emocional e social. Contudo, essa disciplina enfrenta uma série de desafios que impactam a qualidade do ensino e a participação dos alunos nas atividades propostas. Esses desafios vão desde a falta de infraestrutura adequada até questões relacionadas à diversidade e inclusão, além da resistência dos alunos e a desvalorização da disciplina dentro do currículo escolar.

A literatura sobre o ensino do esporte nas aulas de Educação Física Escolar aponta que é fundamental compreender os desafios enfrentados pelos professores para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficazes e inclusivas (Bracht, 1999; Darido, 2004). No contexto específico da Educação Física, esses desafios incluem a busca por uma abordagem mais integrada que vá além das competências técnicas e envolva questões sociais e culturais, como a superação de estereótipos e a promoção da equidade de gênero nas práticas esportivas.

A adaptação das aulas às diferentes necessidades dos alunos, considerando suas habilidades e contextos, é um aspecto essencial para garantir um ambiente de aprendizagem positivo e engajador (Bracht, 2004). Assim, nesta categoria, serão discutidos os principais obstáculos encontrados no ensino do esporte, e as estratégias pedagógicas que podem ser adotadas para superá-los, sempre com o objetivo de transformar as aulas de Educação Física em espaços de reflexão crítica e desenvolvimento integral dos alunos.

Um dos principais desafios enfrentados nas aulas de Educação Física é a falta de infraestrutura e recursos apropriados. Muitas escolas ainda não dispõem de espaços adequados para a realização de atividades físicas, como quadras e equipamentos adequados. Conforme apontado por Nahas (2006), essa situação limita as possibilidades de diversificação das atividades, restringindo o potencial pedagógico da disciplina. A falta de infraestrutura adequada pode resultar em desmotivação entre os alunos e dificuldades para os professores em implementar propostas pedagógicas que atendam às necessidades dos estudantes.

A infraestrutura insuficiente nas escolas representa um grande obstáculo para a efetiva implementação do ensino de esportes nas aulas de Educação Física, uma vez que impacta diretamente na qualidade das práticas pedagógicas e na motivação dos alunos (Darido; Rangel, 2005).

Quando os professores não dispõem de materiais adequados ou de espaços apropriados para a realização das atividades esportivas, as aulas se tornam mais limitadas e acabam por se tornar monótonas e pouco atrativas. Esse cenário não apenas compromete o aprendizado técnico dos alunos, mas também dificulta o desenvolvimento de valores como a cooperação, a competitividade saudável e a inclusão social, que são fundamentais no ensino do esporte. Além disso, a falta de infraestrutura pode aumentar a exclusão de alguns alunos, como ocorre em atividades esportivas mais complexas, nas quais os alunos com habilidade motoras mais desenvolvidas acabam dominando o jogo, enquanto outros se sentem marginalizados (Darido, 2004).

Portanto, garantir condições adequadas para o ensino de esportes nas escolas é essencial para proporcionar uma aprendizagem eficaz e inclusiva, alinhada aos objetivos pedagógicos da Educação Física escolar. A seguir, alguns relatos dos professores entrevistados chamam a atenção para essa falta de estrutura física e material para as aulas de Educação Física escolar.

> Agora pensando nas questões materiais, elas são escassas, são defasadas, desfavoráveis, a gente trabalha em lugares que nem sempre estão limpos, seguros, que já são pré-determinados como as quadras poliesportivas, que te induzem a trabalhar de certa maneira, com o esporte mais tradicional, não há opções de outros espaços, e os espaços que têm não são bons, tem obstáculos, objetos, uma arquitetura que não favorece algumas práticas. E os materiais na realidade que eu trabalho são razoáveis, eu procuro estar sempre solicitando ou adaptando, trazendo materiais alternativos, mas poderia ser melhor esses suportes. A gente tem acesso a recursos tecnológicos que não funcionam direito, plataformas que não funcionam e não favorecem a aprendizagem, são plataformas que valorizam mais o aspecto quantitativo, de acessar por acessar, e não aprender, muito por um viés econômico, e não pensando na aprendizagem. (Profa. Laura).

> Depois de um certo tempo a gente acaba se acostumando com essa falta de materiais, mas a gente sempre aprende na faculdade ou com o dia-a-dia a adaptar os materiais, ou pedir para que os alunos trazerem determinado material, porque todo ano eu faço uma lista para a escola do que eu preciso, é bem básica, com bambolês, bolas, cones, o essencial, mas não é sempre que somos atendidos, infelizmente são poucas escolas que os professores são atendidos e que acaba não precisando adaptar nada, porque infelizmente os materiais custam caro, e acabam estragando muito fácil, então não dá para a escola ficar repondo o tempo todo, então temos esse desafio de sempre ficar adaptando, questões de coletes, lavagem dos coletes, muitas das vezes nós levamos embora para lavar, porque não tem essa rotatividade e a escola também não tem lugar para lavar, enfim, tem todas essas questões. Com relação ao espaço físico, mesmo a gente pedindo para consertar, depende do dinheiro, depende da vontade da gestão da escola, do tempo para lembrar que existe uma quadra, porque normalmente eles não vão até lá, e acaba ficando para trás. (Prof. Francisco).

Outro desafio importante que corrobora com a próxima fala de um dos professores entrevistados, é a limitação imposta por currículos padronizados e, muitas vezes, inflexíveis. A imposição de conteúdos definidos pela Secretaria da Educação, muitas vezes limita a autonomia do docente para selecionar e adaptar atividades de acordo com as necessidades e especificidades da turma (Darido, 2004; Rangel, 2005). A adaptação dos conteúdos práticos, como o uso de slides e a escolha de atividades mais adequadas à realidade da escola, demonstra uma tentativa de os professores ajustarem a teoria à prática, permitindo que o ensino do esporte se torne mais acessível e significativo para os alunos.

No entanto, a sobrecarga de atividades teóricas e a exigência de adequação aos modelos avaliativos padronizados, podem resultar em uma desproporção entre o que é realmente relevante para o desenvolvimento motor e social dos alunos e o que é exigido pelas políticas educacionais. Segundo Bracht (1999), a superação desses desafios exige uma reflexão crítica sobre o currículo e a prática pedagógica, buscando sempre integrar as abordagens teóricas e práticas de maneira coerente e eficaz para o ensino do esporte nas escolas.

> Na realidade nós não selecionamos, isso aí já é previsto pelo Currículo que vem mandado pela Secretaria da Educação, então não tem como ter um critério porque isso já é estipulado, o tema já vem direcionado dentro da plataforma de trabalho. [...]. A parte teórica dos slides, como são cobrados em algumas provas, aquelas provas paulistas, eu tenho que seguir, porque eu não sei a que momento vão ser cobrados esses conteúdos dentro das provas deles, na parte da Educação Física. Mas eu procuro trabalhar os slides, eu dou uma enxugada nos slides, porque se eu for realmente trabalhar só eles eu não vou conseguir ter uma parte prática, então muitas vezes a parte prática eu tento dar uma enxugada, dar uma melhorada/adaptada em relação a nossa realidade dentro da escola, então a prática eu consigo modificar e trabalhar nos moldes que eu vejo que é mais eficaz para os alunos. (Prof. Miguel).

A resistência dos alunos em participar das atividades de Educação Física é um desafio que muitos professores enfrentam, especialmente no ensino do esporte, onde fatores como medo de se expor, pressão para desempenho e questões sociais podem gerar barreiras à participação ativa (Kunz, 2001).

Segundo Darido (2004), essa resistência também pode estar relacionada a experiências negativas anteriores em esportes ou a um ambiente escolar que não favorece a autoestima e a confiança dos alunos, afastando-os da prática. A criação de um ambiente acolhedor, onde os alunos se sintam seguros e apoiados para experimentar novas atividades e se engajar sem a pressão da avaliação, é fundamental para superar esses obstáculos.

Para isso, é essencial que os professores adotem estratégias pedagógicas que busquem fortalecer a confiança dos alunos, proporcionando um espaço de aprendizagem positivo e sem julgamentos (Bracht, 1999). Essas abordagens podem contribuir para a construção de um ambiente mais inclusivo e motivador, capaz de reduzir as barreiras que impedem a participação dos alunos nas aulas de Educação Física.

> Eu vejo que os desafios eles acontecem, porque tudo o que foi falado até agora, dos princípios culturais, tentando alinhar com os conteúdos de uma forma “diferente” do que os alunos estão acostumados, eles acabam questionando, mesmo com uma conversa e uma explicação, eles questionam, não querem fazer, isso acontece por causa da sociedade em que vivemos, dos valores diferentes que vivemos. Isso acontece muito com as turmas novas, o que eu percebo é que uma turma recente depende muito do professor(a) que estava antes, há turmas muito tranquilas, e outras que só querem os mesmos esportes, que só querem que os mais habilidosos joguem, que só os meninos joguem, uma ou outra menina que tinha mais habilidade que “podia” jogar, então eram turmas muito excludentes, e quando você pega uma turma assim, é muito mais difícil. E aos poucos eles vão entendendo esses valores, é um processo que não é fácil, e infelizmente não são todos que se acostumam com essa forma. Conflitos também que acontecem são grandes desafios, questões de gênero, étnico racial, e nós como professores temos que saber mediar esses conflitos, não somente mediar na hora, mas sim para reflexão e que uma hora eles parem com esses pensamentos, e assim você está indiretamente combatendo com a mudança da sociedade, seja curto, médio ou a longo prazo. Esperança não só de esperar, mas de trabalhar, esperançar e fazer. (Prof. Bernardo)

Os desafios enfrentados nas aulas de Educação Física são variados e complexos, requerendo uma abordagem reflexiva e adaptativa dos professores. A carência de infraestrutura, a diversidade entre os alunos, a resistência à participação e a desvalorização da disciplina são questões que afetam diretamente a qualidade do ensino e a experiência deles. Esses desafios enfrentados no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física são multifacetados e exigem uma análise crítica das condições pedagógicas, sociais e estruturais que envolvem o ambiente escolar.

A literatura educacional aponta que a carência de infraestrutura, a resistência dos alunos à participação, a diversidade nas habilidades e interesses dos estudantes, bem como a desvalorização da disciplina, são fatores que dificultam a efetividade do ensino (Darido, 2004; Kunz, 2001). Esses desafios demandam uma prática pedagógica reflexiva, que leve em consideração as particularidades de cada grupo e proporcione um espaço seguro e inclusivo para os alunos se engajarem nas atividades físicas.

Assim, é necessário que os professores de Educação Física estejam atentos a esses desafios e busquem soluções criativas que contemplem a diversidade de seus alunos, favorecendo uma prática pedagógica mais democrática e que envolva os estudantes.

4.3 O desenvolvimento da criticidade entre os alunos nas aulas de Educação Física ao se ensinar esportes

A Educação Física escolar tem se tornado cada vez mais um espaço para a formação de cidadãos críticos e conscientes, que não apenas participam de atividades físicas, mas também compreendem a importância do movimento em suas vidas e nas relações sociais. Nesse contexto, a criticidade surge como uma competência fundamental que deve ser desenvolvida nas aulas de Educação Física.

O desenvolvimento da criticidade entre os alunos nas aulas de Educação Física, especialmente ao ensinar esportes, requer um enfoque que vá além da mera transmissão técnica e competitiva, incorporando reflexões sobre os aspectos socioculturais e éticos envolvidos na prática esportiva. Nesse sentido, Kunz (1994) argumenta que o ensino do esporte deve promover a autonomia e a capacidade dos alunos de questionar as normas e valores que regem as práticas esportivas, integrando-os a um processo de formação crítica.

Complementarmente, Bracht (1999) ressalta que a Educação Física deve atuar como um espaço para problematizar o esporte enquanto construção social, incentivando os alunos a refletirem sobre questões como inclusão, desigualdade de gênero e padrões de desempenho. A Pedagogia do Esporte, conforme Betti (1991), contribui significativamente nesse processo ao propor uma abordagem cultural do esporte, considerando-o um fenômeno social que pode ser ressignificado no contexto escolar. Dessa forma, o ensino do esporte torna-se uma ferramenta para estimular a participação ativa e reflexiva dos alunos, permitindo-lhes reconhecer o papel transformador do esporte na sociedade.

Esta perspectiva crítica não se limita apenas à prática esportiva, mas se estende à reflexão sobre as experiências vividas, as relações de poder, os valores sociais e a construção da identidade dos alunos (Bracht, 1999; Darido, 2004). Esta categoria de análise busca discutir a criticidade dentro das aulas de Educação Física, particularmente associada ao ensino dos esportes, abordando suas implicações para a formação dos estudantes.

A formação de uma atitude crítica nos alunos é essencial para que possam analisar e questionar o mundo ao seu redor, uma vez que isso os capacita a compreenderem as estruturas sociais, políticas e culturais que influenciam suas vidas e, assim, se tornarem agentes de transformação. Segundo Freire (1996), a educação deve ser voltada para a emancipação, ajudando os alunos a perceberem a realidade em sua totalidade e a questionar as normas e valores que dominam a sociedade.

Para o autor, a prática pedagógica crítica não deve se limitar ao simples repasse de conteúdos, mas deve instigar o aluno a refletir, problematizar e agir sobre as injustiças e desigualdades. Além disso, a abordagem crítica é defendida por autores como Demo (2000), que enfatizam a importância de uma educação que desenvolva a capacidade de análise, de forma a promover uma conscientização ativa nos alunos, permitindo-lhes compreender o contexto em que estão inseridos e identificar as possibilidades de mudança.

Segundo Bracht (1999), a Educação Física deve ser entendida como um campo de conhecimento que propicia o desenvolvimento da criticidade, e para que os alunos possam refletir sobre as práticas esportivas e as mensagens que estão sendo transmitidas sobre corpo, gênero e identidade.

Ao entenderem esses conceitos de forma crítica, os alunos têm a oportunidade de repensar suas atitudes e de contribuir para a construção de um mundo mais justo e igualitário, permitindo que se tornem agentes de transformação social.

Isso implica em discutir questões como a cultura do corpo, os estereótipos de gênero, a inclusão e a acessibilidade, além de promover uma reflexão sobre as relações de poder presentes nas práticas esportivas. A Educação Física escolar, ao abordar esses aspectos, não só desenvolve habilidades motoras, mas também promove uma educação crítica, ajudando os alunos a questionarem normas sociais que influenciam o comportamento no esporte e na sociedade. Guimarães (2005) e Souza (2012) argumentam que a escola deve ser um espaço para discutir e problematizar as questões sociais e culturais relacionadas ao corpo e ao esporte, a fim de desafiar os estereótipos de gênero e a exclusão de grupos marginalizados. Para Guimarães (2005), a Educação Física pode ser um espaço de resistência, onde se pode desconstruir os padrões corporais hegemônicos e questionar as normas de gênero que limitam as possibilidades de ação e expressão dos estudantes.

Uma formação crítica pode possibilitar que os alunos reflitam sobre suas próprias experiências e percebam as desigualdades que podem existir nas práticas esportivas. Por exemplo, a análise das relações de gênero nos esportes pode levar os alunos a questionarem estereótipos e a valorizarem a participação de todos, independentemente de suas características físicas ou habilidades. Destaca-se que a reflexão crítica sobre esses temas contribui para a formação de uma cultura de respeito e aceitação dentro do ambiente escolar (Darido; Rangel, 2005). Ao discutir essas questões, os alunos podem aprender a valorizar a diversidade e a trabalhar em conjunto, desenvolvendo competências sociais essenciais para a convivência em sociedade.

Isso foi destacado nas falas a seguir.

> Um dos principais pontos é que a gente vai ensinar para os nossos alunos que ele aprenda alguns valores, como: uma sociedade crítica e transformadora. O que é isso? Que ela seja contra a injustiças sociais, preconceitos, exclusões, seja por diversos fatores, economicamente, questões de gênero, habilidade nos esportes, étnico raciais, aspectos físicos, e assim vai indo, eu vejo que se o professor tiver essa preocupação, desde que ele consiga que o aluno tenha uma perspectiva crítica, e que tenha uma vivência prática alinhada com essas preocupações, seria sensacional. (Prof. Bernardo).

> Eu acredito que é colocar os alunos como sujeitos do processo de aprendizagem, colocar eles como corresponsáveis, não seria considerá-los como pessoas que não sabem nada, que chegaram ali como caixas vazias, mas sim são pessoas que trazem suas bagagens, suas histórias de vida, seu conhecimentos, e que isso é algo valioso, que pode ser partilhado, ampliado e diversificado na escola, então acho que é fazer o aluno refletir sobre aquilo que ele e os colegas trazem, porque ninguém sabe mais que ninguém, são saberes diferentes e que um pode aprender com o outro, e que o conhecimento ele tem uma relação com o poder, então é preciso ter sempre esse olhar do porquê e para que aprender isso ou aquilo, e contextualizar trazendo um sentido para sua vida, e pensar na mudança, como que aquilo que está sendo experimentado ele pode trazer mudanças para os alunos, para o meio social em que ela vive. (Profa. Laura).

Outro aspecto relevante acerca de uma formação crítica dos alunos nas aulas de Educação Física está fortemente relacionado à postura reflexiva e coerente do professor, que busca alinhar suas práticas pedagógicas com princípios emancipatórios e transformadores. Essa abordagem, conforme discutida por autores como Kunz (2001) e Bracht (1999), envolve a reflexão sobre o currículo e a adaptação das práticas pedagógicas para fomentar uma visão crítica da realidade entre os alunos.

Segundo Darido (2004), a Educação Física escolar pode ser um espaço privilegiado para abordar questões sociais e culturais, promovendo o pensamento crítico dos estudantes sobre a sociedade e suas estruturas de poder. Essa prática educacional, inspirada nas ideias de Paulo Freire, exige que o professor seja capaz de conectar o discurso crítico com a prática efetiva em suas aulas, mantendo a coerência entre o que se ensina e o que se faz, e, assim, inspirando os alunos a refletirem sobre valores sociais que vão além do contexto esportivo. Para Freire (1996), o papel do educador é estimular a autonomia crítica dos alunos, capacitando-os a questionar e reinterpretar a sociedade, o que, nas aulas de Educação Física, pode contribuir para uma prática esportiva mais inclusiva, justa e consciente, como é destacado na fala a seguir.

> O primeiro fator é o que tenta ensinar é ter uma perspectiva de sociedade e de Mundo crítico, a partir desse momento ele consegue chegar na Educação Física também de uma forma crítica. O primeiro ponto é o professor, quando tem o alinhamento do currículo também crítico. É importante ter uma visão crítica sobre o currículo, porque às vezes ele pode te ajudar, mas também ele pode te atrapalhar com relação a esses princípios críticos dos alunos na sociedade, na educação e na Educação Física. Uma coisa que o Paulo Freire fala é que a gente tem que tentar aproximar o que a gente fala com o que a gente faz, que é o mais difícil. No começo eu tinha dificuldade com isso, as minhas aulas eram distantes do que eu falava/pensava, e com o tempo isso foi melhorando. Não cair nessas tentações é um ponto importante, porque pode parecer mais legal, é o que os alunos querem, mas será que era isso que eu queria ensinar?! Então tentar fazer com que os alunos consigam analisar e refletir sobre a sociedade, que eles consigam mais do que olhar, consigam aprender valores que podem contribuir não só para as aulas de Educação Física, mas para uma sociedade diferente. (Prof. Bernardo).

A superação da prática "rola-bola" na Educação Física, como é destacado por uma professora entrevistada, no final desse parágrafo, representa um compromisso do professor com um ensino mais sistematizado e significativo, que reconhece o direito dos alunos de aprender de forma contextualizada e planejada. Segundo Darido (2004) e Souza Neto e Darido (2001), esse ensino crítico e estruturado envolve preparar aulas que vão além da simples prática esportiva, oferecendo conhecimentos que permitam ao aluno compreender e refletir sobre o esporte de maneira ampla, envolvendo suas dimensões histórica, cultural e social. Esse enfoque coloca o professor como mediador de um aprendizado que valoriza o conteúdo esportivo não apenas como técnica, mas como uma prática que integra o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos. Nesse sentido, ao tomar para si a responsabilidade de ensinar, o professor contribui para uma formação integral, onde o aprendizado esportivo está alinhado com uma educação para a cidadania, promovendo habilidades e valores essenciais para a vida em sociedade (Kunz, 2001; Bracht, 1999).

> Mas eu acho que o fato de superar aquela velha história de rola-bola, eu acho que isso a experiência e os cursos me fizeram pensar que os alunos têm o direito de aprender, e eu tenho a obrigação de ensiná-los, então eu acredito que isso faça a diferença. (Profa. Ana Beatriz)

Portanto, para desenvolver a criticidade dos alunos nas aulas de Educação Física ao ensinar esportes, é fundamental que o ensino seja planejado e contextualizado, abordando questões relacionadas aos marcadores sociais, como gênero, etnia e classe social, que influenciam diretamente as práticas esportivas.

Autores como Kunz (2001) e Bracht (1999) destacam que a educação crítica no esporte não se limita ao desenvolvimento técnico, mas incentiva os alunos a questionarem estereótipos e as dinâmicas de poder presentes no ambiente esportivo. Essa abordagem crítica busca fazer com que os alunos reflitam sobre a sociedade em que estão inseridos e, assim, formem uma consciência cidadã, compreendendo o esporte como um fenômeno social que vai além da quadra/campo/pista. Dessa forma, o professor se torna um mediador de discussões e práticas que promovem a inclusão e o respeito às diferenças, preparando os alunos não apenas para o esporte, mas para uma participação ativa e crítica na sociedade (Darido, 2004; Souza Neto; Darido, 2001).

4.4 Suportes para o aprimoramento docente e a melhora da qualidade do ensino dos esportes nas aulas de Educação Física

A formação docente é um elemento central para o aprimoramento do ensino dos esportes nas aulas de Educação Física, demandando uma abordagem contínua e crítica que capacite os professores a lidar com as complexidades do contexto escolar. Darido (2005) destaca que a qualidade da prática pedagógica está diretamente relacionada ao embasamento teórico e às oportunidades de formação continuada, que permitem aos professores atualizar conhecimentos e desenvolver estratégias inclusivas e significativas. Nesse mesmo sentido, Bracht (1999) defende que a formação docente deve priorizar uma perspectiva que enxergue o esporte como fenômeno sociocultural, indo além da técnica para abordar questões éticas e educativas. Para Betti (1991), o desenvolvimento profissional dos professores precisa incluir reflexões sobre as relações entre esporte, cultura e educação, capacitando-os a propor práticas que dialoguem com as vivências e interesses dos alunos. Assim, a formação docente no ensino do esporte não apenas eleva a qualidade das aulas de Educação Física, mas também contribui para a transformação do esporte em uma ferramenta educativa crítica e transformadora.

Esses apoios podem incluir a formação contínua dos professores, a utilização de recursos didáticos apropriados, a valorização da diversidade e a implementação de um currículo que atenda às necessidades e interesses dos alunos (Darido, 2004; Bracht, 1999). Esta categoria abordará os principais apoios significativos que podem ser utilizados para elevar a qualidade das aulas de Educação Física.

Gatti (2010) enfatiza a importância de uma educação ao longo da vida para os professores, argumentando que as políticas educacionais devem valorizar a continuidade do desenvolvimento profissional docente, o que impacta positivamente na capacidade dos professores de se adaptar e responder às mudanças nas demandas escolares e sociais.

André (2010) também sugere que a formação continuada auxilia os docentes a lidarem com a complexidade da prática educativa, promovendo uma atitude reflexiva e investigativa que é essencial para enfrentar os desafios diários em sala de aula e fomentar o engajamento dos alunos

Investir na formação continuada dos professores permite que eles adquiram novos conhecimentos, atualizem suas práticas e desenvolvam uma postura crítica frente aos desafios que enfrentam. Gatti (2008) e André (2012) destacam a importância de programas de formação continuada para aprimorar as práticas pedagógicas e promover a atualização constante dos professores.

Gatti (2008) enfatiza que esses programas são essenciais para adequar o ensino às demandas contemporâneas, proporcionando aos docentes oportunidades de desenvolver competências como o uso de metodologias ativas, abordagens inclusivas e conhecimentos de saúde e psicologia aplicáveis ao contexto escolar. A mesma autora também ressalta que uma formação continuada, quando bem estruturada, contribui para a formação de um professor crítico e reflexivo, capaz de adaptar conteúdos às necessidades dos alunos e lidar com desafios específicos da prática educacional, como a inclusão e a diversidade.

Tardif (2014) destaca que a troca de experiências entre professores é essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas alinhadas às necessidades da escola contemporânea, pois facilita a adaptação a contextos específicos e promove a inovação no ensino.

Nóvoa (2009) reforça essa perspectiva, afirmando que a formação continuada, quando organizada como espaço de cooperação, fortalece o sentido de pertencimento dos professores à comunidade educacional e aprimora a prática reflexiva.

Já Pimenta (2002) defende que essa colaboração permite o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais inclusivas, favorecendo a construção de uma prática educativa consciente e crítica. Essas interações possibilitam que os professores compartilhem métodos e recursos, auxiliando na superação de desafios comuns e na qualificação do ensino dos esportes nas aulas de Educação Física.

Esse contexto é ressaltado por uma das professores, na seguinte fala:

> Até um tempo atrás, a gente tinha muito curso pela diretoria de ensino, esse curso da Ana Mozart, eu fui fazer mestrado. Às vezes tem algum curso online, algum livro que a gente vê e compra. A gente tem um acervo de livros que a gente recebe. Vídeos, muitas vezes do YouTube, né? Tem pessoas lá ensinando, isso aí também é um método de aprendizado, as vídeo aulas. Hoje, a gente tem também o Multiplica, que é um curso do Estado que mudou e agregou muitas coisas, e a gente assiste a aula pelo Teams. Eu tenho aula toda segunda-feira, na parte da manhã. E é cada professor de uma região do Estado de São Paulo, então essas trocas são muito enriquecedoras. Eu já estou na terceira turma do Multiplica. Então, todo semestre eu me inscrevo pra fazer. E todo semestre é um universo diferente. Porque são pessoas diferentes, de cidades diferentes, e essa troca de experiência e de conhecimento é muito legal. Muitas vezes eu fico brilhando os olhos com as criatividades de uns professores que não tem todos os materiais que eu tenho disponível para trabalhar. Enfim, eu sempre busquei e sempre busco me atualizar e aprimorar os meus conhecimentos. Eu nunca parei de estudar. (Profa. Sophia).

Os ambientes formativos abrangem desde cursos oferecidos pela diretoria de ensino até programas como o “Multiplica", que é uma formação continuada oferecida pelo governo do Estado de São Paulo para professores do Estado, da rede pública de ensino. Seu objetivo é aprimorar as práticas pedagógicas, proporcionando conhecimentos e estratégias para melhorar a qualidade do ensino. O curso aborda temas variados e busca capacitar os professores, oferecendo ferramentas que favoreçam a inovação e o desenvolvimento de metodologias mais eficazes em sala de aula. Esses ambientes, são fundamentais para o desenvolvimento profissional docente, pois promovem o aprendizado contínuo e o fortalecimento das redes colaborativas entre professores. Gatti (2008) argumenta que a formação continuada deve proporcionar aos professores oportunidades de refletir sobre suas práticas e compartilhar conhecimentos em uma dinâmica de construção coletiva.

Além disso, Nóvoa (2009) e Tardif (2014) reforçam que a troca de experiências e o compartilhamento de estratégias pedagógicas são elementos cruciais para a formação de uma identidade profissional mais rica e diversificada, permitindo que os professores se inspirem em soluções criativas para superar limitações materiais e estruturais. Essa prática colaborativa, inclusive por meio de mídias digitais e conteúdos online, como as videoaulas do *YouTube*, amplia o repertório pedagógico e traz à formação uma abordagem mais prática e dinâmica, para o ensino dos esportes nas aulas.

A busca por aprimoramento constante mencionada pela professora no excerto abaixo, destaca a importância da formação contínua e do engajamento com diferentes recursos para a qualificação do ensino dos esportes nas aulas de Educação Física. Essa prática reflete o que Darido e Rangel (2005) consideram essenciais para o desenvolvimento docente: a atualização constante em conteúdos esportivos e a familiarização com as novas metodologias.

Gatti (2008) e André (2012) também enfatizam a relevância da formação permanente, que envolve tanto a leitura de novas produções acadêmicas quanto o aproveitamento de meios digitais, para manter-se atualizado sobre mudanças e evoluções nas diferentes modalidades esportivas. Participar de seminários e cursos proporciona aos professores oportunidades de aprendizado diversificado, valorizando a troca de experiências com outros professores e a adaptação das práticas pedagógicas.

Esses ambientes formativos ampliam o repertório profissional e os ajudam a contextualizar o ensino do esporte de maneira crítica e engajadora, beneficiando diretamente a qualidade do aprendizado dos alunos.

> Eu procuro me atualizar sempre em relação às regras dos esportes, atualidades sobre os esportes, a gente teve as Olimpíadas, Paralimpíadas, então é importante assistir e comentar com os alunos, pesquisar, e por mais que hoje em dia temos preguiça, mas pegar um livro e ler, porque quando saí da faculdade a gente perde o âmbito acadêmico, e começa ficar mais nos meios digitais, mas procurando sempre se atualizar nas mudanças que tem e vem ocorrendo nos esportes. Assistir também os jogos para transcrever e discutir com eles a relação e as diferenças das diferentes modalidades que existem. Conversando e trocando com os colegas, fazendo cursos, seminários, atualizações na DE, se reunindo e discutindo a vivência com outros colegas, cursos pelo EFAPE que é a escola de formação que a gente tem uma experiência bem vasta, com vários tipos de profissionais que a gente consegue adquirir o conhecimento de cada um deles. (Profa. Maria Clara).

A adoção de um currículo adaptado às necessidades e interesses dos alunos é essencial para promover o envolvimento e a motivação nas aulas de Educação Física. Darido (2003) argumenta que a flexibilização curricular, ao contemplar os diferentes contextos e preferências dos alunos, contribui para uma experiência de ensino mais significativa.

Kunz (2001) reforça essa visão ao apontar que a Educação Física deve considerar as individualidades dos alunos, incentivando a participação ativa deles na escolha das atividades e proporcionando um ensino mais inclusivo e democrático.

Nesse sentido, Betti e Zuliani (2002) destacam a importância de criar espaços de diálogo para que os alunos possam expressar seus interesses e expectativas, o que torna o currículo mais relevante para suas vivências.

Essa abordagem crítica e participativa não apenas aumenta o engajamento, mas também fortalece a percepção dos alunos sobre o valor e a aplicabilidade do ensino dos esportes na Educação Física e em suas vidas, promovendo um aprendizado mais significativo e duradouro, como é destacado pela professora, no excerto a seguir.

> Na medida do possível eu tento seguir o currículo, o currículo de Bauru dá uma abertura, então eu observo o que foi trabalhado nos anos anteriores, por exemplo, esportes de invasão, como eu sigo e acompanho os anos anteriores, eu penso e tento fazer de uma forma diversificada. Mas lógico a gente dá preferência para o que eles gostam, o que tem na cidade, o que tem na mídia, e na medida do possível seguir o currículo. (Profa. Ana Beatriz).

A fala da professora, que menciona a flexibilidade e a adaptação do currículo de Educação Física, ressoa com a ideia de que a prática pedagógica deve considerar tanto as orientações curriculares quanto às necessidades e interesses dos alunos. Segundo a BNCC (Brasil, 2017), um currículo dinâmico e diversificado, capaz de integrar o contexto local e as vivências dos alunos, é fundamental para garantir a relevância das atividades propostas nas aulas de Educação Física. Essa abordagem permite que os alunos se sintam mais envolvidos e motivados, uma vez que as atividades são ajustadas para refletir suas preferências e o que é mais significativo para eles.

Diante dessa fala, é importante ressaltar que os currículos se referem principalmente às escolas públicas Estaduais de São Paulo, que são regidas pela Secretaria da Educação do Estado. Esses currículos, baseados nas diretrizes e orientações da rede estadual, não se aplicam diretamente às escolas municipais, que seguem regulamentos e diretrizes próprias, estabelecidas pelos municípios. Embora haja alinhamento com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os currículos Estaduais podem ter especificidades, como a definição de conteúdos, a carga horária e as abordagens pedagógicas, que variam de acordo com as políticas educacionais de cada esfera administrativa. Portanto, os currículos das escolas municipais podem apresentar adaptações e diferenças em relação ao modelo estadual.

No caso da professora Ana Beatriz, a valorização do que é praticado em na cidade na qual foi feita a pesquisa e das influências da mídia são exemplos de como é possível alinhar o currículo às vivências dos alunos, o que, segundo Gatti (2009), contribui para um ensino mais relevante e engajador.

Ao mesmo tempo, a flexibilidade mencionada pela professora, que busca respeitar o currículo ao mesmo tempo em que prioriza os gostos dos alunos, destaca a importância de um ensino que não apenas cumpra uma sequência de conteúdos, mas também se torne um espaço de reflexão crítica e participação ativa.

A Educação Física, dessa forma, se torna mais do que uma simples disciplina de prática esportiva: ela se transforma em um campo de desenvolvimento pessoal e social, alinhado às necessidades do grupo de alunos (Darido, 2004; Kunz, 2001).

A formação continuada e os diversos suportes de aprimoramento docente, como cursos, seminários, troca de experiências entre professores e atualizações sobre as regras e práticas esportivas, são fundamentais para a melhoria da qualidade do ensino dos esportes nas aulas de Educação Física.

Conforme defendido por autores como Gatti (2009) e Nascimento e Nascimento (2014), a atualização constante dos professores é essencial para a adaptação das práticas pedagógicas às novas demandas educacionais e sociais. A diversidade de fontes de aprendizado, como vídeos, materiais digitais e cursos especializados, permite que os professores se apropriem de diferentes metodologias, ampliando sua visão e abordagens no ensino do esporte.

Além disso, a flexibilidade do currículo, alinhada aos interesses dos alunos, favorece o engajamento e a motivação dos estudantes, como ressaltado por Libâneo (2013) e Souza (2015). Assim, os suportes formativos são decisivos para o aprimoramento da prática pedagógica, promovendo um ensino mais inclusivo e contextualizado, que contribui para a formação integral dos alunos, no ensino desses esportes nas aulas de Educação Física Escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho revelou que a relação entre as teorias pedagógicas da Educação Física Escolar e a pedagogia do esporte é fundamental para compreender as convergências e divergências que influenciam os modos como os docentes falam sobre o ensino dos esportes nas aulas. Foi possível evidenciar que estratégias pedagógicas que articulam o desenvolvimento técnico com a formação crítica e cidadã são essenciais para superar práticas tecnicistas e promover um ensino mais significativo.

Os desafios enfrentados pelos professores, como a falta de recursos e o predomínio de modelos tradicionais, demandam reflexões e ações que ampliem as possibilidades pedagógicas, aproximando o esporte dos contextos socioculturais dos alunos. Nesse sentido, o desenvolvimento da criticidade emerge como um objetivo central, pois permite que os alunos compreendam o papel do esporte na sociedade e se posicionem de maneira ativa e consciente.

Além disso, ficou claro que o suporte para o aprimoramento docente, por meio da formação inicial e continuada, é indispensável para qualificar as práticas pedagógicas e fortalecer o papel da Educação Física Escolar como espaço de transformação social.

É importante ressaltar que as quatro categorias de análise estão interligadas e, juntas, formam um quadro abrangente sobre o ensino dos esportes na Educação Física Escolar.

As estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores dependem do suporte que recebem para se desenvolverem profissionalmente, seja por meio de formação continuada, recursos pedagógicos ou apoio institucional.

Ao mesmo tempo, as dificuldades enfrentadas pelos docentes, como a falta de infraestrutura ou resistência a novas metodologias, impactam diretamente no tipo de abordagem pedagógica que pode ser aplicada em sala de aula.

O desenvolvimento da criticidade entre os alunos, por sua vez, está diretamente relacionado à maneira como os professores abordam os conteúdos e à capacidade de integrar os aspectos técnicos do esporte com os contextos socioculturais e éticos. Dessa forma, um ensino que se propõe a ser mais crítico e

inclusivo depende da articulação adequada dessas diferentes dimensões, criando um ciclo de aprendizagem que beneficia tanto os alunos quanto os professores.

No mais, a análise dessas categorias permite entender os desafios, as possibilidades e os caminhos para um ensino do esporte mais reflexivo, crítico e inclusivo, que considere as especificidades da Educação Física Escolar e atenda às demandas educacionais contemporâneas.

Portanto, este estudo contribui para o debate ao reafirmar a necessidade de alinhar teorias e práticas, criando condições para que o ensino do esporte seja mais inclusivo, reflexivo e capaz de atender às demandas educativas contemporâneas. Dessa forma, espera-se que esta pesquisa inspire novos estudos e práticas comprometidos com uma Educação Física Escolar crítica e transformadora.

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, com o tema "Ensino do Esporte na Educação Física Escolar: entre teorias pedagógicas e a pedagogia do esporte", contribuiu significativamente para a minha formação pessoal e profissional. Ao aprofundar-me nas teorias pedagógicas e na aplicação da pedagogia do esporte no contexto escolar, adquiri uma compreensão mais crítica sobre os desafios e as possibilidades da prática docente em Educação Física. Essa experiência permitiu-me ampliar a visão sobre a importância de alinhar teoria e prática, buscando estratégias pedagógicas que promovam o desenvolvimento integral dos alunos e a valorização do esporte como uma ferramenta educacional. Além disso, o processo de pesquisa e análise fortaleceu minhas habilidades reflexivas, colaborando para que eu me torne um professor mais preparado, comprometido e consciente do meu papel transformador na escola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.; GUTIERREZ, G. **Educação Física e jogos cooperativos:** Uma proposta de inclusão. São Paulo: Editora Ciência e Movimento, 2014.

AMORIM, Marco Antônio Fidalgo et al. **Pedagogia histórico-crítica e educação física escolar.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso.

BALBINO, Solange Izabel; DA CUNHA URT, Sônia. Prática pedagógica em educação física para a educação integral em tempo integral. **Pensar a Prática**, v. 21, n. 4, 2018.

BARBOSA, Silvia. **Esporte e educação:** práticas pedagógicas e formação humana. São Paulo: Editora Loyola, 2013.

BARROSO, André Luís Ruggiero; DARIDO, Suraya Cristina. Escola, educação física e esporte: possibilidades pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v. 1, n. 4, p. 101-114, 2006.

BERGER, Artur Goulart; GINCIENE, Guy; LEONARDI, Thiago José. Pedagogia do esporte e o referencial socioeducativo: diálogos entre a teoria e a prática. **Movimento**, v. 26, p. e26063, 2020.

BETTI, M. Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para que? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Maringá. Vol. 13, n° 2, 1992.

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**: a educação física na escola brasileira. Editora Hucitec, 2009.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 69-88, 1999.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, v. 19, p. 69-88, 1999.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão. Pedagogia crítica da educação física: dilemas e desafios na atualidade. **Movimento**, v. 25, p. e25068, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CARLAN, Paulo; KUNZ, Elenor; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica" inovadora". **Movimento**, v. 18, n. 4, p. 55-75, 2012.

CORRÊA, Liciane Vanessa de Oliveira Mello et al. Práticas corporais de aventura e biografias de movimento na educação física escolar. **Humanidades & inovação**, v. 7, n. 10, p. 253-265, 2020.

DA MOTA CORRÊA, Luís Cláudio; DE CARVALHO DIAS, Adelino José. " Pedagogia do Esporte" no Brasil. **Revista Alpha**, v. 24, n. 2, p. 93-115, 2023.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola:** questões e reflexões. Topazio, 1999.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na Escola:** Implicações Para a Prática Pedagógica. Grupo Gen-Guanabara Koogan, 2000.

DE ALMEIDA, Felipe Quintão; BRACHT, Valter; VAZ, Alexandre Fernandez. Educação Física, pedagogia crítica e ideologia: gênese e interpretações. **Movimento**, p. 317-331, 2015.

DE ALMEIDA, Felipe Quintão; EUSSE, Karen Lorena Gil. Pedagogia crítica, saúde e precariedade: Uma interpretação desde a Educação Física escolar brasileira. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, 2023.

DE BRITTO JÚNIOR, Álvaro Francisco; FERES JÚNIOR, Nazir. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Revista Evidência**, v. 7, n. 7, 2012.

FARIA, Flaviane; CAREGNATO, André Felipe; CAVICHIOLLI, Fernando Renato. O esporte e a competição na educação física escolar: perspectivas educacionais a partir dos conceitos da pedagogia do esporte. **Kinesis**, v. 37, p. 01-16, 2019.

FRANCO, Maria Amélia Santoro; LIBÂNEO, José Carlos; PIMENTA, Selma Garrido. As dimensões constitutivas da Pedagogia como campo de conhecimento. **Educação em foco**, v. 14, n. 17, p. 55-78, 2011.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro:** teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1991.

FREIRE, João Batista. **Esporte e Educação:** a pedagogia do esporte e o desenvolvimento humano**.** São Paulo: Editora Vozes, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREITAS, Maria Cristina de. Abordagens Pedagógicas no Ensino da Educação Física Pós Década de 1970. **Revista Cadernos Temáticos**. Paraná, 2008.

GALATTI, Larissa Rafaela *et al.* Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 25, p. 153-162, 2014.

GARBINI, Fernanda Zanette. **A educação física como meio para desenvolver a criticidade e autonomia em crianças e adolescentes.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) — Universidade Federal de Santa Maria, 2006. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/handle/1/1910.

GATTI, Bernardete A. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, p. 57-70, 2008.

GATTI, Bernardete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, v. 31, p. 1355-1379, 2010.

GAYA, A. **A Educação Física e o Esporte no Brasil**: Reflexões e Perspectivas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GHIDETTI, F. F. (2020). Pedagogia do esporte e educação física: a convergência na busca da autonomia em relação aos significados culturais do esporte. **Movimento**, 26, e26034.

GLADCHEFF, Ana Paula. Entrevista estruturada: uma eficiente técnica de aquisição de conhecimento explícito. **Pensamento & Realidade**, v. 13, 2003.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. **Afazeres da Educação Física na escola:** planejar, ensinar, partilhar. Edelbra Editora Ltda, 2012.

GUEDES, Dilson dos Santos; GUEDES, Marisa A. **Educação Física**: fundamentos e práticas. São Paulo: Editora EPU, 2003.

GUTIERREZ, Gustavo Luis. PAES, Roberto Rodrigues; BALBINO, Hermes Ferreira (Org.). Pedagogia do Esporte: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. **Conexões**, Campinas, SP, v. 3, n. 1, p. 112–114, 2007.

KRAVCHYCHYN, C., Lara, L. M., BARBOSA-RINALDI, I. P., OLIVEIRA, A. A. B. de. (2013). Resenha do livro Educação Física Escolar: Ensino e Pesquisa-Ação, de Mauro Betti. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 35(4), 1099–1103.

KUNZ, Elenor. **Educação física:** ensino & mudança. Ijuí: Editora Unijuí, 1991.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Editora Unijuí, 2001.

LEÃO, Dalmo Emerson Vieira de Souza. **A educação física no campo social: uma educação para além da escola.** 2022. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Educação Física – Licenciatura, Centro Acadêmico de Vitória, Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/47404.

LEONARDI, Thiago José et al. Pedagogia do esporte: indicativos para o desenvolvimento integral do indivíduo. **Revista Mackenzie de educação física e esporte**, v. 13, n. 1, 2014.

LEONARDI, Thiago José et al. Pedagogia do esporte: sinalização para a avaliação formativa da aprendizagem. **Pensar a prática**, v. 20, n. 1, 2017.

MALDONADO, D. T. Educação Física Escolar, pensamento freireano e pedagogia crítico-libertadora. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 23, n. 1, p. 38–59, 2024. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/71968. Acesso em: 22 jul. 2024.

NAHAS, Markus V. Atividade física, saúde e qualidade de vida. **Londrina: Midiograf**, v. 3, p. 278, 2001.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. **Revista e-Curriculum**, v. 16, n. 1, p. 4-28, 2018.

NEIVA, E. **Esporte e Educação**: Para uma Pedagogia do Corpo. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

ORLICK, Terry. **Jogos e esportes cooperativos:** Atividades alegres para todos. Cinética humana, 2006.

PAES, R. S. **Pedagogia do Esporte e suas Interfaces**: Reflexões para a Formação de Educadores. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

PIZANI, Rafael Stein; AMARAL, Silvia Cristina Franco; PAES, Roberto Rodrigues. Esporte e lazer: diálogos possíveis à luz da pedagogia do esporte. **LICERE-**Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v. 15, n. 3, 2012.

REVERDITO, Riller Silva; COLLET, Carine; MACHADO, João. Pedagogia do esporte: desafios e temas emergentes. **Corpoconsciência**, p. 82-98, 2022.

REVERDITO, Riller Silva; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz.** Revista de Educação Física. UNESP, p. 600-610, 2009.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. A produção científica em pedagogia do esporte: análise de alguns periódicos nacionais. **Conexões**, v. 9, n. 2, p. 130-152, 2011.

SANCHES, S. M.; RUBIO, K. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e resiliência. **Educação e Pesquisa**, 37(4), 825–841, 2011.

SILVA, Luiz Carlos de Moura. **O esporte na educação:** fundamentos e práticas pedagógicas. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SOARES, Carmen Lucía. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Revista Paulista de Educação Física**, p. 6-12, 1996.

SOARES, Carmen Lucia. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez editora, 2014.

TANI, Go. Habilidades motoras fundamentais na abordagem desenvolvimentista e nos programas de atividade física visando à saúde. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 35, n. 4, p. 239-250, 2021.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Editora Vozes Limitada: São Paulo, 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - TCLE

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU
Faculdade de Ciências

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Bauru, 16 de maio de 2024

Olá, estamos convidando você para participar da pesquisa intitulada ENSINO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ENTRE TEORIAS PEDAGÓGICAS E A PEDAGOGIA DO ESPORTE. O objetivo deste estudo é confrontar as teorias pedagógicas da Educação Física escolar com a(s) Pedagogia(s) do Esporte na expectativa de evidenciar os alinhamentos e as incongruências entre elas. A investigação, de caráter qualitativo, realizará um procedimento metodológico que envolverá uma revisão de literatura e pesquisa de campo. Os participantes do estudo serão professores de Educação Física que atuem junto aos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Os dados serão coletados por meio de entrevistas estruturadas.

Este estudo foi realizado pelo aluno do curso de Licenciatura em Educação Física, do período Integral Vitor Craveiro de Lima, sob a orientação da professora Lílian Aparecida Ferreira, ambos vinculados ao curso de Educação Física da UNESP/Bauru.

A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas com professores dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Essas entrevistas serão semi estruturadas, caracterizadas por perguntas abertas que possibilitam uma interação ampla entre o entrevistador e o entrevistado, com foco no tema: "Ensino do Esporte na Educação Física Escolar: Entre Teorias Pedagógicas e a(s) Pedagogia(s) do Esporte".

No primeiro encontro entre você e o pesquisador, será feita a leitura deste termo, e sua decisão de aceitar ou não será registrada por escrito. Uma cópia física do documento assinado será fornecida a você para seu registro.

Os riscos associados à pesquisa estão relacionados a eventuais desconfortos ao responder às questões da entrevista e aos desdobramentos que podem surgir durante uma entrevista estruturada. No caso dessas situações ocorrerem, o pesquisador estará disponível para oferecer todo o suporte necessário ao professor entrevistado. Quanto aos benefícios, sua participação contribuirá para o confronto entre as teorias, especialmente considerando que o ensino do esporte no Brasil é fortemente influenciado pela denominada "Pedagogia do Esporte", portanto, o objetivo deste estudo é estabelecer um confronto entre essa abordagem e as teorias pedagógicas da Educação Física escolar, visando identificar os aspectos nos quais elas se aproximam e aqueles nos quais se distanciam. Espera-se que isso nos permita visualizar com mais clareza os debates em torno do ensino do esporte na escola e as questões desafiadoras que ainda precisam ser investigadas.

Você não é obrigado(a) a participar do estudo, é um direito seu decidir. Se optar por participar e posteriormente desejar desistir, não haverá nenhum problema. Você pode comunicar sua decisão pessoalmente ao pesquisador ou por meio de mensagem para os e-mails vitor.xxxxxx ou lilian.xxxxx, ou ainda pelos telefones (14) xxxxxxx ou (14) xxxxxxx para retirar seu consentimento. Se você decidir retirar seu consentimento, enviaremos a confirmação dessa retirada para seu contato.

Se surgir alguma dúvida durante a entrevista, ou se você não se sentir confortável com qualquer situação identificada, ou ainda se tiver alguma outra dúvida relacionada à pesquisa, sinta-se à vontade para contatar tanto o graduando Vitor quanto a professora Lilian pelos telefones e emails fornecidos anteriormente. Estamos aqui para ajudar e esclarecer qualquer questão que possa surgir.

Eu, _____, portador(a) do RG n.º _____ e CPF _____, aceito participar desta pesquisa.

_____

Assinatura do/da participante

APÊNDICE 2 - ENTREVISTAS COM OS DOCENTES

PROFESSORA 1: SOPHIA.

1. É assim, os esportes escolhidos não somos nós quem escolhemos, vem o material do próprio Estado de São Paulo que dá o tema, o objeto de conhecimento e a gente tem que trabalhar, seja futsal, seja voleibol, seja handebol, seja basquetebol, tênis de campo, etc. Então assim, não somos nós que escolhemos, então a gente tem que ensiná-los. Mas ele é bem variado. **Ele sai um pouco dos 4 esportes "mais comuns"?** Sai sim, então tem desde tênis de campo, pelota básica, rugby, tem o check ball, tem punhobol, são brincadeiras, são esportes diferentes, frisbee, enfim, são esportes que o governo coloca e a gente trabalha dentro do material digital.
2. Então é assim, no começo quando eu comecei a dar aula, a gente tinha o material e a gente tinha a liberdade de fazer adaptações, com o material digital a aula vem pronta e a gente faz algumas adaptações por causa do nível do aluno, da turma, se ele é mais avançado, se ele é básico, se ele é mediano, então a gente consegue puxar mais um pouco, então o meu objetivo principal, que é o que o caderno antigo falava, é o se movimentar, é a questão do repertório motor dessa criança, desse aluno, seja em qual esporte for, seja na ginástica, nas dança, nas lutas, nas práticas de aventura natureza, urbana, então é o se movimentar. As estratégias, eu gosto muito do jogo pelo jogo, muito quando é esporte coletivo, e gosto muito do teaching game for understanding, que é aquele jogo reduzido que você vai começando do básico e vai até o final para ele aprender um fundamento, por exemplo, com a mudança desse material, a gente tem muito pouco tempo para ensinar, então pensa, são 35, 38, 40 alunos para ensinar um fundamento, então você aplicar mini jogos dispersa, então para a gente, às vezes, ter o controle da sala, a gente tem duas quadras aqui na escola, então fica uma lá fora e outra aqui dentro, dependendo do horário também. Então eu tenho que ter estratégias para englobar todos os alunos, por isso a gente faz esse combinado e eles vão jogando, às vezes eu faço educativos, porque a gente tem bastante material na escola, fazemos o jogo pelo jogo, pode ser daquele jogo desde o câmbio, a queimada no handebol, a gente vai criando estratégias de acordo com a turma que a gente tem, as nossas turmas até que são avançadas. **Por quê?** Porque eles vêm desde o sexto ano, chega no

terceiro ano, eles não têm vergonha de dançar, eles não têm vergonha de jogar, então todos eles participam. Com relação a avaliação, a gente faz a avaliação em processo, é o processo que é importante para nós, eu não vou cobrar do meu aluno a perfeição dele jogar, por exemplo, o voleibol corretamente, porque não é o objetivo para mim, o objetivo é o se movimentar, ele aprender que tem a dinâmica, que eu estou colocando o exemplo do vôlei, dos três toques, que existe o fundamento da manchete, se ele sabe fazer a manchete, que bom, sabe dar o toque, passar a bola, então assim, é o se movimentar e a gente tem aqui a parte teórica, que é prova escrita, que a gente tem o provão, que muitas vezes a gente pega das tarefas do CMSP, que são das aulas, a gente faz o banco de questões e passa para a coordenação, a coordenação compila e coloca na provão, ou a gente mesmo pega as questões de acordo com os temas das aulas e a gente cria e monta a nossa prova, dentro daquele tema, então assim, primeiro, segundo e terceiro ano: Primeiro ano são quatro slides, são quatro temas. Segundo ano são dois, porque eles só tem uma aula na semana, então são só 10 aulas, praticamente assim, os dias que eles não podem ter aula, então eu fico com uma carga reduzida de aula com eles e o Terceiro ano duas aulas, e é basicamente isso.

3. Eu fui formada na UNESP, então eu tenho uma base teórico-prática muito forte, principalmente na parte dos esportes, porque eu peguei uma época que eu tive professores excelentes na parte do ensinar o esporte, desde Lilian, Dagmar, professor Marquinhos, professor Silva, que era do Atletismo, então eu trago muita bagagem deles, dessa minha vivência, e no decorrer desses 18 anos, eu tenho uma parte prática minha, porque eu também fui jogadora, no sentido de sempre estar em escolinha, então eu fui me envolvendo, aprendendo com o esporte, e os cursos que a Secretaria da Educação, junto com a CMSP. Um exemplo: eles deram o curso da Ana Moser, no Instituto do Esporte, e eu aprendi muito com o curso, então você pega um pouquinho daqui, um pouquinho dali, e vai aprendendo. No meu mestrado, eu tive a aula dessa pedagogia, Teaching Game for Understanding, que ensinava o jogo pelo jogo e os minijogos, e eu achei muito interessante, desde quando eu fiz o mestrado em 2021, eu peguei essa aula de esporte, e eu aprendi com uma professora lá de Rio Claro, essa pedagogia, e eu uso ela até hoje.

4. Sim, conheço essa pedagogia Teaching Game for Understanding que acabei de mencionar na pergunta anterior.
5. Eu falo que a educação física, eu nunca esqueço isso, acho que foi a Dagmar que falou em uma aula de Neuro, falou que a educação física, ela envolve as 5 áreas do cérebro, quando você está jogando. Então, desde você ver o seu oponente, de você respeitar o seu oponente, de você saber a sua vez, de você saber o seu espaço, você está movimentando todas as áreas, a parte social, a parte cognitiva, visual, cinestésica, a questão da equidade, da igualdade, questão da responsabilidade, respeito. Então, eu acho que a Educação Física ela é uma das aulas mais importantes que tem na escola.
6. Sim, sou. Porque por mais que eu tenha o material digital, eu questiono ele. Eu mudo, muitas vezes, a questão do material, não a essência dele, porque eu tenho que passar, eu não posso deixar de dar o material digital no sentido de modificar algo que eu não vou dar para o aluno aprender e eu achando que isso não é necessário, porque lá na frente ele pode ser cobrado em uma prova, eu não posso ser responsável nesse sentido. Principalmente essas provas que o próprio governo faz, né? Porém, eu posso colocar e aprofundar, porque às vezes eu acho aquilo lá muito básico para eles. E eu posso complementar, colocar coisas ali, trazer coisas que eles não tinham noção, mas que de uma maneira diferente eu ainda passe aquele conteúdo.
7. Os alunos. A escola entra com o material, com a parte de suporte, porque aqui é obrigatório o uso de vestimenta adequada para a prática de esportes. Eles atuam nesse suporte no material, porém, dentro de sala de aula, dentro de uma quadra, a colaboração, como questão de suporte, de estar lá, é incrível, porque os alunos participam. Então, assim, tem a parte escola, e tem a parte do aluno, eu tenho auxílio de ambas as partes, para o que eu precisar. Tem uma televisão novinha, tem um carrinho para transporte, a gente tem caixa de som, tem tudo, com relação a material. Tem estepe, tem jump, tem o fitball, que é bola de pilates, tem medicinebol, enfim.
8. Essa importância da Educação Física no ensino do esporte, ou em qualquer prática corporal, é que o aluno saia da escola um sujeito crítico, para ele fazer suas próprias escolhas lá fora. Porque aqui, se ele vivenciar, por exemplo, capoeira, karatê, lutas, judô, muitos que fizeram aula de judô estão no SESI, fazendo escolinha. Muitos estão fazendo escolinha hoje lá no SESI, de vôlei. Então, o que acontece? Você ofertar essa quantidade desse repertório de

esportes, ou qualquer prática corporal, faz com que eles saiam daqui um sujeito crítico, para que eles possam fazer suas próprias escolhas, e compreenderem que a atividade física a gente faz todo dia, mas o exercício físico é importante pra saúde pro resto da vida, ele melhora a tua vida pessoal, a tua vida sentimental, sua qualidade de vida no geral, te traz vitalidade, te traz saúde, diminuindo assim também a questão da medicação. Se torna um sujeito mais saudável, menos dependente de um médico, menos dependente de uma unidade básica de saúde. Eu falo sempre isso pra eles, porque todo mundo vai envelhecer.

9. O que a gente enfrenta de desafios são os celulares, principalmente de alunos vindos de outra escola, que não tem o ritmo que a gente tem aqui, seja ela pública ou particular. Eles acham que a Educação Física é pra ficar sentado, no celular. E aqui a gente não aceita isso, nem o não uso adequado de vestimenta. Então, esse é o principal desafio que a gente enfrenta. **E com relação a infraestrutura da escola?** Boa, muito boa. nós temos tudo o que precisamos, desde materiais até com relação aos espaços físicos apropriados para as aulas.
10. Até um tempo atrás, a gente tinha muito curso pela diretoria de ensino, esse curso da Ana Mozart, eu fui fazer mestrado. Às vezes tem algum curso online, algum livro que a gente vê e compra. A gente tem um acervo de livros que a gente recebe. Vídeos, muitas vezes do YouTube, né? Tem pessoas lá ensinando, isso aí também é um método de aprendizado, as vídeo aulas. Hoje, a gente tem também o Multiplica, que é um curso do Estado que mudou e agregou muitas coisas, e a gente assiste a aula pelo Teams. Eu tenho aula toda segunda-feira, na parte da manhã. E é cada professor de uma região do Estado de São Paulo, então essas trocas são muito enriquecedoras. Eu já estou na terceira turma do Multiplica. Então, todo semestre eu me inscrevo pra fazer. E todo semestre é um universo diferente. Porque são pessoas diferentes, de cidades diferentes, e essa troca de experiência e de conhecimento é muito legal. Muitas vezes eu fico brilhando os olhos com as criatividades de uns professores que não tem todos os materiais que eu tenho disponível para trabalhar. Enfim, eu sempre busquei e sempre busco me atualizar e aprimorar os meus conhecimentos. Eu nunca parei de estudar.

PROFESSOR 2: Miguel.

1. Na realidade nós não selecionamos, isso aí já é previsto pelo Currículo que vem mandado pela Secretaria da Educação, então não tem como ter um critério porque isso já é estipulado, o tema já vem direcionado dentro da plataforma de trabalho. **Mas dentro disso que já vem pré-estipulado, você consegue fazer algumas mudanças, algumas adaptações ou você segue à risca aquilo que vem estipulado?** A parte teórica dos slides, como são cobrados em algumas provas, aquelas provas paulistas, eu tenho que seguir, porque eu não sei a que momento vão ser cobrados esses conteúdos dentro das provas deles, na parte da Educação Física. Mas eu procuro trabalhar os slides, eu dou uma enxugada nos slides, porque se eu for realmente trabalhar só eles eu não vou conseguir ter uma parte prática, então muitas vezes a parte prática eu tento dar uma enxugada, dar uma melhorada/adaptada em relação a nossa realidade dentro da escola, então a prática eu consigo modificar e trabalhar nos moldes que eu vejo que é mais eficaz para os alunos.
2. A avaliação é contínua, eu trabalho observando tudo o que eles produzem, tanto na parte prática, quanto na parte teórica, quanto oralmente, então assim, é constante a parte de avaliação. O objetivo, como nós aqui temos um olhar diferente, quando você vê que um aluno tem um certo talento a gente vai encaminhar, mas a nossa proposta é pedagógica, a ideia é ter a inclusão de todos os alunos, para todos terem a vivência de conhecer aquele esporte que está sendo proposto, trabalhar também com eles a questão da empatia, tem a parte da competitividade porque não tem como, mas como saber lidar com isso, com as frustrações, o positivo, o negativo, a aprendizagem, aquele que tem mais destaque entender que ele pode trabalhar ajudando o outro, e não apenas se mostrando, então eu tento trabalhar essa questão geral porque a gente tem uma sala heterogênea, não uma sala homogênea para a gente conseguir direcionar de uma maneira só, mas eu tento trabalhar assim muito pensando na questão do relacionamento que eles vão ter naquele momento.
3. Eu gosto muito de trabalhar do global, de uma maneira geral quando eu vou apresentar uma modalidade, gosto muito de trabalhar de uma maneira lúdica para eles entenderem o material, estar tendo esse contato, vou trabalhando com os jogos pré-desportivos, para depois ir interagindo e trazendo eles para

o esporte propriamente dito, e eles terem aquela relação de eles-material, eles-material-colega, eles-material-colega-oponente né, ter toda essa relação que tem dentro do esporte.

4. Como eu disse na pergunta anterior, eu gosto muito deles entenderem a diferença do material, de uma bola de vôlei e de uma bola de basquete, a dinâmica de como acontece, e eu gosto muito de trabalhar a coletividade, você precisa entender a parte técnica, que é importante, mas a parte tática para você se movimentar dentro daquele espaço, qual é o espaço que é importante para aquele momento, que você precisa do outro, você precisa dar vazão/margem para o outro, porque você não joga sozinho. Então eu penso muito na questão da partilha, da corresponsabilidade entre eles, entender esse processo do eu manipulando o implemento, a bola, seja um disco, e depois o eu-colega, como dar um passe para ele no handebol, eu preciso fazer isso e proporcionar esse momento para ele, depois qual a interação que vamos ter contra o adversário, gosto muito que eles tenham essa visão e a forma que eles vão fazer isso.
5. Eu gosto muito de que eles entendam o que eles estão fazendo, e não fazer por fazer. Então eles terem essa visão do porque que eles estão fazendo aquilo. Agora mesmo estou trabalhando uma atividade que eu coloquei eles em diferentes atividades, pensando nas Paralímpiadas, então eles estão fazendo tênis de mesa sentado, com as mãos amarradas, dando chutes vendados, para eles se colocarem e entenderem o lugar do outro, para saberem o que acontece e como acontece, porque é muito fácil criticar porque ciclano não joga bem, mas porque? o que falta? Se eu fizer tal coisa, se as minhas capacidades físicas melhorarem, eu vou melhorar tecnicamente? Se eu prestar atenção, se eu estiver no meu lugar taticamente, eu vou ajudar o meu time? Então eu gosto muito que eles entendam o que estão fazendo, para poderem enxergar e ter a liberdade de saber se posicionar, saber se direcionar, porque não é só aqui né? Estamos formando cidadãos para a vida.
6. Eu gosto muito de dizer que nós temos uma partilha, eu gosto de fazer as minhas atividades com eles, me colocar também para eles verem que eu também erro, eu também tenho as minhas dificuldades, para eles entenderem que todos nós temos, mas basta a gente querer mudar algumas condições. Talvez eu não seja nenhum atleta, mas eu consiga melhorar essas minhas

condições, e consiga colocar isso em prol não como atleta, mas a meu favor, pensando em relação a saúde, bem-estar, físico e mental. Eu trabalho em conjunto com eles, eu gosto de dizer que eu também aprendo com eles, quando eu ensino eu também estou aprendendo com eles, é uma troca, um aprendizado mútuo.

7. Essa procura, essa troca com os colegas, esses são uns dos suportes que a gente tem, de trocar ideias, as vezes eu não posso fazer alguma coisa mas eu tenho essa parceria com os meus alunos, estagiários, etc. Essa troca entre os docentes, entre os colegas, óbvio, tem a parte bibliográfica, tem a parte de estudos, os sites, eu gosto muito de estar procurando, mas essa troca que temos entre nós, parceiros, ela pra mim é um grande suporte, lógico que a parte teórica também é importante, mas essa troca de parceria que eu tenho com a Unesp e com outros lugares, me ajuda muito. **E com relação à escola, você acha que ela te dá o suporte necessário para as suas aulas? Com relação a materiais, infraestrutura, espaço físico?** Olha eu não posso reclamar, porque eu já passei por várias escolas e desde que eu cheguei aqui eu tenho todo o apoio necessário. Lógico que você tem que adaptar algumas coisas, mas em relação a material eu não posso reclamar, nós somos super privilegiadas aqui, com tudo o que nós temos.
8. Principalmente é essa questão do saber ganhar e perder. É muito importante essa questão deles entenderem que um dia vão ganhar e outro dia vão perder, mas que todos ganham, pois todos participaram. A participação é muito mais relevante do que o resultado em si, então eu trabalho muito com isso, o fato dele participar, dele ter feito, ter entrado, ter conseguido, ter realizado um movimento que ele nunca tinha conseguido, dele sair com um sorriso no rosto, essa questão dele se divertir, pois é possível aprender se divertindo, então essas questões do esporte são coisas que vamos encontrar lá fora, um Mundo competitivo, que não é só dentro do esporte, e sim na vida. Então saber como lidar com isso, o esporte é formador de caráter, formador de tudo, é uma ferramenta dentro da escola que é fenomenal para você conseguir trabalhar todas essas questões e aspectos, da interação com o outro, de você entender as falhas do outro, se adaptar, respeitar o outro.
9. Aqui eu trabalho de tudo, desde o basquete até a ginástica, mas dentro do esporte eu tento entrar primeiro, porque você sabe que o futebol que manda, mas a gente tem o vôlei muito forte, então quando eu preciso passar um outro

esporte, uma outra modalidade, eu entro com a parte lúdica primeira, para eles interagirem, terem esse primeiro contato, e depois eu vou para o pré-desportivo.

10. A gente tem os cursos que são dados pela Secretaria, tem o Multiplica agora que são salas que cada disciplina tem sua sala, trabalhando entre esses cursos que a Secretaria oferece, fora isso eu busco palestras, vou me aprimorando, eu converso, faço cursos extras, assisto palestras, vejo vídeos, então eu sempre estou buscando saber o que está acontecendo de novo e o que eu posso trazer para agregar as minhas aulas.

PROFESSORA 3: ALICE.

1. Eu sempre sigo o currículo do Município que é dividido em temas, e quando entra na parte dos 8º e 9º anos a gente já trabalha com o esporte um pouco mais formalizado, e eu procuro selecionar a parte do famosos “quarteto fantástico”, mas também tento fugir um pouco deles, já passei frisbee o ano passando, então a gente tenta variar conforme o que é disponível de recurso e o que a gente tem de espaço também, porque até o ano passado a escola que estávamos não estava em um espaço adequado, a quadra era descoberta, não tinha tanto materiais, então não conseguimos fazer muitas coisas, trabalhávamos com o que dava, mas agora que estamos no prédio certo, temos uma quadra fechada, os materiais ficam dentro da própria quadra, então acaba facilitando na variação e seleção dos conteúdos. Depois que arrumou a escola, descobrimos que tinham diversos materiais que não sabíamos, então eu tento colocar aquilo que é tradicional, porque também é importante pois faz parte do cotidiano dos alunos e eles gostam, e aprofundamos o máximo que podemos, mas também variar um pouco juntamente com o currículo.
2. Eu gosto de trabalhar com as metodologias que trazem mais autonomia para o aluno, que sejam mais críticas, como a crítica emancipatória, então eu gosto bastante dessas metodologias, não tendo uma específica, mas eu sempre fujo daquilo que considera o tempo necessário de maturação para ensinar algo, ou de repetição, essas metodologias eu tento não utilizar, pois são metodologias mais fragmentadas, eu tento mesclar um pouco (não tenho uma específica), mas eu tento utilizar de metodologias e estratégias em que o aluno consiga identificar aquilo que ele está fazendo, nada fragmentando, ou

fundamento por fundamento, muita repetição eu não gosto, então a gente usa bastante jogos para eles entenderem a dinâmica daquilo que vai acontecer, pois eu prezo mais pela participação do que o desempenho, eu quero que eles entendam os esportes, a diferença do handebol para o futsal por exemplo, o vôlei eu não passo muito porque nas escolas está com uma dificuldade de montar a estrutura da rede do vôlei, então acabo utilizando mais os outros esportes, prezando pela identificação das diferenças da dinâmica de cada esporte, então eu sempre uso jogos reduzidos, eu gosto disso. Hoje mesmo eu estava dando aula, e aí eu começo do mais simples né, eu entendo que o handebol pelo fato da habilidade ser de arremesso, o controle ser com a mão é um pouco melhor, depois vamos para o futsal, depois basquete que é um pouco mais difícil e vamos avançando, passa também pelo frisbee, no currículo tem a opção de passar rugby, então a gente vai usando além do esporte em si, a gente usa esportes de invasão e jogos e brincadeiras de invasão, para o aluno entender o que é, pique-bandeira por exemplo, as relações de ataque-defesa, o que eu tenho que fazer, conseguir marcar um ponto/gol, e como eu devo me comportar no ataque, na defesa, então a abordagem é específica, mas eu sempre tento fugir daquilo que é fragmentado, daquilo que eles gostam de jogar e para que eles tenham a compreensão do esporte. Com relação a avaliação, como eu falei eu não busco o desempenho, então eu busco verificar se o aluno está entendendo o que ele está fazendo. Principalmente as diferenças do que se utiliza de um esporte para o outro, eu uso também avaliação teórica, além da parte prática que eu avalio, registro a participação deles, tem a parte de comportamento, o que ele entendeu da aula, se ele participa da aula, pois a faixa etária do 8º ano é uma negociação, então a gente estabelece combinados, o que vai ser trabalhado ao longo do ano, normalmente tem 4 tipos de nota, tem a participação, uma atividade avaliativa, debates, apresentações de seminários, atividade/nota de caderno, as provas bimestrais sobre todo o conteúdo do bimestre e a parte de auto-avaliação, explicando que eles tem que ser justos e honestos. E na parte do que eles estão aprendendo, eu tento incluir na parte de participação, um exemplo assim de gesto motor, eu não foco na execução, mas sim no entendimento de um posicionamento dentro da quadra, no seu papel de jogo, ataque-defesa, o que ela vai fazer com a bola, é o que eu mais prezo.

3. Eu não sigo uma metodologia específica, a gente sabe que tem as teorias, cada uma tem o seu nome, mas o que eu busco é que eles entendam o que eles estão fazendo, as diferenças entre cada esporte e entender o seu papel no jogo, isso pra mim é o básico que ele precisa entender. A gente estuda sobre o esporte, eu prefiro muito sobre a metodologia de jogos reduzidos, porque no começo fica meio bagunçado mas aos poucos eles vão se identificando com os jogos, eu vou parando um pouco, explicando, mas também não gosto muito de ficar parando também não, porque é chato né?! Eu deixo eles jogarem e depois num momento de intervalo eu tento reuni-los e conversar e explicar para melhorar, ir adicionando um pouco mais de regras e assim eles vão entendendo. Interessante que dentro do próprio jogo eles já vão percebendo qual é o caminho mais fácil, o que dificulta o adversário e o que facilita, e aí você vai só dando algumas coordenadas. Eu uso aula teórica também como estratégia, eu explico, se precisar eu desenho na lousa dependendo do recurso, passo slides na tv, a gente passa vídeos, teve as Olimpíadas e agora as Paralimpíadas, então eles assistiram várias coisas, foi bom pois coincidiu com o que eu estou ensinando agora, então eu posso utilizar esses recursos também para me ajudar na aprendizagem dos alunos. **Então uma estratégia que você utiliza também é a tecnologia?** Sim, tem que usar. Principalmente pros 8º e 9º anos, pois os conteúdos são mais aprofundados e eles têm uma melhor compreensão daquilo que está sendo explicado, e acabo conseguindo cobrar um pouco mais dessa parte teórica. Eu também faço debate, e a gente vai tentando variar para chamar a atenção deles, por ser uma faixa etária difícil de atrair, porque ao mesmo tempo que a tecnologia nos ajuda, ela também prejudica por conta do celular.
4. Eu não lembro exatamente os nomes, mas eu sei que tem uma metodologia que ela preconiza muito a parte biológica do praticante, então eu considero um pouco das teorias sobre o que os alunos têm que aprender em cada fase, porque se não aprender nessa fase meio que perde o timing da aprendizagem, a questão de ser fragmentado, por exemplo, eu vou aprender a jogar futsal e vou ficar só chutando ao gol, mas eu acabo não aprendendo como eu faço para chegar na finalização, passando pelos adversários, criando jogadas, então essa metodologia eu não utilizo, tem algumas coisas interessantes, pois toda teoria tem, mas essa no total eu não utilizo, porque você classifica muito os alunos e acaba excluindo outros alunos. O gesto

motor eu também não cobro, ela tem que saber que pra fazer o gol no futsal ela tem que usar o chute. E também as pedagogias que a gente sabe que são mais críticas, que ajudam os alunos a desenvolverem autonomia, a entender o que ele está fazendo, a ter e ser e emancipado no sentido de conhecer, de conseguir por exemplo, levar o que eles estão aprendendo para a vida, porque na escola que a gente consegue despertar alguma coisa pra saúde lá na frente, lazer também, mas usar o que se aprende na escola no seu cotidiano, pois sabemos dos benefícios, entrando um pouco na parte biológica, os benefícios que a prática esportiva trás, mesmo que seja pouca, o hormônio do bem-estar, a saúde psicológica que hoje na escola tem alunos com bastante dificuldade nessa questão e a Educação Física ajuda a aliviar um pouco. Mas voltando nas teorias, eu lembro e gosto muito da crítica emancipatória, tem a do coletivo de autores também, têm a sistêmica, tem a que fala que da influência que o sistema tem nas práticas da Educação Física, então dessas cada uma tem um pouco de contribuição nas minhas aulas.

5. Um professor que decide proporcionar isso para os seus alunos, ele tem que entender que os alunos vão questionar, tem que saber levar um conhecimento que seja fidedigno, que tenha embasamento, e buscar o máximo de recursos para despertar interesse, aceitar também que tem coisas que eles vão perguntar e não vamos saber, mas buscar procurar e trazer as respostas. A gente tenta se atualizar sempre, e proporcionar momentos de reflexão para eles, mesmo com a aula sendo muito “corrida”. Fazer uma roda de conversa no início, fazer a atividade e depois conversar novamente, mas às vezes pelo tempo de aula não dá certo, você consegue conversar só na outra aula, pois acontecem muitos imprevistos que você tem que tomar providência na hora, é a parte que a gente não aprende na faculdade, você aprende na prática trabalhando, mesmo com o planejamento pronto, você vai se adaptando conforme o que dá, porque também cada turma é uma turma. Então você vai usar diferentes recursos para despertar o interesse e fazer os alunos pensar, porque a gente sabe que não é só a prática pela prática, tem que saber o que eu estou fazendo.
6. Eu acredito que ainda preciso melhorar, mesmo fazendo o máximo que eu consigo dentro das aulas, mas a gente vai buscando fazer debates, seminários, ter alguns momentos de conversa, mas sempre tem alguma coisa

a melhorar, principalmente porque na prefeitura eu sou nova ainda, eu trabalhei muito mais com a rede infantil, trabalhei também em academias na parte do bacharelado, então acredito que tem algumas coisas que eu preciso melhorar, principalmente nessa parte de ter mais momentos de reflexão, ou nas adversidades que podem acontecer durante as aulas. Eu tento ser uma professora crítica, porque a gente tem que se apropriar do conhecimento, quanto mais a gente sabe, menos a gente fica alienado para as coisas de uma forma geral, e também quanto mais a gente sabe, você tem mais opções para escolher e se dedicar, ampliando minha mente e meus conhecimentos.

7. O espaço físico que eu trabalho atualmente é em um ginásio, então se chover pode ter aula, tem banheiro dentro da quadra, tem a sala de materiais dentro da quadra, e isso tudo interfere e ajuda, pois agiliza minha aula. Então só de ter essa infraestrutura, parece que a minha aula é outra, e nem todas as escolas são assim. Tem a parte dos materiais também, do espaço adequado, quadra com cobertura, segurança dos alunos.
8. A gente pode pensar na segurança dos alunos, porque por mais que você tente minimizar algum imprevisto, ele vai acontecer e você tem que saber lidar com essas adversidades, prestando os devidos socorros. Tem também a parte do Fair Play, porque se eles não tiverem dentro do esporte, vai ter conflitos dentro das aulas, por conta de estresses, frustrações, saber perder/ganhar, saber ser um bom adversário para os seus alunos, não misturar as coisas de fora de quadra e trazer para dentro de quadra.
9. Às vezes com relação às regras, você tem que relembrar algumas coisas pois as regras sempre mudam e você tem que estar sempre atualizado para ensinar para os alunos. Tentar minimizar também qualquer situação de conflito, o saber ganhar e o saber perder. Então saber lidar com a segurança, com os conflitos entre eles e também com relação às regras dos esportes ensinados. **E com relação aos materiais, na sua escola tem bastante? Você consegue trabalhar tudo aquilo que você se propõe? Ou faltam materiais?** A prefeitura tem bastante material, então todas as escolas que eu trabalhei tem, não faltam materiais. As vezes tem alguma coisa com relação a quadra, mas esse ano está tudo certo. Talvez uma crítica seria com relação ao material didático de Educação Física, o currículo é bem prático, você o entende bem, não é exaustivo, tem sugestões mas eu acho que poderia ter um pouco mais, para conseguirmos variar bastante os conteúdos/aulas. E eu

vejo que nas outras disciplinas os professores tem apostilas, já a Educação Física não, então a gente fica refém só do currículo e isso acaba diminuindo o nosso repertório.

10. Eu preciso fazer mais cursos, eu acho que ainda estou muito só com as coisas que eu aprendi na graduação, ainda não fiz nenhuma pós, pois também tenho uma outra atuação (academia), então eu ainda me divido, mas eu gosto, porque eu consigo unir ambas as graduações e uma ajuda na outra. Mas acredito que preciso focar um pouco mais na escola com relação a cursos, mais pra frente talvez fazer um mestrado. Mas no meu caso em específico, eu ainda não consegui identificar no que eu gosto mais de trabalhar, então enquanto eu puder e conseguir eu vou levando as duas profissões em conjunto, porque as duas áreas se conversam em diversos momentos.

PROFESSOR 4: BERNARDO.

1. Há vários critérios e várias questões, como eu já trabalhei em várias escolas, com alguns diferentes currículos, eu fui moldando e também depende do ano, do contexto da escola, mas de uma forma mais geral, a questão de currículo eu levo em consideração o que é apresentado neles, mas também dentro do possível está ficando difícil sair um pouco do que é apresentado por ele, mas eu tento considerar um pouco o contexto da escola para as escolhas, ainda que esteja cada vez mais complicado, porque o diário coloca exatamente o que tem que ter em cada aula, então fica mais difícil. Mas dentro do possível eu faço algumas escolhas que eu trabalhe com o “quarteto fantástico” mas não só eles, trabalhar também esportes mais conhecido pelos alunos, e também pensar no que me ajuda bastante em um planejamento a longo prazo, pensando em mais de um ano, pra não ficar tão preso em apenas um ano, eu posso começar um ano e terminar no outro, esse é um outro critério que eu utilizo. Eu uso também a ideia do Fernando Gonzales, Valter Bracht, sobre o saber para conhecer e o saber para praticar, então dependendo do esporte eu uso um tempo um pouco maior, e outros eu uso tempos menores, varia de acordo com os anos e as turmas. Eu também penso na diversificação desses esportes, eu tento incluir tanto o que aparece nos currículos desde antes até agora, pois teve algumas mudanças, e diversificar como rugby, futebol americano, algumas lutas e ginásticas esportivas, que não sejam só

os esportes coletivos. E quando eu consigo, vou conversando com os alunos e vendo desde questões de interesse por parte deles, até algo que não é conhecido por eles. Um exemplo das Paralimpíadas que está tendo agora, as Olimpíadas de Inverno que poucos conhecem, então conversamos sobre esportes que eles não conhecem e fazemos algumas vivências adaptadas, ou até esportes das Olimpíadas mesmo que são pouco praticados.

2. Na educação, o Paulo Freire - Pedagogia Libertadora, por questão do diálogo, uma perspectiva contra-hegemônica, de transformação social, a Pedagogia Histórico-Crítica de Saviani, me ajuda bastante também por uma questão de transformação social, valorizando a questão de manter um conteúdo pro aluno de uma maneira crítica, eu posso trabalhar marcadores sociais, outros temas, mas não posso perder o foco que eu tenho que ensinar o conteúdo, pois sou professor de Educação Física, então a partir daí eu tenho uma perspectiva crítica. Ultimamente também eu venho conspirando bastante nas questões dos estudos culturais, ainda que seja uma teoria social, na minha perspectiva no Brasil a gente já vem passando por ela e fazendo uma utilização dessa teoria social, para além de uma Teoria Pedagógica, então acredito que seja importante também, e eu vou juntando um pouco de cada uma dessas teorias para as minhas aulas. E também utilizo o Marcos Neira na Educação Física, também utilizo a perspectiva crítica, enfim, o Elenor Kunz na questão do pensar em se movimentar, alguns pontos do Mauro Betti, na questão de crítica sobre as mídias, o Tarcísio Mauro Varga com o esporte na escola, pensar que o esporte não precisa ser uma reprodução NA escola, mas sim DA escola, você construir junto com os seus alunos. São alguns dos princípios pedagógicos que eu utilizo, tentar também não ensinar o esporte numa perspectiva da técnica, utilizando jogos reduzidos, utilizando a abordagem tática, que é você olhar elementos e dinâmicas do jogo, um pouco do TGFU na questão de organização e estratégias do jogo, qual a intenção dele, enfim, nessa parte mais metodológica. Mas na hora do jogo em si, eu utilizo mais elementos da abordagem prática, entendendo a lógica interna do jogo, utilizando estratégias da mudança nas regras do jogo, diminuindo o tempo do jogo, reduzir o espaço, colocar obstáculos, trocar as posições/pontuações, aumentando/diminuindo o número de jogadores, tudo isso para o ensino da prática do jogo. Também utilizo além da prática, questões para que os alunos problematizam e tem uma visão crítica,

questões de gênero, étnico racial, etc. Já com relação a avaliação, eu tento primeiro avaliar mais exatamente o que eu penso como objetivo, e a partir dali eu utilizo vários instrumentos, mas não focando nos mesmo, e sim no aprendizado, porque as vezes eu colocava algumas perguntas que eu via que ia deixar o meu critério sobre o instrumento, e não sobre o objetivo da aula. Então o foco é no aprendizado dos alunos. Eu também utilizo seminário, roda de conversa, histórias em quadrinhos, desenhos, escritas e também formas de avaliar a prática, mas não voltando para a década de 80, e sim o que o aluno sabia e o que ele sabe hoje. Observações minhas mesmo, e também utilizo fichas de avaliação que os próprios alunos se observam e fazem as anotações, utilizando a dinâmica do jogo em si e valores atitudinais, sócio emocionais, para ser coerente com o que a gente conversa nas aulas e o que é avaliado por mim, e pelos alunos.

3. Não diria que intuição, mas alguns princípios pedagógicos eu recorro, tendo como base as teorias que eu mencionei anteriormente. O que faz eu ensinar dessa forma, primeiro é um questão de visão de Mundo que a gente vai construindo, tentando colaborar com que o aluno não reproduza as desigualdades que tem nos esportes, então eu tento pensar em alguns princípios que o esporte e a Educação Física de modo geral colaborem com a transformação social, seja uma aula mais inclusiva, crítica, que discuta sobre diversos marcadores sociais, questões de habilidades, do aluno não ser e não se sentir excluído, questões étnico raciais e de gênero, e a partir daí eu utilizo Paulo Freire, Saviani, Tomás Tadeu da Silva, Marcos Meira, Valter Bracht, Mauro Betti, alguns conceitos do Elenor Kunz, juntando esses autores eu trabalho os marcadores sociais, os conteúdos, variando de escola para escola, turma para turma.
4. Pedagogia do esporte que eu conheço mais forte seria (estou na dúvida): o Esporte Education, o TGFU que eu vejo mais como uma metodologia do que uma pedagogia, então seriam esses que eu falei anteriormente, que me ajudam na parte da organização, na parte do jogo que os alunos podem criar, em uma sequência pedagógica também, e como eu falei da abordagem tática, que eu vejo mais com uma questão de compreender a visão da praxiologia motriz, que não é voltado para o ato técnico, mas sim para entender a dinâmica, o funcionamento e a lógica interna do jogo. Alguns trabalhos do Alcides, Osmar Moreira e da Larissa Galatti me dão uma visão

crítica sobre a pedagogia do esporte, com alguns princípios e objetivos pedagógicos em cima dessas abordagens.

5. De maneira geral, o primeiro fator é o que tenta ensinar é ter uma perspectiva de sociedade e de Mundo crítico, a partir desse momento ele consegue chegar na Educação Física também de uma forma crítica. O primeiro ponto é o professor, quando tem o alinhamento do currículo também crítico. É importante ter uma visão crítica sobre o currículo, porque às vezes ele pode te ajudar, mas também ele pode te atrapalhar com relação a esses princípios críticos dos alunos na sociedade, na educação e na Educação Física. Uma coisa que o Paulo Freire fala é que a gente tem que tentar aproximar o que a gente fala com o que a gente faz, que é o mais difícil. No começo eu tinha dificuldade com isso, as minhas aulas eram distantes do que eu falava/pensava, e com o tempo isso foi melhorando. Não cair nessas tentações é um ponto importante, porque pode parecer mais legal, é o que os alunos querem, mas será que era isso que eu queria ensinar?! Então tentar fazer com que os alunos consigam analisar e refletir sobre a sociedade, que eles consigam mais do que olhar, consigam aprender valores que podem contribuir não só para as aulas de Educação Física, mas para uma sociedade diferente.
6. Acredito que sim. Porque ser crítico não significa que a gente consiga sempre transformar uma aula crítica, porque é muito mais difícil. Mas eu vejo que eu tenho uma preocupação com isso, tentando trazer para as aulas que dentro do possível, olhando todo o contexto social, os valores sociais, educação e a Educação Física, eu tento transformar em aulas que tanto na hora que eles tenham uma vivência prática, quanto nas horas que nós estamos discutindo sobre os conteúdos, que em determinados momentos a gente possa refletir sobre isso, tanto pelo o que aconteceu e o que não aconteceu, de uma forma legal dentro do planejado, pois nem sempre vai dar tudo certo. Mas eu sempre tento contar com eles, e ver que o conflito também é uma possibilidade educativa, que vai de encontro com o que eu escrevi no meu Mestrado, que o conflito e essas situações não é porque aconteceu que está errado, a gente pode olhar isso e ver que se aconteceu é porque faz parte da vida dos alunos, e a gente pode conversar com eles sobre isso, e trazer algumas atividades para instrumentalizar e que eles possam começar a ter uma perspectiva diferente, mesmo que não mude naquele momento, mas que

possa colaborar para a vida deles. Fazer perguntas e reflexões também fazem parte desse processo de criticidade.

7. De forma mais direta, o que mais me ajuda é que eu vejo na questão didática de entender a lógica interna, que a praxiologia e a abordagem tática são as principais, para entender não uma questão técnica, mas o princípio pedagógico que eu coloco em cima disso, a questão da intencionalidade, da finalidade e do objetivo, eu vou nos três autores da educação que é o que eu mais penso, pois eles me ajudam tanto a pensar na organização do conteúdo, quanto na questão pedagógica que eu quero desenvolver com os alunos.
8. Eu acredito que no esporte, tem que ter uma preocupação muito de uma sequência pedagógica, com o ensino do esporte em si, mas ele não pode vir desvinculado de todos os valores sociais. Um dos principais pontos é que a gente vai ensinar para os nossos alunos que ele aprenda alguns valores, como: uma sociedade crítica e transformadora. O que é isso? Que ela seja contra a injustiças sociais, preconceitos, exclusões, seja por diversos fatores, economicamente, questões de gênero, habilidade nos esportes, étnico raciais, aspectos físicos, e assim vai indo, eu vejo que se o professor tiver essa preocupação, desde que ele consiga que o aluno tenha uma perspectiva crítica, e que tenha uma vivência prática alinhada com essas preocupações, seria sensacional. Porque é muito difícil conseguir isso, pois muitas vezes alguns professores conseguem ter esse discurso, mas não conseguem colocar em prática isso, pois faltam alguns elementos, talvez desinformação, falta de formação universitária, ou o que seja. Então uma preocupação é tentar alinhar, primeiro pelos princípios e depois alinhar as aulas, ter um equilíbrio entre a parte teórica e prática, pois dá para ambos caminharem juntos, e não deixarem que a vivência fique em segundo plano.
9. Muitos. Eu vejo que os desafios eles acontecem, porque tudo o que foi falado até agora, dos princípios culturais, tentando alinhar com os conteúdos de uma forma “diferente” do que os alunos estão acostumados, eles acabam questionando, mesmo com uma conversa e uma explicação, eles questionam, não querem fazer, isso acontece por causa da sociedade em que vivemos, dos valores diferentes que vivemos. Isso acontece muito com as turmas novas, o que eu percebo é que uma turma recente depende muito do professor(a) que estava antes, há turmas muito tranquilas, e outras que só querem os mesmos esportes, que só querem que os mais habilidosos

joguem, que só os meninos joguem, uma ou outra menina que tinha mais habilidade que “podia” jogar, então eram turmas muito excludentes, e quando você pega uma turma assim, é muito mais difícil. E aos poucos eles vão entendendo esses valores, é um processo que não é fácil, e infelizmente não são todos que se acostumam com essa forma. Conflitos também que acontecem são grandes desafios, questões de gênero, étnico racial, e nós como professores temos que saber mediar esses conflitos, não somente mediar na hora, mas sim para reflexão e que uma hora eles parem com esses pensamentos, e assim você está indiretamente combatendo com a mudança da sociedade, seja curto, médio ou a longo prazo. Esperança não só de esperar, mas de trabalhar, esperançar e fazer.

10. Desde que eu terminei a graduação foi uma preocupação minha, não só para o ensino dos esportes, mas para a Educação Física de modo geral, em me manter atualizado. Porque eu senti que a formação daqui da Unesp é muito boa, eu tive uma base muito boa, mas eu vejo que por mais que seja boa, ela não é suficiente quando você de fato entra no dia-a-dia de uma escola, você vê que é mais complexo transformar o que aprendemos na graduação em uma aula crítica, então a partir daí eu fui buscando continuar os estudos, seja por uma via mais academia, fazendo outra graduação, mestrado, especialização e agora terminando o doutorado, mas também cursos, participei de vários congressos, palestras, e também leituras desde livros, artigos, e hoje em dia as vezes tem alguns canais no YouTube que me ajudam em algumas coisas. Aos poucos eu fui quebrando esse preconceito com o meio digital. Além da participação em grupos de estudos, eu participo de um grupo em São Carlos, e do grupo de estudos da Lilian.

PROFESSORA 5: MARIA CLARA.

1. Os esportes são ministrados a partir da faixa etária de cada aluno, e a gente segue o currículo do Estado de São Paulo, desde 2007 esse currículo foi implementado, tendo ajustes conforme os anos, e a gente segue o currículo que nos é enviado. Então tem ano que a gente trabalha com o handebol, te ano que a gente trabalha com o basquete, tem ano que a gente trabalha com os esportes individuais (atletismo, dança, ginástica, lutas), trabalhamos também com o futebol, enfim, todos os esportes coletivos e alguns individuais, de acordo com o currículo do Estado.

2. Eu não trabalho com esportes de alto rendimento, eu não faço parte de turmas de treinamentos, a gente trabalha com os conteúdos na sala de aula, e o objetivo principal é que os alunos conheçam as principais regras dos esportes, a origem, o básico daquele esporte coletivo ou individual, e tenham a vivência prática com o objetivo principal de interação, socialização, nesse sentido, e não no sentido do esporte de alto rendimento. E a gente trabalha começando com a história do esporte, depois com os fundamentos básicos, depois com as técnicas e táticas, com o jogo propriamente dito, tudo fragmentado, de acordo com a faixa etária de cada turma. A avaliação ela é contínua, ela depende além da participação dos alunos, depois no final do bimestre o conhecimento que eles obtiveram sobre aquele esporte, através de trabalhos em grupos, seminários, trabalho-questão, Google Forms, Prova Paulista, e a gente avalia o conhecimento dos alunos de acordo com esses critérios e essas atividades.
3. Eu trabalho de acordo com a minha vivência e a minha experiência, não sigo um autor específico, ou uma metodologia própria do esporte, e sim a gente faz bastante pesquisas, lê livros e se atualiza de acordo com as mudanças das regras dos esportes, mas é mais com a vivência mesmo do dia-a-dia, de acordo com o que a gente sabe e sempre trabalhou, não tenho uma pedagogia específica.
4. Não lembro de nenhuma teoria.
5. Na questão de ser crítica é a questão de questionar o porquê deles estarem fazendo aquilo, o objetivo principal, o que aquilo vai servir na vida deles, não só nos esportes mas também na vida deles, a gente trabalha bastante sobre saúde, sobre qualidade de vida, além dos esportes e eles sempre estão questionando do porque está sendo feito aquilo, o que eles vão ganhar com isso, qual será o benefício daquilo na vida deles, e eu sempre explico que aquilo vai servir não só para o ambiente escolar, mas sim na vida adulta deles, e esse é o motivo principal.
6. Sim, me considero. Porque assim como eu ensino os alunos a questionarem, eu sou muito questionadora, não é tudo o que vem falar que eu aceito, a gente procura saber o porque daquilo estar sendo feito, para o que serve, qual o objetivo, o intuito daquela atividade, seja lá em uma reunião pedagógica, seja na própria sala de aula, então eu me considero uma professora crítica sim.

7. A gente segue o currículo do Estado, dentro desse currículo a gente trabalha com os slides que já vem prontos, e em cima desses slides a gente tem vídeos demonstrativos, e também fazemos pesquisas pelas redes sociais, pelo YouTube, Google, enfim, pela internet a gente pesquisa para poder acrescentar no material digital, e pesquisa também meios de materiais alternativos, até mesmo materiais recicláveis, tampinhas de garrafas, garrafa pet, vários tipos de materiais, até caixas de papelão para realizar atividades lúdicas. **Você considera que tem todo apoio necessário da escola? Você acredita que tenha materiais suficientes para as suas aulas? O local físico é adequado?** Sim, eu acredito que sim. Sempre que a gente solicita, somos atendidos. Tanto materiais de ginástica, quanto de esportes coletivos/individuais eu consegui, o espaço também vai reformar, vai melhorar, mas eu pedi rede e compraram, enfim, bolas de todos os tipos, materiais lúdicos tem bastante, então considero adequado sim.
8. Na parte esportiva é que os alunos saibam que o objetivo principal dentro da escola é a socialização, a interação, a empatia com os colegas, eles tem que saber que aqui não estamos formando atletas, geralmente sai um ou outro mas não é o nosso objetivo, então essa é a maior preocupação do professor de Educação Física, acredito que a maioria dos meus colegas pensam dessa forma, não trabalham para forma atletas. A não ser aqueles professores que tenham as turmas de treinamento (ACD), que já é uma coisa mais específica, diferente durante as aulas, pois temos duas aulas por semana, e dentro dessa aula dá para identificar o aluno que tem mais perfil dentro de determinado esporte, mas não dá para formar ele como atleta. A gente forma ele como cidadão de bem, como cidadão responsável, como cidadão empático com o próximo, que saiba conviver em sociedade, que saiba lidar com os seus próprios medos, angústias, que saiba respeitar e contornar a questão da violência, saber resolver pacificamente os seus problemas, então esse é o objetivo principal, dentro do âmbito escolar.
9. Sim, o desafio principal que eu enfrento é fazer com que os alunos se interessem por todas as modalidades, porque desde que eu trabalho (há mais de 20 anos), o interesse principal deles sempre é vôlei e futsal, então você vai fazer uma ginástica, uma aula de dança, tem muita resistência, mesmo que seja só uma vivência, é uma luta, é tudo a base de ameaça, sempre tentando fazer uma troca. Eu enfrento esse desafio, por mais que a gente tente,

ofereça, exponha, demonstre em áudios/vídeos, há uma resistência muito grande porque eles só querem aquilo que eles já conhecem e gostam. A gente até trabalha, mas percebe que os alunos não têm o mesmo ânimo para fazer e desenvolver aquilo, eles vivenciam mas com uma resistência muito grande, sem vontade alguma.

10. Eu procuro me atualizar sempre em relação às regras dos esportes, atualidades sobre os esportes, a gente teve as Olimpíadas, Paralimpíadas, então é importante assistir e comentar com os alunos, pesquisar, e por mais que hoje em dia temos preguiça, mas pegar um livro e ler, porque quando sai da faculdade a gente perde o âmbito acadêmico, e começa ficar mais nos meios digitais, mas procurando sempre se atualizar nas mudanças que tem e vem ocorrendo nos esportes. Assistir também os jogos para transcrever e discutir com eles a relação e as diferenças das diferentes modalidades que existem. Conversando e trocando com os colegas, fazendo cursos, seminários, atualizações na DE, se reunindo e discutindo a vivência com outros colegas, cursos pelo EFAPE que é a escola de formação que a gente tem uma experiência bem vasta, com vários tipos de profissionais que a gente consegue adquirir o conhecimento de cada um deles.

PROFESSOR 6: JOÃO.

1. Primeiro eu vejo o que o Estado ele tem a passar para a gente, pelo repositório, porque a gente não pode sair disso. Até porque nós temos também a visita durante as aulas de Educação Física dos supervisores e responsáveis pela escola, então os critérios são o que o Estado dá para passar para os alunos (currículo). Quase sempre eu pretendo diferenciar os esportes, por exemplo, se for esportes coletivos, eu já sei basicamente quais são os esportes, que são os mais atuais que conhecemos como: futebol, basquetebol… então os critérios são esses que eu utilizo.
2. Eu sempre tento passar o que o esporte traz para o aluno, questões éticas, questões financeiras, caso o aluno venha para escola com o intuito de aprender algo, por exemplo, o handebol, nós tivemos o JESP recentemente, tem alguns alunos que já são atletas, mas e se alguns deles não vingarem?! Então eles tem que saber que pode ou não dar certo, e se não der certo qual caminho que ele vai seguir. As estratégias que eu acabo não utilizando muitas, como eu falei anteriormente, sempre o Estado propõe o que devemos

passar então não foge muito disso. As avaliações são teóricas mesmo, e eu sempre peço feedback dos alunos também, para eles entenderem como estão indo durante as aulas, porque nós sabemos que nem todas as aulas atingem todos os alunos, temos alunos que não gosta de esporte e prefere o telefone ao invés de pegar uma bola e jogar.

3. Eu tento utilizar o que foi passado para mim na faculdade, porque como eu sou um professor muito “cru” ainda, eu ainda estou aprendendo muito. Eu vejo o que eu erro, porque eu sei que ainda erro muito, e se eu erro em uma aula, eu já pretendo mudar na próxima aula, e reutilizar essa “segunda técnica” na próxima aula com a turma que não deu certo. Então eu acho que a gente vai aprendendo com os nossos próprios erros, e também com o nosso próprio feedback.
4. Eu conheço somente a do Saviani, mas eu não consigo/sei te explicar.
5. Ir além do que eles querem. Os alunos devem entender que podem e devem errar na vida, que vão sair da escola e vão continuar errando, e que se errar eles vão poder continuar a vida, porque ser crítico não é somente ter uma opinião sobre algo, é ter o feedback se algo deu ou não deu certo. Ter esse feedback e saber como consertar, porque não adianta ficar errando e achar que o erro é totalmente normal.
6. Como eu falei anteriormente, a gente vai aprendendo com os nossos erros, se uma coisa acabou não dando certo, eu vou tentar acertar na próxima aula. Isso acontece em todas as turmas, se uma coisa não deu certo, eu vou tentar explicar de outra forma na próxima aula. Então a nossa criticidade vem desse acerto-erro, e como vamos lidar com esses erros.
7. De modo geral sim, somos apoiados pela escola. Mas às vezes algumas escolas não têm materiais específicos, por exemplo, se eu for passar futebol de cinco, em nenhuma das escolas que eu dei aula até hoje não tem a bola com o guizo. Então como eu posso buscar estratégias para adaptar esses materiais. Na maioria das escolas não temos materiais específicos para realizar as atividades, mas também não posso reclamar. Temos materiais sim que podem ser adaptados, então isso é a vida do professor, ir adaptando da forma como você consegue, ainda mais quando você é novo, porque quando você é um professor mais velho, você já tem a malícia e a experiência de adaptar certos materiais, para certos esportes.

8. Eu acho que é o que eles trazem para a escola. Porque muitas das vezes, existem palavreados a mais que os alunos trazem para a escola, claro que sabemos que são indivíduos diferentes, vindo de famílias diferentes, só que é isso que dificulta ainda mais a vida do professor, porque? Porque querendo ou não, os alunos querem a Educação Física, porque eles sabem que essa é a disciplina mais esperada e às vezes extrapolam um pouco, então esses xingamentos, esses embates entre os alunos acabam se excedendo e atrapalhando as aulas. Acredito que esse seja o maior desafio como professor.
9. Como eu falei anteriormente, é a individualidade de cada aluno, seja ele no Ensino Fundamental ou Médio, mas aqui as vezes acontece de a gente querer ensinar um esporte específico e não ter o material adequado para o ensino. Por exemplo, hoje eu utilizei uma sacola para representar o guizo na bola. Então tem que ter e saber lidar com esse jogo de cintura.
10. Os cursos sempre estão disponíveis, além dos cursos gratuitos, nós também temos que ir atrás e ter a responsabilidade de buscar novos cursos. O Estado também oferece cursos para fazermos, porém é mais voltado para a área pedagógica do que para a área prática, então a gente sempre está buscando o conhecimento através dos meios digitais mesmo, porque o professor nunca pode parar.

PROFESSORA 7: LAURA.

1. Primeiro critério é seguir as orientações do currículo, no caso é o currículo Paulista, que hoje nós temos os materiais digitais, que estão vinculados e alinhados com o currículo Paulista, que por sua vez está alinhado com a BNCC, então esse seria o primeiro critério, aquelas modalidades esportivas que são indicadas por esse currículo. Dentro dessas modalidades, pode ser pelo tipo de modalidade, esportes de invasão, esportes de rede, esportes de taco, então eu converso com os alunos e a gente escolhe juntos as modalidades que despertam maior interesse neles, que tem mais relação com o cotidiano deles, e geralmente fazemos uma votação, quando eu vejo que tem alguma dificuldade em resolver juntos, eu procuro sempre trazer algumas propostas e algumas ideias também.
2. O objetivo como eu te falei, eu sigo o Currículo Paulista, e ele é um documento orientador, então tem toda uma flexibilidade, mas eu procuro

seguir. Então o objetivo está de acordo com as habilidades que a gente espera que os alunos desenvolvam ao longo das aulas, e esse seria o objetivo do estudante, que a gente espera que ele aprenda. Do meu ponto de vista, quando eu vou trabalhar determinado esporte, eu espero que o aluno tenha o acesso a essa dimensão da cultura corporal de movimento que é o esporte, que ele vivencie, que ele perceba os sentidos que aquela prática pode trazer para ele, que ele socialize, interaja com os colegas, que compartilhe experiências prévias, a própria experiência do momento, então o objetivo seria nesse sentido. As estratégias, eu procuro nas aulas iniciais sempre ver o que os alunos já sabem, fazendo uma chamada temática, uma tempestade de ideias, ou eles verbalizam mesmo, eles demonstram corporalmente o que eles já sabem sobre o esporte. O que eles gostam, de acordo com o interesse deles, o que eles já praticaram, o que eles gostariam de praticar, o que eles acham que é possível fazer na escola, quais adaptações a gente pode fazer para que tal modalidade seja possível de realizar na escola, para que todos consigam participar, sempre em uma perspectiva da inclusão, da democracia, da crítica, “Ah porque tal esporte tem determinada estrutura? Porque é jogado assim? Como que ele surgiu? Como será que foi o processo histórico? Porque será que é dessa maneira? Porque é uma prática predominantemente masculina? Praticada pela burguesia?” Então a gente dá sempre uma contextualizada, a gente traz o contexto histórico para que não seja o fazer por fazer, que seja uma prática consciente, contextualizada e que faça sentido em uma perspectiva crítica. E se aquela prática é praticada predominantemente pela elite masculina, porque não incluir todo mundo? Por que não deixar acessível? Então sempre trazendo esse olhar reflexivo e de mudança. A gente sabe que o esporte é culturalmente/historicamente machista, seletivo, classificatório, excludente, então eu procuro trazer muito essas questões para as aulas, questões de gênero, de inclusão, etc. As outras estratégias é fazer mini-jogos, jogos reduzidos, para que fique mais acessível a compreensão, para que todos participem, pois em um jogo na quadra inteira por exemplo, geralmente são os meninos mais habilidosos que participam, então a gente trabalha com isso para quebrar esses estereótipos. Às vezes trago algum jogo mais lúdico, quando eu vejo que a turma está mais resistência, em uma modalidade muito diferente, então vamos “indo pelas beiradas”, tentando sempre contextualizar

com aquilo que eles já conhecem. A avaliação eu faço uma inicial, que é o levantamento dos conhecimentos prévios deles, as vezes trago algum texto ou uma matéria da mídia, para conversarmos e debatermos, fazermos questionários, rodas de conversa, socializando com os colegas, eu também faço observações constantes, não tão sistematizada quanto eu gostaria, com relação ao envolvimento deles, se eles conseguem fazer uma leitura adequada do jogo, se conseguem se posicionar, colocar ações em prática, se entendem a dinâmica do jogo, se conseguem incluir e trabalhar em equipe, também tem a realização das atividades propostas na plataforma “Tarefas SP”, então a gente avalia dessas maneiras, pois não temos tempo para usar outros recursos que seriam ideais, e geralmente para o final do bimestre tem uma avaliação escrita.

3. Eu acho que é um conjunto de tudo isso, mas por a gente se formar, por estarmos ali exercendo a docência, tendo documentos orientadores, a gente precisa se balizar em algumas teorias, em algumas orientações, mas também tem o lado da intuição, daquilo que eu vivenciei, das minhas experiências, daquilo que eu me identifico e que faz mais sentido pra mim, mas a pedagogia que eu procuro utilizar é sempre trabalhar em uma perspectiva crítica, me identifico muito com a pedagogia Freireana, e a pedagogia do Elenor Kunz, crítica emancipatória, então procuro trabalhar nessa linha. Então seria isso, trazer o aluno como sujeito do processo de aprendizagem, como corresponsável e não como um objeto, como alguém que só faz por fazer, então ele tem que entender porque está ali, o que ele pode aprender, o que de fato ele aprendeu e sentiu, o que ele pode levar para a vida, qual a relação disso com a sociedade, com a economia, então é mais nessa linha daquilo fazer sentido, partindo sempre de uma perspectiva crítica.
4. Não é uma área que eu me aprofundo e que eu conheço muito, mas eu relacionaria a Pedagogia do Esporte com o que eu conheço da crítica emancipatória, que é a preocupação com o processo, e não só com o fim, com o desempenho, então não é um objeto, não é algo que está ali só se movimentando, é uma pessoa que se movimenta, que tem história de vida, experiências prévias, que tem desejos e sentimentos, e que vai levar isso para a vida. Então a prática tem que fazer sentido, tem que ter significado, não é ela sozinha, é uma interação social com as pessoas, que também tem

suas história e experiências de vidas, então é uma partilha, os alunos vão aprendendo junto com as vivências e trocas de experiências.

5. Eu acredito que é colocar os alunos como sujeitos do processo de aprendizagem, colocar eles como corresponsáveis, não seria considerá-los como pessoas que não sabem nada, que chegaram ali como caixas vazias, mas sim são pessoas que trazem suas bagagens, suas histórias de vida, seu conhecimentos, e que isso é algo valioso, que pode ser partilhado, ampliado e diversificado na escola, então acho que é fazer o aluno refletir sobre aquilo que ele e os colegas trazem, porque ninguém sabe mais que ninguém, são saberes diferentes e que um pode aprender com o outro, e que o conhecimento ele tem uma relação com o poder, então é preciso ter sempre esse olhar do porquê e para que aprender isso ou aquilo, e contextualizar trazendo um sentido para sua vida, e pensar na mudança, como que aquilo que está sendo experimentado ele pode trazer mudanças para os alunos, para o meio social em que ela vive.
6. Eu procura trabalhar nessa linha, não sei se eu seria classicamente um professor crítico, ou totalmente, mas eu me identifico com essa perspectiva de ensino, e procura trabalhar alinhado com ela, a gente vai ao encontro do que falei anteriormente, então trazer o aluno para reflexão, como corresponsável pelo processo de aprendizagem, promover a partilha dos conhecimentos, as interações sociais, de que ninguém sabe mais que ninguém, que todos tem que ser incluídos, um ambiente democrático, então eu procuro trabalhar nessa linha e seria algo próximo do ser um professor crítico.
7. Eu acredito que um dos suportes é a minha experiência prévia, experiência como pessoa que brincou, que foi atleta, que foi aluno, então a minha experiência de vida. O que eu estudei na graduação, os cursos e estágios que fiz, o que estudei na pós, no mestrado, então esses seriam suportes, juntamente com os documentos orientadores oficiais (BNCC, Currículo Paulista), então seriam esses suportes. Agora pensando nas questões materiais, elas são escassas, são defasadas, desfavoráveis, a gente trabalha em lugares que nem sempre estão limpos, seguros, que já são pré-determinados como as quadras poliesportivas, que te induzem a trabalhar de certa maneira, com o esporte mais tradicional, não há opções de outros espaços, e os espaços que têm não são bons, tem obstáculos, objetos, uma

arquitetura que não favorece algumas práticas. E os materiais na realidade que eu trabalho são razoáveis, eu procuro estar sempre solicitando ou adaptando, trazendo materiais alternativos, mas poderia ser melhor esses suportes. A gente tem acesso a recursos tecnológicos que não funcionam direito, plataformas que não funcionam e não favorecem a aprendizagem, são plataformas que valorizam mais o aspecto quantitativo, de acessar por acessar, e não aprender, muito por um viés econômico, e não pensando na aprendizagem.

8. Acho que a principal preocupação é trazer o esporte como um dos grandes temas da cultura corporal de movimento, então algo que foi produzido, construído historicamente e socialmente, pela humanidade ao longo do tempo, algo que teve um porquê, que teve um processo histórico, onde surgiu, porque surgiu, e algo que foi sendo desenvolvido, começou de um jeito e ao longo do tempo foi passando por transformações, até chegar ao que a gente conhece nos dias de hoje. Então é trazer o esporte com essas preocupações e cuidado, e de que ele é uma prática para todas as pessoas, não tem que ser para um público seleto ou para os mais experientes, só para os meninos, tem que ter essa dimensão histórica, social, democrática e inclusiva.
9. O desafio dos espaços físicos, dos materiais que nem sempre são adequados e que não funcionam direito, mas também tem as questões particulares e pessoais, porque há uma gama muito grande de esportes para a gente trabalhar, e quando a gente tem uma vivência prévia com aquela modalidade fica mais fácil trabalhar com os alunos, e nem sempre a gente tem, devido a grande variedade de esportes que temos que trabalhar. Mas a gente procura os alunos que têm aquela vivência, a gente vai atrás de outros recursos, do vídeo, e esse é um dos desafios que eu tenho. **Você considera o tempo de aula suficiente?** Isso é importante, não é suficiente. Porque a aprendizagem está relacionada com o tempo, com experiência, que não se dissociam. Então fica complicado você trabalhar uma, duas ou três modalidades em dois meses (um bimestre). As vezes tem mais de um tema para trabalhar no mesmo bimestre, e mesmo que fosse uma modalidade por bimestre, em duas aulas semanais de 45 minutos é muito pouco tempo para ensinar. Então com certeza o tempo reduzido é um grande desafio para trabalharmos o esporte.

10. A formação ela é contínua, então eu procuro buscar nas formações que a própria rede estadual oferece, um pouco mais de estudo, atualização, o próprio curso pós graduação (mestrado), a participação no grupo de estudos aqui da Unesp, então seriam essas coisas que está dentro do que eu posso fazer, para poder me atualizar no momento.

PROFESSOR 8: THEO.

1. Na verdade, dentro do que foi disponibilizado para nós, desde agosto de 2023, que é o material digital, eu acabo indo dentro da proposta que está lá como conteúdo, para as aulas de Educação Física. E os critérios utilizados muitas das vezes, eu tento ofertar aos alunos alguns esportes aos quais eles não conhecem tanto, que não tem uma vivência do seu dia-a-dia, fugir um pouco do futebol, mesmo que, dando um exemplo, dentro do conteúdo da 3ª série do Ensino Médio (se não me engano), tem como proposta você adaptar regras do futsal para a vivência dos alunos, e eu acabei propondo uma outra forma, para pensarmos em outros esportes, e um dos alunos veio com a ideia de trabalharmos com o Flagbol, então estou iniciando com os jogos adaptados do Flag, para a partir desta semana, a gente trabalhar com o Flagbol especificamente.
2. Uma das abordagens que eu utilizo sempre é a Metodologia do Ensino da Educação Física, da Taffarel, e ela coloca a questão do esporte de nós apresentarmos o esporte e pensarmos também de fazer com o que o aluno seja crítico, tentando entender algumas regras e dentro dessas regras, do porque que existe, a questão da ética, da disciplina, então eu tento trabalhar dessa forma. As estratégias utilizadas, eu gosto de iniciar com alguns jogos adaptados daquele esporte, para depois ir para o esporte em si, para eles começarem a entender como funciona, dependendo do esporte eu trabalho também os fundamentos, quando eu vejo que eles não têm a noção. E a avaliação, eu tento realizar observando o aluno no decorrer das aulas, ver a evolução dele, se ele não conseguia arremessar a bola, ou passar a bola de uma forma correta, se ele já conseguiu então eu considero como sendo uma avaliação positiva daquilo que ele não sabia e agora está conseguindo fazer.
3. Como eu estou desde 2007 dentro do Estado, e uma das primeiras propostas foi o Currículo do Estado de São Paulo, que era o caderno do aluno, caderno do professor, e ele se baseava muito na aprendizagem do se movimentar, e

que dentro dos esportes aprender primeiro eu com a bola, eu-bola, eu-bola-alvo, então eu gosto muito de trabalhar dessa forma, pois foi algo que eu achei interessante a forma de como é desenvolvido o esporte para o entendimento do aluno, pois muitas vezes eles querem jogar, e não se importam em tocar para o colega, quais são as formas de jogar. Então essa metodologia que foi apresentada dentro do currículo do Estado eu gosto muito e utilizo até hoje.

4. A muito tempo atrás eu fiz parte de um grupo de estudo com a Lilian, que ela estudava no início da questão da práxis pedagógica, então é uma teoria que me interessou, mas no momento atual foram três livros que eu gostei e me utilizo, que são: Pedagogia do Esporte - jogos coletivos de invasão, Metodologia do Ensino da Educação Física e Práticas Pedagógicas Reflexivas em Esporte Educacional: unidade didática como instrumento de ensino e aprendizagem. Então esses livros trabalham em forma de projetos, pensando no esporte, então o início para saber o que o aluno já conhece, uma avaliação inicial, e partindo disso, você trabalhar o restante dos conteúdos dentro do esporte.
5. O que eu vejo é aquele aluno que vai saber colocar e perguntar para outros professores ou no decorrer da vida dele, dando um exemplo na Educação Física, muitas vezes vemos que o aluno já está acostumado com o futebol, o vôlei, e o que eu tento fazer? Perguntar para eles, colocar, mostrar e fazer eles refletirem do porquê a Educação Física tem que ser só esses dois esportes? Porque ela não pode ir além disso? O que eles fazem além disso? E alguns respondem que fazem musculação, e eu digo que a musculação também pode fazer parte da Educação Física Escolar, para você aprender a fazer a rosca direta, que músculo está sendo trabalhado, então eu tento sempre trabalhar colocando questões para eles refletirem, sobre as aulas de Educação Física como um todo, porque que as vezes só foi ofertado um determinado conteúdo e não a diversidade dos mesmo, para eles começarem a cobrar do professor e também dentro da sociedade, sabendo uma forma de falar/conversar, não partindo pra violência.
6. Eu penso que sim, porque muitas das vezes quando a gente escuta “ah professora, mas porque que você não faz igual os outros professores”, aí bate aquela culpa, às vezes você pensa que poderia fazer, porque não? Mas aí você pensa que se formou durante 4 anos de faculdade, fiz tudo o que eu fiz,

fui atrás de uma formação continuada, um mestrado, para chegar aqui e propor para eles o nada?! Algo que pra mim também não vai fazer diferença, então eu tento sempre me cobrar disso, qual é o meu objetivo como professora? O que eu tenho que fazer? É propor para os alunos que eles também sejam críticos, então eu sempre me cobro dessa forma.

7. Eu acredito muito na questão das leituras de artigos científicos, de trabalhos já comprovados, de projetos que deram certos, de práticas que deram certo, e de estar sempre pesquisando, verificando, para tentar trazer práticas diversificadas para o aluno, dentro do esporte. **Você acredita que todos esses materiais que o governo proporciona ele te ajuda durante suas aulas?** Eu acredito que sim, principalmente se pensar no antigo currículo do Estado de São Paulo que foi colocado até 2018/2019, depois disso já vieram algumas mudanças e foram retirando alguns conteúdos, deixando aquilo muito superficial. Dentro do material digital agora, o que eu vejo dentro das minhas aulas, é que elas são muitos superficiais, eles pensam que em 4 aulas um determinado conteúdo dá para ser desenvolvido de forma rápida, e pensando na Educação Física e na diversidade de conteúdos que temos, eu acredito que seria possível em 8 aulas (um mês), o que muitas vezes eles propõem em 4 aulas, e até o próprio aluno reclama e fica perdido. Então esse material eu vejo dessa forma, tem questões interessantes, que nem foi proposto como eu falei anteriormente, uma discussão entre relações líquidas e o esporte, entrando na filosofia e tudo mais, e no final da aula eles criarem regras adaptadas pro futsal, fazer isso em 4 aulas, mas eu preferi apresentar o conteúdo e partir para um esporte que eles não conheciam (Flagbol), e eu acredito que vai ser bem interessante, iniciei com os jogos adaptados e eles se demonstram bastante empolgados.
8. Eu vejo que principalmente nos esportes em si, é a questão de saber sobre o trabalho em grupo, pensando nos esportes coletivos, não só porque eu sei jogar, eu jogo fora, eu sou o melhor então a bola vai ser sempre pra mim, e eu vou fazer tudo sozinho dentro do time. Então, por exemplo, nas aulas da turma de treinamento que eu tenho eu venho trabalhando bastante com isso, porque muitos chegam achando que já sabem e só querem fazer aquilo, e chegam querendo comandar, então eu paro, converso, falo que tem que ter os toques, se não tiver toque não vai, e eles sempre perdem a bola, agora depois de fevereiro que eu venho falando isso, eles estão começando a

perceber, que se no jogo coletivo eu não tenho o toque, o trabalho em equipe, eu não vou conseguir fazer o gol. Então é um trabalho a longo prazo. E tem também a questão dos fundamentos, que não adianta a gente passar e os alunos fazerem de qualquer jeito, que muitas vezes é o que acontece.

9. O principal desafio pensando nos esportes como um todo, é quando você vai propor esportes diferentes do futsal e do vôlei, pensando na realidade dessa escola atual. Eles só veem isso como aula de Educação Física, e o desafio é esse: propor diversas práticas, para que eles percebam que a Educação Física não são só esses esportes, que eles fazem parte, mas vai ter momentos em que eles vão ter que vivenciar outras atividades. **E com relação a materiais, espaço físico, você considera um desafio? O apoio da escola?** O desafio maior que eu vejo, os materiais mais diversificados, pensando em propor um treino de preparação física de um determinado esporte, para eles verem e vivenciarem, falta materiais. Eu já estou fazendo uma lista de materiais, para passar para coordenação. Mas com relação a bolas eu não posso reclamar. A quadra por conta da reforma que está tendo na escola, ela ficou interditada desde abril, até agora em agosto, tem duas quadras, uma descoberta e uma coberta, mas a descoberta no início ela estava com material de construção, então nesse momento o maior desafio foi conseguir um espaço adequado para as aulas. A escola deixou livre, o professor que trabalha comigo escreveu a maioria dos alunos no JESP, então teve uma grande participação dos alunos, eles gostam bastante, e no fim quem acabou levando foi eu, pois o outro professor acabou precisando se afastar, e a direção deu total incentivo. **Quais foram os esportes que vocês competiram?** Foi futsal, voleibol masculino/feminino, tênis de mesa, basquete e atletismo. Uma variedade de esportes, foi bem interessante pela vivência dos esportes, e também que os alunos do próprio Ensino Médio que quiserem fazer os times, eles encabeçaram e protagonizaram o projeto, fazendo acontecer. Eu mesmo só tive que acompanhar eles.
10. Como eu comentei, o que eu tenho tentado fazer é com relação às leituras. o Sesc oferece bastante coisa também, então quando possível fazer as oficinas que eles oferecem. E estar sempre atualizada e verificando, quando a Diretoria de Ensino oferece formações eu vou buscando, nesse sentido.

PROFESSORA 9: ANA BEATRIZ.

1. Na medida do possível eu tento seguir o currículo, o currículo de Bauru ele dá uma abertura, então eu observo o que foi trabalhado nos anos anteriores, por exemplo, esportes de invasão, como eu sigo e acompanho os anos anteriores, eu penso e tento fazer de uma forma diversificada. Mas lógico a gente dá preferência para o que eles gostam, o que tem na cidade, o que tem na mídia, e na medida do possível seguir o currículo.
2. Depois de alguns anos dando aula, eu não fico mais pensando se eu estou seguindo determinada teoria ou não, o currículo de Bauru tem a Teoria da Pedagogia Histórico-Crítica para se basear, mas eu não me preocupo se eu estou seguindo ou não, quando foi implementado você se pergunta o que fazer, mas hoje em dia eu não sigo. Mas eu gosto de estudar, quando surgiu eu também fui buscar me aprimorar, fazer cursos, no ano passado eu participei do Pibid, que é um momento de rever e refletir sobre a nossa prática, então a gente fica pensando no que pode melhorar, se está mesmo cumprindo o que deveria cumprir, até agora eu me inscrevi em um curso EAD da Pedagogia Histórico-Crítica. Mas eu gosto de pensar se estão todos participando, quando chegou a BNCC com as habilidades eu entrei em crise, porque até então você trabalhava aquele conteúdo e ponto, e com a BNCC você tem que pensar nas habilidades. Embora não tenha ninguém que podemos discutir, um colega da escola para conversar a respeito, eu sozinha tento me questionar se estou seguindo essas habilidades, e não tenho uma resposta, na minha concepção eu acho que sim, mas na realidade não, então é bem assim, o que eu avalio ser certo, a maneira que eu escolho trabalhar. E a gente tem um problema na rede municipal, que é a falta de professores. E muitas vezes a gente tem que ajudar na escola, a gente fica com mais de uma turma, então quebra-se a sequência que estamos tendo, e querendo ou não atrapalha as suas aulas, pois você ajuda de um lado, e acaba prejudicando do outro. As estratégias eu penso sempre em jogos, atividades coletivas, mas tem momentos que eu faço coisas mais individuais, dependendo dos materiais que tem, porque é complicado formar grandes filas, as crianças não estão mais habituadas e não tem paciência, pois não se aprende esperando. Já na avaliação, eu até fiz um curso com a Lilian sobre avaliação nos esportes, mas também é bem complicado, eu já até pensei se fosse trimestral, se seria melhor. Porque 4 bimestres no ano, para 2 ou 3 conteúdos por bimestre acaba sendo inviável, então às vezes a gente sente

uma certa superficialidade, então a avaliação eu penso mais na participação dos alunos, qual o feedback que eles me dão, mas normalmente eu não faço nem fichas, nem observações, que poderiam ser mais palpáveis, mas eu opto por estar mensurando mesmo o aprendizado em si.

3. Eu acredito que a maioria das minhas ações são da minha experiência. Mas como eu te falei, eu sempre estou fazendo cursos, o ano passado que eu participei do Pibid na escola, nós tivemos vários momentos de reflexão, que o professor trouxe sequências pedagógicas que foi bem bacana, e eu tenho o Estado também, que ele trás meio que “mastigado” algumas sequências, que dá para você pensar de como introduzir um assunto, ou deles estarem aprofundando de diversas maneiras. Mas eu acredito que a experiência prevalece.
4. Não sei te explicar, até tem algumas na minha cabeça, mas não vou falar para não falar bobeira. Como eu falei, depois de alguns anos você começa a ver o que é viável de acordo com a sua realidade, e tem turmas e turmas, escolas e escolas, e aí você vai tendo um jogo de cintura para driblar essas coisas.
5. Tem muitas habilidades que propõem isso, e eu acredito que eu não tenha avaliações para ver se isso está sendo realmente acontecendo, mas eu acho que o fato dos alunos estarem se envolvendo no aprendizado, de saberem se posicionar, de questionar, porque eles não aceitam qualquer coisa, as vezes tem professor substituto e eles reclamam, então eles não querem não fazer nada, eles estão acostumados a ter atividades. Tem poucos momentos que eu faço rodas de conversa, que eu finalizo e introduzo alguns assuntos, e a gente percebe que alguns realmente estão interessados, porque é difícil atingir a maioria, mas que alguns conseguem ver para além da prática em si. Pois não queremos que eles simplesmente fazem por fazer, se movimentam sem saber o porquê.
6. Eu também nunca parei para pensar, mas eu acredito que não seja a melhor professora, mas também não sou a pior, pensando em ser crítica. Mas a gente acaba entrando em algumas coisas do sistema, que já funciona assim, então vamos assim, no começo a gente fala que é errado, que nunca vai fazer, e depois de algum tempo você percebe que está fazendo. Mas eu acho que o fato de superar aquela velha história de rola-bola, eu acho que isso a experiência e os cursos me fizeram pensar que os alunos têm o direito de

aprender, e eu tenho a obrigação de ensiná-los, então eu acredito que isso faça a diferença.

7. O que eu aprendi no Estado foi de usar vídeos curtos, lá eles passam bastante sequência que às vezes eu consigo aproveitar aqui (Prefeitura), e agora tem várias Tv's na escola, você conecta seu notebook e pronto, embora eles gostem mais da quadra, eles querem o movimento, ficam na expectativa porque é a única aula que sai da sala, então eu acredito que seja um suporte bacana o visual, a tecnologia.
8. Eu acho que cumprir com as habilidades que acaba sendo difícil, mas partindo delas, se estão todos os alunos participando, se estão todos se respeitando, se a gente como professor está oferecendo o mínimo deles pensarem nas características e na lógica interna do esporte, por mais que a gente deixe algumas coisas por conta da falta de materiais, ou que a turma seja complicada, acho que o mínimo a gente tem que pensar que eles precisam vivenciar, se não todas mas que algumas habilidades precisam ser desenvolvidas. **Você acha que tem bastante engajamento dos alunos nas suas aulas?** Bastante tem, mas nem sempre é total. A partir do 8º ano começa em algumas turmas, algumas meninas, sempre tem aqueles que se recusam ou se esquivam de alguma maneira, principalmente hoje por causa da tecnologia, eles gostam e querem ficar no celular, então sempre são aquelas regras e combinados, em algumas turmas uma certa resistência para você conseguir que a coisa aconteça.
9. Não só no esporte, mas na Educação Física em geral, a questão de às vezes precisar ficar com mais de uma turma, de estar ajudando a escola, não só eu como outras professoras também ajudam, mas acaba atrapalhando e quebrando a sequência de aula. Mas a gente tem bastante alunos que frequentam a ABDA, que treinam em escolinhas de futebol, e então as habilidades são bem diferentes, então tem algumas turmas que a gente tem que parar e voltar na questão do respeito, que eles acabam se achando melhores do que os outros, dizendo que o time está fraco, ou que não quer jogar com determinado aluno. Então essas coisas a gente não pode fingir que nada está acontecendo, precisamos parar, conversar e colocar algumas regras para que as coisas aconteçam, para que a participação seja efetiva de todos, e não só daqueles mais habilidosos, mas que todos tenham o direito de estar aprendendo e se desenvolvendo. **E com relação aos materiais,**

espaços físicos e suporte da escola, você considera que são desafios ou não? Sempre. Desde que a Educação Física Escolar é Educação Física sempre existiu isso. Como eu estou a muitos anos nessa escola, a gente vai criando laços, se impondo em algumas coisas, a gente tem bastante coisa, mas não é tudo o que a gente gostaria, esse ano mesmo antes de sair das férias foi perguntando o que eu queria e pedido para fazer uma lista, mas até agora eu não recebi nada. Então a gente tem que eternamente provar que é necessário, que uma bola só não é o suficiente, que um colchonete só não resolve, a gente tem que estar negociando e estar indo atrás de muitas coisas, às vezes nós mesmo pesquisamos para as coisas acontecerem.

10. Com o amigo Google, a tecnologia nos ajuda bastante. Mas eu gosto de conversar com outros professores, de como eles trabalham determinado esporte e/ou conteúdo, a Prefeitura oferece alguns cursos específicos ou não, mas eu acho que o professor é um eterno aluno, que tem que estar sempre buscando, sempre estudando, e os esportes em geral sempre tem mudanças, então não podemos ficar parados, por mais que não é o objetivo mostrar coisas tão específicas de regras, mas como professor a gente tem que saber e estar atentos sobre tudo. Então tem turmas que você consegue comentar e colocar nas atividades algumas regras, e outras não. Mas a gente tem que buscar sempre, porque o nosso conteúdo é bem específico e não tem um livro ou um lugar que a gente ache tudo, então cada professor tem que ir atrás. **E como foi o Pibid para você?** Eu participei pela segunda vez, em 2018 eu já havia participado com a Lilian, e agora o ano passado eu participei com o professor Willer, e foi bem bacana porque na primeira vez eu me lembro que eu tinha o sentimento de que a todo momento estariam avaliando a minha aula, e agora? será que estou fazendo certo? Mas a gente vai vendo que é mais uma troca, uma reflexão daquilo que você faz, vai ter conteúdo, algumas coisas que podem te ajudar a mudar, e isso às vezes sozinho você acaba não enxergando, você vê outras opções e tem outros colegas que ajudam nessas trocas de experiências.

PROFESSOR 10: FRANCISCO.

1. Como a escola que eu trabalho ela é um programa de Ensino Integral, desde o ano passado o governo estipulou alguns materiais digitais, que devem ser trabalhados durante o bimestre, e nesses materiais digitais, de acordo com as

habilidades que precisam ser desenvolvidas dentro da Educação Física, já vem os esportes selecionados. Então não sou eu que chego a selecionar, já tem um tema pronto e eu trabalho de acordo com o material digital, eu só adapto quando é necessário.

2. Eu trabalho de acordo como eu falei anteriormente, com o material digital, muitas coisas eu adaptei, porque o material digital vêm com muitos textos, apesar de entender que é necessário trabalhar a competência leitura, e mesmo assim os alunos gostam bastante das questões práticas, e eu tento reduzir o máximo da teoria, só o essencial, para que eles consigam absorver mais pela prática. E pela minha experiência eu percebo que eles conseguem entender melhor o conteúdo quando se tem mais a prática do que a teoria, claro que algumas coisas é preciso passar direto na lousa, porque precisa anotar e não tem lousa na quadra, mas o que pode ser passado de prática eu passo para eles absorverem melhor. Em relação a avaliação, são alguns tipos: tem o sistema de tarefas, que a cada aula selecionada o aluno tem 4 questões desta tarefa (material digital), que valem 2 pontos na média final. 5 pontos são de participação, e conta tanto na teoria quanto na prática, na interação com os alunos. E 3 pontos de avaliação bimestral, que normalmente até o bimestre passado eu fazia também no Tarefas (online), que tinham 8 questões, esse bimestre mudou, a gente vai fazer um provão que vão ter 5 questões de múltipla escolha.
3. Sim, a gente tem que realizar um plano de aula, uma semana antes, então a gente sempre pensa como fica mais agradável para os alunos, porque a gente tem um problema de participação, portanto quanto mais atrativa a aula, melhor para eles. Então a gente busca utilizar o máximo possível de metodologia ativa, então quando é uma aula teórica, colocar um jogo, por exemplo o Kahoot, ou fazer agrupamentos produtivos, onde os alunos vão pesquisar alguma coisa, ou sala de aula invertida onde eles estudam o conteúdo e eles próprios dão a aula, e até mesmo eles sugerirem alguma atividade que tenha haver com o conteúdo trabalhado. E a aula expositiva também tem bastante, por conta de não ficar só no tradicional, que o professor explica sem a interação dos alunos, e sempre instigar eles com perguntas para que eles participem cada vez mais das aulas.
4. Faz tempo que eu não leio sobre assuntos específicos a Pedagogia do Esporte por conta da demanda do serviço, então a gente acaba estudando

temas específicos, entretanto quando eu vou trabalhar principalmente esportes coletivos, eu acabo trabalhando um pouco da praxiologia motriz, que eu fiz parte muito tempo do Nepatec na Unesp e a gente estudava bastante sobre isso, então eu acabo trabalhando muito questão de inferioridade e superioridade numérica, a questão do autoritarismo e da falta de organização que tem dentro do jogo, então eu sempre levanto essas questões e fazendo esses tipos de modificações para os alunos conseguirem entender cada vez melhor o esporte que está sendo ensinado.

5. É trazendo as questões norteadoras, no material já tem algumas, mas a cada aula a gente vai vendo como a turma responde, e vamos tirando deles o que eles já conhecem, primeiro os conhecimentos prévios, e a partir disso, a gente leva eles a pensarem em alguns assuntos, principalmente no Ensino Médio, que ele já vem um conteúdo mais maçante e crítico em relação a isso, e acaba instigando bastante os alunos sobre assuntos com relação ao preconceito dentro do esporte, as questões de estereótipos que também tem nos esportes, entre outros tipos de preconceitos, preconceitos contra pessoas com deficiência, contra pessoas negras, diferenças entre gêneros, tanto em salários, quanto falta de suporte midiático, então todas essas questões são trabalhadas nas aulas.
6. Sim, porque eu sempre faço com que os alunos pensem nas possibilidades que existem, e sempre vou ser imparcial, porque cada aluno vai ter o seu pensamento, não existe o certo e o errado, a gente expõe uma ideia a partir do conhecimento que eles já têm adquirido, e eles vão e colocam as suas análises, e eu sempre coloco para eles que precisam respeitar as outras opiniões, não é porque a sua é diferente que você precisa criticar. Não são todos que participam, mas aqueles que participam entendem a ideia e já vão se tornando sujeitos mais críticos quanto a isso.
7. Como eu disse anteriormente, tudo é voltado ao material digital, hoje em dia não tem mais o currículo que utilizamos antigamente, a gente passa o digital na lousa, e é o que eu utilizo, por meio de jogos, por meio da prática, são metodologias que eu utilizo. A tecnologia está muito presente atualmente na Educação Física.
8. Eu acredito que seria a participação em si dos alunos, tanto no Ensino Médio (um pouco mais), conforme eles vão crescendo eles não querem mais participar das aulas, e as nossas preocupações são que esse esporte que

está sendo ensinado na escola, que ele possa ser ampliado, gerar um certo interesse para que o aluno se torne um ser ativo e vá fazer alguma coisa fora da escola, seja um esporte ou seja em qualquer outra atividade física, mas que ele se movimente e que ele encontre dentro do esporte outras situações como o respeito com os colegas, a questão da empatia com o conhecimento do colega com o esporte, não ficar com xingamentos, então tudo isso o esporte trás na hora que eu estou trabalhando. **Você comentou sobre o pouco engajamento dos alunos do Ensino Médio, você acredita que principalmente para eles, a tecnologia atrapalha nas aulas?** Sim, bastante. E eu não digo a tecnologia que os professores utilizam, mas no sentido do celular, o vício no celular, de ficar totalmente dependente e a qualquer vibração/sinal eles vão olhar, ou ficam olhando a hora para ver se a aula vai acabar, porque precisam mexer no celular, e por mais que a gente passe algumas situações que utilizam o celular, por exemplo, tive uma aula no 1º ano que eu passei o Just Dance no celular, que eles usam como sensor, e eu utilizo a televisão, mas ainda é muito pouco perto do que a Educação Física pode oferecer. Então acredito que a tecnologia veio para o bem, mas por enquanto nas minhas aulas ela não tem sido tão boa.

9. Tem a questão da tecnologia, o desafio, como estamos falando em esporte, normalmente tem muitos alunos que não gostam de determinados esportes, que só querem fazer aqueles que eles estão acostumados a praticar, infelizmente ainda estamos naquilo que os meninos são o futsal e as meninas vôlei, ou as meninas nada, então já tem essas duas vertentes, antes elas ainda jogavam o vôlei, mas hoje nem o vôlei estão querendo mais jogar, e também a questão do incentivo, porque vem de fora, dos familiares, dos amigos, e tudo mais, e essa questão que o adolescente ele tem muita insegurança, então ele tem medo de fracassar na aula e ser caçoado pelos colegas, isso acaba gerando muitas limitações e faz com que eles não queiram fazer as aulas, pois eles têm muita vergonha de tudo, e preferem não fazer, ficar sem nota, gera um certo atrito entre professor e aluno, do que tentar fazer e ser zoado pelos outros alunos. **E com relação a materiais e espaços físicos, você acredita que também é um desafio para as suas aulas?** Sim, eu não citei porque depois de um certo tempo a gente acaba se acostumando com essa falta de materiais, mas a gente sempre aprende na faculdade ou com o dia-a-dia a adaptar os materiais, ou pedir para que os

alunos tragam determinado material, porque todo ano eu faço uma lista para a escola do que eu preciso, é bem básica, com bambolês, bolas, cones, o essencial, mas não é sempre que somos atendidos, infelizmente são poucas escolas que os professores são atendidos e que acaba não precisando adaptar nada, porque infelizmente os materiais custam caro, e acabam estragando muito fácil, então não dá para a escola ficar repondo o tempo todo, então temos esse desafio de sempre ficar adaptando, questões de coletes, lavagem dos coletes, muitas das vezes nós levamos embora para lavar, porque não tem essa rotatividade e a escola também não tem lugar para lavar, enfim, tem todas essas questões. Com relação ao espaço físico, mesmo a gente pedindo para consertar, depende do dinheiro, depende da vontade da gestão da escola, do tempo para lembrar que existe uma quadra, porque normalmente eles não vão até lá, e acaba ficando para trás.

10. O ensino integral que eu estou já faz 3 ou 4 anos, ele instiga muito o professor a estar sempre estudando, procurando aulas novas, sempre estar avaliando se determinada aula que você passou foi boa, se eu preciso adaptar alguma coisa, que a gente chama do PDCA, que é justamente isso, a gente vê o que vai passar, depois a gente testa e depois a gente analisa se deu certo, e se precisa refaz e faz modificações, então a gente sempre estar estudando. Dependendo dos anos a gente vai, da um lida, principalmente com relação a regras dos esportes, que sempre se modificam, os alunos trazem também muito disso, porque alguns praticam o esporte e eles nos informam sobre algumas mudanças. Material hoje em dia trás muitas questões dos Esportes Paralímpicos, que há um tempo atrás não tinha, e a gente vai tentando incentivar cada vez mais, e essa questão de adaptação de material também acontece nos Paralímpicos, para fazer com que os alunos entrem no mundo Paralímpico, pois eles questionam bastante que já que não tem alguma deficiência, porque eles precisam fazer. Mas fora isso, a gente acaba aprendendo muito com que os alunos trazem para a gente, de conhecimentos prévios e assim vamos nos atualizando cada vez mais.